

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	13
Parte um / Na trajetória do tempo	
Capítulo 1 Desvelando conexões	25
Capítulo 2 O padrão da vida.....	39
Parte dois / Montando o quebra-cabeça	
Capítulo 3 Definindo os fatores de auto-organização	47
Capítulo 4 Os centros consensuais de consciência.....	53
Capítulo 5 Os modelos de desordem - a ordem estratificada.....	81
Capítulo 6 Os condensados de Bose-Einstein	87
Capítulo 7 Os fatores de auto-organização.....	93
Parte três / A perspectiva de uma nova compreensão	
Capítulo 8 As leis da cura	109
Capítulo 9 Representações internas da enfermidade.....	127
Capítulo 10 Salto quântico: uma experiência possível.....	153
Capítulo 11 A sincronicidade como sentido de cura.....	167
Parte quatro / Os fatos	
Capítulo 12 Uma abordagem casuística	183
Capítulo 13 Compartilhando testemunhos	189
Agradecimentos.....	225
Epílogo	231
Bibliografia complementar	235

PREFÁCIO

E... Era uma vez - o novo?

A experiência mais bonita que se pode ter é a do misterioso...
Aquele para quem esta emoção é uma estranha, quem já não
pode pausar para admirar e maravilhar-se,
é como se estivesse morto.

ALBERT EINSTEIN

E... Era uma vez - nossas ondas colapsaram-se, encontraram-se; e daí surgiu uma tentativa desesperada de abrir espaço cada vez maior para a vida, para um despertar novo, de um futuro novo, que já é velho.

Naquela tarde de dezembro caloroso, levando minha filha na esperança de ajuda, não poderia imaginar que uma nova etapa de minha vida começava numa tocante sincronicidade. - E... Era uma vez - uma sincronicidade tão próxima da necessidade de saber, aprender coisas tão velhas e tão novas, que a agarro vorazmente. Confesso que me fascinei por sua calma, atenção, humildade, seu nariz esticado, sua pele lisa, seu olhar e sua escrita atenta, seu rosto com suas marcas, acolhedor aos meus mistérios e apelos. E... Era uma vez – houve na participação um encontro. Uma corrente passa entre ela e mim, então um diálogo silencioso começa e sinto vacilar minhas velhas certezas. E... Era uma vez – alguém que foi capaz de emocionar com o seu saber.

E...Era uma vez – eu - que até então o que sabia sobre outros saberes médicos, que não fossem os saberes médicos tradicionais, era aleatório - comecei a fazer um balanço e passei a conhecer o pensamento oriental, as práticas ligadas à saúde, à Física Quântica e à Homeopatia. Então, com o meu coração na mão, comecei a dar vazão à minha intuição, a não ter medo de parecer loucura, e comecei a ter uma outra relação com o mundo, que eu jamais havia me permitido - não ter medo do sentido, do intuitivo.

O trabalho desenvolvido por Míria não é mágica ou limitado somente às pessoas sensíveis; mas, sim, a possibilidade de cada um descobrir dentro de si sua capacidade real de sensibilidade, capaz de funcionar como rede de transmissão corpo-mente. Claro que Míria tem uma paixão sem medida em relação ao outro - e isso facilita a sua ação.

E... Era uma vez – uma rede de acolhimento. Sim, de acolhimento ao paciente que lhe chega para iniciar um verdadeiro resgate rumo à sua reestruturação de vida, à saúde como um processo criativo. Ter saúde é ser criativo.

O trabalho de Míria vem nos trazer esperança. Seu estudo epistemológico baseia-se num modelo teórico e experimental, comprovando a existência de um biocampo passível de auto-organização, que pode ser orientado adequadamente para a cura. E este trabalho mostra-nos um universo de percepções que perpassam várias épocas. Por isto é holístico, porque é síntese, porque é fator de auto-organização, porque é o que Hahnemann postulou como Simillimum.

E... Era uma vez - este livro como um apelo, um convite a criarmos uma forma de retrair e reinventar a vida, o mundo, como redescoberta de fontes interiores de paz, alegria e bem-estar, experimentando diretamente a transcendente interconexão com a vida.

E... Era uma vez - a consciência de que o nosso coração não é apenas uma máquina de bombear, mas, fundamentalmente, consiste em um coração emocional, psicológico e essencialmente espiritual. E, posso dizer, este trabalho reflete essa consciência.

Assim, abra seu coração. Pois, somos verdadeiramente criaturas, cuja essência nos convida, a todo momento, a tocar e a sentir. Que este livro possa tocar você. E que, da mesma forma, você possa sentir seu crescimento, sua transformação interior, sem possibilidade de retorno aos velhos padrões.

E assim vamos seguindo... Erguendo novas redes. Descobrimo as teias desta vida. Assimilando e sorvendo, aos pequenos goles, este trabalho. Saboreando, parágrafo por parágrafo, novos preceitos que geram, em nosso ser, a percepção da necessidade de se criarem pontes de vida, redes interligadas, efetivamente sustentadas pela chama acesa de nossos corações.

Faço então ao Deus da vida a minha prece: à vida nossa de cada dia, nos dai hoje... pessoas como Míria, que a cada momento nos possibilitam o acesso ao nosso próprio renascimento.

E... Era uma vez

Bertine Carlos Bezerra
Mãe de Júlio e de Joana

INTRODUÇÃO

O universo físico parece ser um holograma gigantesco
estando cada parte no todo e o todo em cada parte.

KEN WILBER

Nos dias de hoje é consenso emergente que toda a natureza consiste de campos contínuos de um cosmos pleno de energia. Vivenciamos, a partir de nossa percepção consciente, um mundo compartimentado, um mundo de efeitos que, no paradigma atual, vem abrindo, em alguns segmentos científicos, uma consciência da necessidade de penetrarmos no Universo das causas e na expressão da totalidade.

Este é o tempo de uma retomada consciente em direção ao que sabemos ser inquestionável.

Uma nova epistemologia para este Universo participativo requer síntese e dados experimentais que comprovem o princípio da correspondência e da complementaridade entre as dimensões sutis e materiais da existência.

No âmbito da Medicina, esses dados experimentais são rigidamente cobrados, e todo o processo de pesquisa no campo da energia tem sido abortado cientificamente, não se levando em conta os milhares de relatos, em todo mundo, de curas realizadas através de uma abordagem energética.

Não obstante, na Física Quântica e na Biologia, este paradigma atual sobre os campos de energia tem sido amplamente aceito e divulgado, promovendo um avanço significativo na consciência deste cosmo vivo que nos enlaça. Resume o físico Amit Goswami: “o realismo materialista que hoje predomina na Medicina postula um Universo sem qualquer significado espiritual, material, vazio e solitário. Em resumo, vivemos em crise, não tanto uma crise de fé, mas uma crise de confusão. Como foi que chegamos a este deplorável estado? Quando aceitamos o materialismo como a denominada visão de mundo”.

Se a Medicina oficial, que tem como missão primordial cuidar dos seres em sua totalidade, nega ostensivamente o essencial, o fator determinante de todos os dramas que ela pretende resolver, pertinente é concluir que a resultante desse processo seria o espetáculo dramático das inversões a que assistimos na sociedade atual.

À proporção que essa Medicina não admite em sua base os fundamentos do domínio quântico, reflete-se em sua terapêutica a ausência de uma percepção integrativa. Resulta dessa visão uma atuação supressiva sobre os campos interativos, um descaso cujo preço tem sido caro para os seres que pagam com suas vidas e sua saúde a compensação que a energia infalivelmente cobra, baseada nas leis de causa e efeito.

Evidencia-se, então, que a Medicina alopática marcha num processo de crescente fragmentação, fixada e dogmatizada numa visão mecanicista, orientada para o uso maciço da tecnologia, e à margem de toda concepção sistêmica da vida. Como dizia Morris Berman, esta visão materialista do mundo exilou-nos do mundo encantado em que vivíamos no passado e condenou-nos a um mundo alienígena.

Assim como a ciência investigou sobre as leis que governam a matéria, da mesma forma, partindo de uma visão reducionista, negou o acesso à compreensão dos processos intrínsecos interativos, que governam os campos da criação. A questão é que esses processos do mundo implícito seguem atuando, independentes da abrangência de nossa percepção e, quando não devidamente respeitados, promovem desequilíbrio, instabilidade nos sistemas interligados, dissociações nas inter-relações com o meio, doenças e toda sorte de distorções.

Curar sem a visão da totalidade significa suprimir. A supressão resulta em um aprofundamento do desequilíbrio, indicando que a distorção caminha em direção ao centro do Ser, partindo do físico rumo

aos campos emocional e mental. Isso explica a insanidade que grassa no mundo nos dias de hoje, decorrente da atuação sistemática de quimioterápicos, cada vez mais potentes e eficazes em bloquear a expressão desse campo interno.

A arte de curar é, antes de tudo, a arte de perceber, de estar atento aos dois lados da dimensão da realidade. Dar-se conta, como postulava David Bohm, de que este mundo, a que assistimos manifesto ou da ordem explícita, deriva de um nível mais profundo que só podemos conhecer indiretamente, denominado de mundo da ordem implícita. Essa consciência não implica negar toda a tecnologia que atingimos, mas saber adequá-la aos movimentos internos desta essência inteligente que nos habita. Procurar compreender e respeitar as ordenanças desses padrões intrínsecos representa o berço da ética médica.

Atualmente, quando analisamos as manchetes mundiais, apontando para o rascunho do genoma, e para todo um projeto que visa, em última instância, a uma organização no nível dos genes, damos-nos conta, dentro de uma correta visão sistêmica, de que os cientistas desse projeto, na realidade, não estão lendo o livro da vida, mas apenas o disquete da vida. Essa visão da totalidade sistêmica estabelece que qualquer modificação no genoma, mesmo em nível molecular, significa ainda uma atuação no mundo explícito, no mundo transcrito a partir de uma matriz original e criadora.

Faz-se necessária a compreensão de que as relações criativas da vida se processam nessa matriz criativa, representada pelas partículas elementares geradoras de consciência, pelo mundo implícito, tal como definido por David Bohm. Dessa forma, as correções futuras no nível do genoma, sem considerar as interconexões com essa matriz criativa, gerarão dissonância entre as duas dimensões da realidade. E, certamente, essa dissonância trará desordens e mutações posteriores em relação aos padrões estabelecidos aleatoriamente pelos programas genéticos.

Isso sem falar na implicação ética desses programas. Lembrem o pesadelo nazista das políticas da eugenia contra portadores de genes ligados a doenças e características físicas e mentais indesejáveis e permitem a discriminação por parte de seguradores e empregadores. Esse pacote de programas, que ainda inclui a possibilidade de alterar fetos em útero, evitando doenças, é visto com desconfiança por alguns cientistas. O especialista de biotecnologia Lee Silver, da Universidade de Princeton, por exemplo, afirma que a era dos bebês sob medida também poderá marcar o surgimento de “subclasses genéticas”.

A Física Quântica assinala, em todos os relatos, a busca de teorias unificadas, o sinergismo dentro de uma concepção sistêmica da vida. Segundo o físico Ervin Laszlo, a visão estabelecida da ciência está se tornando opaca e, embora as ciências naturais estejam mais avançadas do que nunca, estão longe de terem solucionado todos os mistérios e compreendido tudo que se pode compreender sobre o mundo experimentado. Ervin Laszlo afirma ainda que, ao contrário, a imagem confiante de meados do século está desaparecendo: “áreas inteiras estão faltando, como se alguém tivesse retirado algumas peças do quebra-cabeça e tivesse montado o resto”.

De fato, algumas peças importantes foram desprezadas e não consideradas sob o julgamento de serem ilusórias ou extracientíficas. E hoje nos damos conta da necessidade desses elos. Faltam dados importantes. Como em um filme cortado, fomos privados de questões fundamentais no diálogo existencial. A gravidade da questão repousa no fato de que, “no nosso filme atual”, as personagens estão vivendo um drama de graves proporções, desconhecendo-se as causas e os significados profundos que esta realidade impõe.

Observa-se, por conta disso, uma tendência em alguns setores científicos de analisar todo o conhecimento passado, no sentido de averiguar onde ocorreram os cortes, que dados foram omitidos, que conhecimento nos foi negado pela visão analítico-cartesiana do mundo. É, antes de tudo, um tempo de revisão e de reavaliação de todos os conceitos e postulados, um tempo de descoberta de elos coerentes, que nos permitam decifrar o conhecimento das antigas Tradições, sob a nova luz da Holística.

Dentre as antigas Tradições, situa-se, de forma destacada, a Alquimia e seus estudos Herméticos, como reduto de um conhecimento totalmente desprezado pela ciência oficial, apesar de ter sido constelada por homens significativos na história da Medicina, da Química e da Astrofísica. Torna-se então necessária uma abertura que transcenda todo o preconceito imposto por diversas facções no

passado, a fim de que ocorra uma justa avaliação da questão, que ateste, em última instância, o verdadeiro sentido da consciência científica.

Na análise mais apurada do conhecimento hermético, observa-se que analisavam profundamente todos os aspectos do mundo da ordem implícita, que chamavam de alma. Entendiam a alma como a matriz de todo o processo formativo, a matriz criativa, sendo a Alquimia por base definida como o processo de transformação da alma.

O “Selo de Salomão”, que contém os sinais representativos dos quatro elementos da natureza, era também aplicado à alma. Neste simbolismo, os quatro elementos da natureza são reduzidos por processos anímicos de contração, para apenas dois elementos: o fogo (Δ) e a água (∇), o casal alquímico do ativo e do passivo - a mesma oposição encontrada posteriormente em vários grupos de elementos. O Selo de Salomão (\star) representa a grande síntese no nível da alma, a comunhão e a transmutação dos elementos envolvidos, de maneira que sua água se torna sólida e seu fogo não queima, um elemento incorpora o outro. É o triângulo que abraça o triângulo.

A ciência hoje conhece quatro tipos de campos universais: o gravitacional, o eletromagnético e os campos nucleares forte e fraco. De acordo com o campo das grandes teorias unificadas (GUTs) da nova Física, esses são os únicos campos e forças universais que existem. No entanto, um quinto campo já é postulado pelos pesquisadores de vanguarda, nos domínios da Física e da Biologia.

Na Física, Laurence Beynam descreveu oito características desse quinto campo. Ele pode ser observado no calor, na eletricidade, no magnetismo e nas reações químicas, embora seja diferente de todos eles; preenche todo o espaço e permeia todas as coisas; é refratado por metais e absorvido por tecidos orgânicos; é sinérgico, tendo um efeito organizador negentrópico; todas as mudanças observadas nos objetos são precedidas por ele, cuja densidade varia na proporção inversa da distância; retém ainda os padrões de conexão dos objetos como se configuravam no passado.

A Biologia também postulou um quinto campo, para compreender como as formas admiravelmente ordenadas na natureza viva foram produzidas. Segundo Laszlo, vários biólogos sugeriram que, somado ao programa bioquímico e aos programas genéticos, um campo de tipo especificamente biológico tem de ser ativo no organismo.

Alexander Gurwitsch postulou um campo morfogenético (gerador de forma), buscando dados observados na embriogênese, onde o papel das células individuais não é determinado nem por suas propriedades nem por suas relações com as células vizinhas, mas por um fator que envolve todo o sistema. Ele postulou que o sistema gerado pelos campos de forças particulares de células individuais seria envolvido por um amplo campo de força não material, afirmando, posteriormente, que o não material poderia ser traduzido para uma linguagem da Física.

Mais recentemente, biólogos como Brian Goodwin postulam que todas as formas da natureza viva se desenvolvem quando os campos biológicos atuam sobre unidades orgânicas existentes. O biocampo é a unidade básica da forma e da organização dos sistemas vivos. Segundo Brian, moléculas e células são apenas “unidades de composição”. A vida se desenvolve, de acordo com Goodwin, na interface entre o organismo e seu meio ambiente, numa dança sagrada, gerada pela interação entre os organismos vivos e o campo que os envolve.

Seria então a “alma”, que os alquimistas denominavam de matéria-prima do mundo, esse biocampo, esse fator de interconexão na natureza, responsável pela expressão desse holocampo universal?

O conhecimento Hermético indicava as leis universais que determinavam as interações nesse campo e analisava, a partir dessas premissas, os processos necessários para a cura. Da mesma forma, esses estudos apontavam para uma interconexão de ressonância entre determinados metais e uma condição estrutural sutil dos seres vivos. Trabalhavam experimentalmente uma elaboração energética desses elementos através da transmutação pelo fogo, processos estes que, por não terem sido devidamente investigados e compreendidos, foram tidos como algo do domínio das bruxas.

Samuel Hahnemann, o criador da Homeopatia, definiu um processo semelhante de liberação de energia, através da transmutação de determinados elementos pela água, método igualmente hoje

questionado pelo “establishment científico”, que, como não consegue explicar a existência de um princípio curativo numa diluição acima do número de Avogadro, preferiu colocá-lo como algo pertinente aos domínios da fé.

Define-se, dentro de uma visão reducionista tecnicista clássica, que os resultados inexplicáveis simplesmente não existem, apesar das evidências nos dados experimentais. No entanto, quando no contexto alopático não se consegue explicar o “bug” que ocorre na saúde de um indivíduo altamente suprimido, diz-se que a causa é idiopática, ou que o problema é de “fundo emocional”, como se o “fundo emocional” fosse algo não pertinente à Medicina.

Envia-se, então, o paciente ao terapeuta. Hoje, esse profissional deveria ter um reconhecimento especial entre todos os profissionais de saúde. Pois, acolhe aquele ser totalmente suprimido e fragmentado, e inicia um verdadeiro resgate rumo à sua reestruturação interna. Vemos aí outra inversão porque, na realidade, a verdadeira função da Medicina é organizar o campo energético do indivíduo, de forma a retirar os obstáculos para a ascensão da consciência. A saúde é, apenas, uma consequência natural do processo.

Sendo assim, a terapia deveria ser indicada, inclusive para todos, como um caminho necessário à elaboração do processo de individuação do ser rumo à sua plenitude, e não unicamente com o intuito de resgatar do inferno interior os indivíduos vitimados pelas sucessivas supressões ao longo da vida, encargo que lhe foi imposto nos dias atuais.

Hahnemann deu-nos, como exemplo e modelo, essa visão de amplitude da Medicina, no cuidado pela consciência e nos propósitos do ser frente à sua existência. Foi, antes de tudo, um terapeuta da alma e, na sua época, um navegador solitário deste mundo implícito, que, de forma única, alcançou compreender. Conseguiu acessar a atual visão holística, que engloba este mundo implícito numa dimensão que exige inteireza e totalidade.

As Leis Homeopáticas de cura, formuladas por Hahnemann, denotam a mesma intenção e fonte de conhecimento, se comparadas às leis de cura abordadas pelos mestres alquímicos. Faltou à Homeopatia apenas uma pesquisa mais detalhada desses estudos, no sentido de encontrar, no âmbito homeopático, a perspectiva de um fator sinérgico que definisse, na sua terapêutica, o mapeamento desse mundo implícito, já conhecido pelas antigas Tradições Herméticas.

A pedra filosofal representava um resumo, um coeficiente, uma síntese de elementos capazes de criar uma dinâmica viva nos seres, reportando à possibilidade de uma real transmutação interna. Dentro desse contexto, vem sendo postulada por vários físicos quânticos e biólogos contemporâneos a existência de um padrão intrínseco de auto-organização nos seres vivos; hipótese que resume a proposta inicial da pedra filosofal dos mestres alquímicos.

Hahnemann definiu esse fator de organização através do que chamava de simillimum, um medicamento homeopático que, pela lei dos semelhantes, combinaria de forma idêntica com a totalidade dos sintomas do indivíduo em questão. A bem da verdade, os relatos de cura, a partir do sal elaborado pelos mestres alquímicos, são bastante semelhantes ao proposto pelo simillimum de Hahnemann, até mesmo o seu aspecto – um grão de arroz - era semelhante aos clássicos glóbulos homeopáticos. Também é bastante semelhante o que se espera da evolução do paciente nos quadros agudos e crônicos, transcendendo, no nível da lógica, a possibilidade de uma mera coincidência.

Laszlo sustenta que estamos na iminência de uma revolução científica, cuja principal característica é a interação de uma série de descobertas, dentro de uma moldura teórica altamente unificada, simples e abstrata. Segundo ele, isso nos trará uma compreensão mais coerente, integrada e consistente da realidade, dando ênfase a uma visão de totalidade.

A proposta desse estudo epistemológico baseia-se num modelo teórico e experimental que comprova a existência de um biocampo passível de auto-organização, que pode ser orientado adequadamente para a cura de padrões mórbidos, obedecendo-se a regras traçadas pelo conhecimento profundo dos padrões intrínsecos, abordado pela Tradição Alquímica. Traça um paralelo entre Animismo e

Holismo - mostrando que uma teoria, na realidade, representa uma visão atualizada da outra - visando, em última instância, compor o holograma necessário à compreensão e obtenção dos elementos fundamentais à neutralização dos padrões mórbidos.

Nesse aspecto, a doença é analisada como um produto de padrões internos dissociados, representando, na realidade, o substrato do descuido, o grande grito de alarme de uma inteligência profunda clamando pela inteireza. De fato, os antigos hermetistas ensinavam que o essencial não seria apenas a cura de doenças, mas, antes de tudo, o cuidado pela consciência. Se esse cuidado, esse sentido, é negligenciado, como acontece nos dias atuais, surgem os miasmas ou “lixos energéticos”, derivados de uma consciência dissociada.

O desequilíbrio é sempre assinalado primeiramente nos campos sutis do indivíduo, refletindo-se em uma mudança inicial nos padrões de pensamentos, sentimentos e emoções. Os padrões sutis não restaurados promovem instabilidade e desequilíbrio, seguem tocando seus alarmes cada vez mais estridentes e terminam por materializar-se no nível físico, com o intuito dramático de buscar a sua auto-correção. E hoje, pelo predomínio do paradigma racional-analítico-cartesiano, encontramos a humanidade queixosa de uma infinidade de doenças crônicas, como um lixo sem fim - o lixo observado no nível ecológico, atômico, social, que reflete, em última instância, a resultante desse substrato interior dissociado.

A questão primordial não se enquadra apenas em uma visão preventiva da Medicina, porque ainda assim estaríamos direcionados apenas para a saúde física e emocional. Enquadra-se, sim, em uma visão de responsabilidade da Medicina frente aos destinos destas almas espirituais que chegam a este mundo, em busca de evolução e amplitude de consciência. Creio que o médico deva ter essa visão diante de cada ser que recebe, de cada indivíduo que lhe é enviado pelo Grande Mistério, num encontro que deveria resultar em um possível acesso desse ser à dimensão numinosa da existência.

Curar é dar condições ao Alquimista interno de cada um, no sentido de encontrar as ferramentas e as energias necessárias para compor sua autotransformação e cura. Processo que, quando assistido na prática pelo médico, retrata uma transformação na manifestação de tantas dimensões internas, que atesta invariavelmente assistência a um ser essencialmente espiritual. Dessa forma, aquele de quem cuidamos nos lembra a cada instante Quem Somos e Quem Ele É. Verdadeiramente segue sendo essa consciência a representação do grande sentido da cura e da transformação entre os seres.

Os médicos atualmente testemunham, diante deste quadro em que a humanidade se encontra, todos os limites do desespero e loucura que os seres humanos podem comportar. Estão na linha de frente da agonia e, paradoxalmente, poderiam e deveriam estar na linha de frente da contemplação plena, se a dimensão implícita fosse observada. O zelo pela consciência é um testemunho possível e será o testemunho da Medicina nos tempos que virão, reservando aos médicos um reencontro com o Arquétipo interno que a arte médica sustenta em sua essência, a força Arquetípica outrora disponível aos mestres Alquímicos.

A idéia é abrir um modelo holográfico da Medicina, através de um mapeamento dos padrões de auto-organização, dos modelos de desordem e das teias vivas que este padrão de rede intrínseca comporta. Enquadrar os parâmetros de interação como fluxo, ritmo, ressonância, sincronicidade e flexibilidade. Analisar os caminhos possíveis de fixação da consciência em relação aos centros consensuais dinâmicos do corpo. Estudar os fatores que permitem os saltos quânticos, gerando as experiências de pico que acessam as dimensões criativas da existência.

Isso requer uma investigação das representações internas das enfermidades, seus fatores intrínsecos determinantes, a compreensão de nossas percepções distorcidas a partir do nosso *self* separado, e onde este *self* consciente se enquadra na responsabilidade e causa das doenças. Na realidade, busca-se definir, num apanhado holístico, o que os alquimistas concebiam como fator de síntese, que Hahnemann postulou como *simillimum* e os Físicos quânticos denominam de fator de auto-organização.

Esse fator representa um elo verdadeiro num universo de percepções que atravessaram várias épocas. É como a mesma música cantada em tempos diferentes, tempos tão diferentes que a música é sempre tida como nova, cada vez que alguém pensa que a inventa. Na realidade, estamos sempre

reeditando a mesma canção através dos tempos e gerações, sob novos paradigmas e conceitos, mas definindo-a mediante a mesma sintonia interna.

A proposta é o encontro dessa melodia no nível desses elementos estudados detalhadamente pelos Hermetistas, que representam as sete notas da natureza, as quais permitem ressoar em cada ser o numinoso que o habita. Esse era o único sentido dessa melodia em todos os tempos, e quem tiver a graça de ouvi-la saberá, no mais profundo de sua alma, que essa é uma música para todas as artes, para todos os seres e para todas as causas.

CAPÍTULO 1

DESVELANDO CONEXÕES

“Há um tempo para tudo,
e há mesmo um tempo
para que os tempos se reencontrem.”

Jacques Bergier

Conhecem-se mais de cem mil obras ou manuscritos alquímicos, compondo uma vasta literatura, à qual se consagraram espíritos de categoria, homens importantes e honestos, que comprovam de forma inquestionável a adesão a fatos e a realidades experimentais, através de um conhecimento que, por razões estranhas ao entendimento, nunca foi explorado cientificamente.

É inconcebível admitir que nunca houve uma equipe de criptógrafos, historiadores, físicos, biólogos, químicos, linguistas ou cientistas matemáticos, que tivesse se reunido em torno desta biblioteca alquímica completa, com a missão de verificar o que existe de verdadeiro nos velhos tratados.

Possivelmente, nesses cem mil livros estão contidos alguns segredos da energia e da matéria e o que se estima é que civilizações passadas tenham sido inclusive vitimadas pelo mau uso desse conhecimento. Em relação a isso, Frédéric Soddy afirma em *L'interpretacion du Radium*: “Penso que existiram no passado civilizações que tiveram conhecimento da energia do átomo e que uma má aplicação dessa energia as destruiu totalmente”.

Isso explica o segredo que os alquimistas faziam em torno do processo, tornando os textos muitas vezes indecifráveis para os que não estavam familiarizados com seus símbolos e representações. Como disse, certa vez, Jacques Bergier num prefácio: “Se existe um processo que permite fabricar bombas de hidrogênio num fogão de cozinha, é francamente preferível que este processo não seja revelado”.

De fato, o fascínio de penetrar no universo alquímico e suas representações envolve mistério, desvelos de imagens subjetivas e interpretações que se traduzem não só como um desafio em relação ao conhecimento em si, mas também como exigência necessária à transcendência de barreiras criadas por nossos próprios preconceitos. As crenças supersticiosas - impostas principalmente pelos teólogos da Idade Média que combatiam a Doutrina Secreta a ferro, fogo, pelourinho, força e cruz - assim como a profunda repressão, atualmente mantida pelo pensamento racionalista, terminaram por gerar um estigma que o mundo científico até hoje não conseguiu transpor, dificultando uma real investigação de todo esse conhecimento.

De todos os fragmentos ocultos dessa ciência, nenhum foi tão zelosamente guardado quanto os fragmentos Herméticos, transmitidos ao longo dos séculos, desde o tempo em que foram estabelecidos por Hermes Trismegisto (Trismegisto significa “O três vezes grande”, “O grande entre os grandes”). Pai da Ciência Oculta, da Astrologia e da Alquimia, Hermes viveu no antigo Egito, tendo sido contemporâneo de Abraão, e seu instrutor, se for verdadeira a lenda. Após a sua morte no Egito, fizeram-no um de seus deuses, sob o nome de Thoth. Os egípcios reverenciaram-no por muitos séculos

como o mensageiro dos deuses. Na Grécia, foi reverenciado como “Hermes, o deus da sabedoria” e, em todos os países antigos, como “Fonte de Sabedoria”.

Foram atribuídas a Hermes mais de 2000 obras. Estes estudos Herméticos detinham como supremo significado o conhecimento das inter-relações existenciais, a visão de que tudo está contido em tudo, de que todas as coisas provêm de uma matriz única e universal, um campo formativo que chamavam de alma ou matéria-prima do mundo.

Deixavam claro, em seus relatos, que a alma ou matriz formativa estabelecia o sentido de todo o processo alquímico. Relacionavam a alma dos seres à alma de cada elemento da natureza, já que consideravam as correspondências entre todas as coisas.

Desde tempos remotos, essa Doutrina básica do Hermetismo, conhecida como “Caibalion”, foi transmitida de mestre a discípulo, mas o significado exato perdeu-se ao longo da história. Na coleção de máximas, axiomas e preceitos contidos no Caibalion, encontra-se um especial relato acerca das Leis Universais postuladas por Hermes, todas reconhecidas e atestadas pela Física atual, dentro de uma nova concepção holística. Essas Leis são definidas em sete princípios fundamentais:

- I - O Princípio do Mentalismo: “O Todo é Mente; o Universo é Mental”.
- II - O Princípio da Correspondência: “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”.
- III - O Princípio da Vibração: “Nada está parado; tudo se move; tudo vibra”.
- IV - O Princípio da Polaridade: “Tudo é Duplo; tudo tem pólos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados”.
- V - O Princípio de Ritmo: “Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação”.
- VI - O Princípio de Causa e Efeito: “Toda a causa tem seu Efeito, todo o Efeito tem sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente um nome dado a uma lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei”.
- VII - O Princípio do Gênero: “O Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e feminino; o gênero se manifesta em todos os planos”.

O presente estudo sugere uma epistemologia dentro de um mapeamento comparativo entre essas Leis Universais dos antigos Hermetistas e os fundamentos do pensamento sistêmico contemporâneo. Dentro desta análise, evidencia-se a comprovação dos princípios da polaridade, ritmo, vibração, textualmente comprovados nos domínios da Física Quântica atual.

O princípio da correspondência, hoje, é citado de forma abrangente pelos físicos em freqüentes comparações entre as diferentes dimensões da realidade. Por exemplo, a consciência da continuidade dos campos entre as partículas elementares e as galáxias confirma o que os Hermetistas postulavam: “Assim no microcosmos, como no macrocosmos”.

O princípio do gênero também encontrou seu reconhecimento científico na concepção atual dos conceitos de complementaridade, evocando, na realidade, as mesmas interpretações básicas dos antigos axiomas.

Da mesma forma, o princípio que afirma ser o Universo mental foi comprovado recentemente pelos neurocientistas Humberto Maturana e Francisco Varela. Através da teoria de Santiago, comprovaram ser o processo da vida um processo essencialmente cognitivo ou mental, o que será descrito posteriormente.

No entanto, o princípio ainda polêmico para a atualidade é o da Causa e Efeito. Os alquimistas afirmavam que as incertezas observadas nos experimentos quânticos não provêm de eventos aleatórios como parecem aos olhos do observador no instante da medição. Mas obedecem a uma cadeia de causas, onde um evento mantém um elo precedente na grande cadeia ordenada de eventos, que influirá, por sua vez, no resultado do experimento, através do observador em questão. Segundo esse raciocínio, o observador porta em seu biocampo todo um Universo de cadeias de causas, capaz de influenciar a medição do experimento, através da interação entre os dois campos intrínsecos: o do observador em questão e o das partículas elementares envolvidas no processo. Afinal de contas, é consenso que tudo vibra e interage por ressonância na natureza, e as interconexões destes campos contínuos evocam, em última instância, a linguagem essencial da vida.

Se a realidade fundamental em si é essencialmente indeterminada, como atestou Heisenberg, é porque a cadeia de causas é desconhecida para o observador, que analisa apenas o mundo da ordem explícita. E isso ocorre porque essa cadeia de causas se relaciona ao mundo implícito que só pode ser definido de forma indireta, tal como estabelecido por David Bohm. Portanto, ao que parece, o Princípio da Incerteza de Heisenberg, numa visão Hermética, estabelece a incerteza em relação ao desconhecimento das causas, isto é, a incerteza como um conceito interpretado unicamente pelo observador, que desconhece a abrangência do mundo implícito. Dessa maneira, os estudos alquímicos afirmavam que o acaso é a interpretação dada a um evento cujas causas não foram reconhecidas ou percebidas na expressão da totalidade.

David Bohm postulou que “através da ação do potencial quântico, a totalidade do mundo manifestado deriva da ordem implícita, como uma subtotalidade explícita de formas estáveis e recorrentes. Como todas as coisas são unidas na ordem implícita, não existe mais a possibilidade de qualquer evento ao acaso na natureza. Tudo o que acontece na ordem explícita é expressão da ordem do reino implícito. Os quarks quanto as galáxias, os organismos e os átomos, todos são parte da ordem subjacente ao mundo da observação e da experiência”.

Se a visão da Física contemporânea estabelece que a natureza consiste da interação de campos contínuos, perguntamo-nos de que forma poderia existir possibilidade para o acaso ou eventos aleatórios?

Dessa forma, esse estudo vem demonstrar, através de dados experimentais, que toda a sincronicidade necessária para o processo criativo depende diretamente de uma atuação consciente auto-organizadora, através de uma cadeia de causas inseridas numa dimensão implícita, dando como resultante uma cadeia de eventos sincrônicos, que constroem todo o mapeamento criativo necessário à individuação.

Por essas razões, a Lei de Causa e Efeito não implica necessariamente determinismo, pois as experiências de pico e os *insights* conscientes são capazes de provocar o rompimento dessa cadeia de causas, abrindo espaço para a mudança criativa na trajetória existencial. A esse processo os alquimistas chamavam de a “Grande Obra”.

Outro axioma Hermético, discutido pela ciência atual, afirma:

“Enquanto Tudo está n’o Todo, é também verdade que O Todo está em Tudo. Aquele que compreende realmente esta verdade alcançou o grande conhecimento”.

Para Bohm, como para seus antecessores Whitehead e Teilhard de Chardin, essa visão da realidade como processo o leva a considerar a presença de propriedades protoconscientes, no nível da física das partículas. Sabe-se que, de alguma forma desconhecida, um elétron ou fóton (ou qualquer outra partícula elementar), parece saber sobre as mudanças em seu ambiente, aparentemente reagindo de acordo com elas. Isso se torna o que se considera de mais misterioso nos domínios da observação. Bohm afirmava que essas propriedades “sábias” das partículas elementares poderiam ser comparadas a bailarinos obedecendo a uma partitura musical. A partitura seria “um banco de informações comum a todos e que orienta cada um dos dançarinos à medida que executam seus passos”.

Conforme descrito por Bohm, essa partilha de informações, esse “saber” mútuo que o elétron apresenta não só em relação ao seu próprio pacote de ondas, mas também à informação latente na situação como um todo, incluindo os outros elétrons, instrumentos usados e os observadores, aponta para uma percepção consciente elementar da parte do elétron. De fato, esta teoria do Pampsiquismo tingiu o pensamento de pessoas diferentes em tempos diferentes, como Parmênides e Heráclito, Spinoza e Bohm, atestando, através da observação, essa máxima da tradição Alquímica.

É importante notar que essas Leis e preceitos Herméticos foram preservados ao longo dos séculos por homens notáveis, independente de suas raças ou credos, tendo essa condição sido possível, pelo fato desse conhecimento atuar além do que a Teologia e a Ética pudessem explicar. Compreendiam a integração entre todas as coisas e guardavam os princípios do pensamento animista, que tratava toda a natureza como viva. A concepção animista retratava tudo como pertencente a uma grande corrente unificada e completa, que se estendia do homem até as menores partículas da matéria inanimada, sintetizando a metáfora da Grande Corrente do Ser.

Cabe aqui perguntar como a Alquimia, com toda a sua carga mitológica, pode ter sido aceita por religiões monoteístas: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo? Deve-se buscar a explicação nas idéias cosmológicas próprias da Alquimia, que se referem tanto à natureza externa, metálica ou simplesmente mineral, como também à natureza interna.

São infundáveis os testemunhos de poetas românticos e de homens pertinentes ao domínio científico da época, relatando a observação de experimentos científicos e comprovações de curas. Jacques Bergier cita como exemplo Newton, que também acreditava na existência de uma cadeia de iniciados que se alastrava no tempo até uma antiguidade muito remota e que teriam conhecido os segredos das transmutações e da desintegração da matéria. Eis o que Newton escreveu:

“A maneira pela qual o mercúrio pode ser assim impregnado foi mantida em segredo por aqueles que sabiam, e constitui provavelmente um acesso para qualquer coisa de mais nobre do que a fabricação do ouro e que não pode ser comunicada sem que o mundo corra um imenso perigo, caso os escritos de Hermes digam a verdade”.

E mais adiante Newton escreve: “Existem outros grandes mistérios além da transmutação dos metais, se os grandes mestres não se gabam. Só eles conhecem estes segredos”. E de outro feito afirmou: “Se subi tão alto, é porque estava sobre os ombros de gigantes”.

Encontram-se, amiúde, testemunhos como o de Goethe, que relatou, em seu oitavo livro de Poesia e Verdade, o que o levou a iniciar seus estudos alquímicos. Goethe retornou a Leipzig seriamente enfermo, em setembro de 1768, e sua enfermidade se agravou rapidamente. Seu tratamento foi confiado a um iniciado Hermetista, sobre o qual Goethe escreve:

“O médico, um homem estranho, de olhar sutil, de trato agradável, porém por outro lado, difícil de penetrar, havia adquirido uma reputação muito particular no círculo piedoso.

Ativo e pleno de atenções, era reconfortante para os enfermos, porém, havia sobretudo aumentado a sua clientela, aportando o favor de mostrar às escondidas alguns remédios misteriosos que havia ele mesmo preparado e dos quais ninguém deveria falar, pois estava rigorosamente proibido entre nós a preparação de nossos próprios medicamentos. Mostrava-se menos secreto com alguns pós, provavelmente digestivos; porém, do importante Sal, que não deveria ser empregado a não ser em caso de extremo perigo, só se falava entre os fiéis, embora ninguém tivesse nunca visto este Sal, nem experimentado seu efeito. Para provocar e afirmar a fé de seus enfermos na existência possível de um tal remédio universal, o médico recomendava aos pacientes que lhe pareciam dotados de certa abertura, certas obras de mística e de química alquímica, levando-os a entender que, pelo estudo destes livros, poderia a própria pessoa adquirir este tesouro, o que era por outra parte tanto mais necessário quanto que, por razões sobretudo morais, era difícil transmitir o segredo de sua preparação. Mais ainda assim, para compreender, preparar e utilizar esta Grande Obra, haveria de se conhecer a Natureza em todas as suas relações secretas, já que não se tratava de uma coisa particular, senão de um princípio universal, que podia, por outra parte, obter-se sob formas e aspectos diversos.

Entretanto, uma duríssima prova me aguardava: pois uma digestão transtornada, se pode inclusive dizer que destruída em certos momentos, provocou sintomas tais que fui tomado pela angustia, crendo perder a vida, e nenhum dos remédios empregados queria já atuar. Na angustia extrema, minha mãe, no desespero, agarrou com uma extraordinária violência o citado médico, para forçá-lo a decidir-se na liberação do remédio universal. Após uma larga resistência, acabou por retornar à sua casa tarde da noite, para voltar a passo apressado com uma pequena redoma de sal, cristalina e seca, que foi dissolvida em água e engolida pelo enfermo. O produto tinha um gosto nitidamente alcalino. Logo após ter sido absorvida, se manifestou um alívio. A partir deste instante, o curso da enfermidade mudou e se produziu uma melhoria progressiva. Não posso expressar até que ponto reafirmou a fé em nosso médico e aumentou nosso zelo de possuir um tal tesouro.”

Sobre a Grande Obra de que nos fala Goethe, o adepto Fulcanelli, na década de 50, relata pessoalmente a Bergier o seguinte:

“Pedis-me para resumir, em quatro minutos, quatro mil anos de filosofia e os esforços de toda a minha vida. Pedis-me, além disso, para traduzir em linguagem clara conceitos para os quais a linguagem clara não é feita. Apesar de tudo posso dizer-vos o seguinte: não ignorais que, na ciência oficial em progresso, o papel do observador se torna cada vez mais importante. A relatividade, o princípio da incerteza mostram-nos até que ponto o observador de hoje intervém nos fenômenos. O segredo da alquimia é o seguinte: existe um meio de manipular a matéria e a energia de maneira a produzir aquilo que os cientistas contemporâneos chamariam de ‘campo de força’. Esse campo de força age sobre o observador e coloca-o numa situação de privilégio em face do Universo. Desse ponto privilegiado ele tem acesso à realidade que o espaço e o tempo, a matéria e a energia habitualmente nos dissimulam. É aquilo que chamamos a Grande Obra”.

Os alquimistas, na preparação do Sal descrito por Goethe, afirmavam utilizar no processo uma água que deveria passar milhares de vezes pela destilação, técnica inúmeras vezes ridicularizada por historiadores que afirmavam ser essa elaboração demencial. No entanto, é por meio desta técnica descrita pelos alquimistas, hoje reconhecida como “a fusão da zona”, que se prepara o germânio e o silício puro dos transistores. Citamos ainda alguns adeptos notáveis que enriqueceram o nosso conhecimento do real:

Alberto Magno (1193-1280) → conseguiu preparar a potassa caustica. Foi o primeiro a descrever a composição química do cinabre, do alvaiade e do mínio.

Raimundo Lúlio (1235-1315) → preparou o bicarbonato de potássio.

Teofrasto Paracelso (1493-1541) → um dos mais controversos e misteriosos médicos e filósofos do passado. Tornou-se famoso por criticar abertamente Galeno, Avicena, Rhazza e outros cujas obras queimou publicamente. Foi muito perseguido pelo clero e por seus colegas devido às suas idéias revolucionárias, não se rendendo ao espírito dominante da época. Suas pesquisas com a Alquimia abriram caminho para a doutrina dos medicamentos específicos, e seus trabalhos levaram à introdução do chumbo, enxofre, ferro, zinco e arsênico na química farmacêutica.

Giambattista della Porta (1541-1615) → preparou o óxido de estanho.

João Baptista Van Helmont (1577-1644) → descobriu a existência dos gases.

Basile Valentin (do qual ninguém jamais soube a verdadeira identidade) → descobriu no século XVII o ácido sulfúrico e o ácido clorídrico.

Brandt (falecido em 1692) → descobriu o fósforo.

Joahann Friedrich Boettcher (1682-1719) → foi o primeiro europeu a fazer a porcelana.

Blaise Vigenère (1523-1596) → descobriu o ácido benzóico.

Breton (1722) → em seu trabalho Clefs de la Philosophie Spagyrique, fala do magnetismo de maneira inteligente e, freqüentemente, antecipa a respeito das descobertas modernas.

Fora dos domínios da Alquimia, encontramos, da mesma forma, e compartilhando do mesmo princípio, Aristóteles, o primeiro biólogo da tradição ocidental. Postulava que o propósito interior denominado por ele como enteléquia, força vital ou fluxo de energia, determinava dentro dos seres um princípio formativo ou organizador. Nomeava esse princípio de psique, alma ou também enteléquia (em - que significa interior e telos que significa finalidades P aquilo que tem suas próprias finalidades internas). Acreditava que a forma não tinha existência separada, mas era imanente à matéria.

Por volta do século XVII, surge o vitalismo, como desenvolvimento da teoria animista da natureza, que se manteve dominante na Europa antes da revolução mecanicista. Neste contexto, surge a Homeopatia com Hahnemann, definindo as leis de cura sob os designios da similitude, dando início ao seu postulado em cima da experimentação no homem são.

O vitalismo não mais tratava toda a natureza como viva, confinando a vida apenas aos organismos biológicos, sustentando que os organismos vivos são animados e organizados por almas imateriais, fatores vitais, impulsos formativos ou enteléquias. O vitalismo, neste ponto, gerou uma cisão entre os seres vivos e o restante da natureza, abrindo espaço para a Física mecanicista, cuja teoria nega a existência de qualquer diferença essencial entre organismos vivos e organismos mortos, ou matéria inanimada em geral.

A Física mecanicista considera os organismos vivos como máquinas inanimadas, e sob o governo das leis da natureza que se referem aos domínios da Física e da Química. Não reconhece o princípio organizador intrínseco e não material dos seres vivos, considerando que tudo emerge de interações físicas e químicas complexas, cujo processo de compreensão permanece ainda obscuro.

O mecanicismo, no entanto, não consegue explicar a propositividade dos organismos vivos, que, na observação detalhada, experimentam um impulso interno que os direciona ao crescimento e a um profundo instinto de sobrevivência. Os vitalistas atribuíam essas características automotivadoras dos organismos às suas almas ou princípios vitais.

Os mecanicistas, como negaram a existência dessas entidades, no final do século XIX, buscaram reinventar substitutos para o princípio vital organizador através de programas genéticos, atribuindo tal papel aos genes. Negaram, assim, a existência dos fatores vitais, por uma questão de princípios, pois tais fatores, considerados sobrevivências supersticiosas do animismo, não teriam lugar no discurso científico. Assim, esse princípio foi atribuído aos genes (que consistem em moléculas de ADN), tendo-se dado a eles toda uma conotação de almas moleculares com propriedades da vida e da mente.

No entanto, nas décadas de 60 e 70, biólogos moleculares começaram a cair em desilusão. E em uma conferência de 1984, o biólogo Sidney Brenner proferiu as seguintes palavras do pensamento corrente:

“No começo, dizia-se que a resposta à compreensão do desenvolvimento estava para surgir de um conhecimento dos mecanismos moleculares de controle encerrados no gene. Duvido que alguém ainda acredite nisto. Os mecanismos moleculares parecem tediosamente simples, e eles não nos dizem o que queremos saber. Temos de descobrir os princípios de acordo com os quais são organizados”.

Brenner colocou que essa organização deveria não ser entendida a partir de um programa genético, mas em termos de “representações internas” ou “descrições internas”.

Então, nos últimos trezentos anos em nossa cultura, a concepção predominante era de que o corpo humano não passava de uma máquina, fragmentada para análise detalhada de cada uma das suas partes. O corpo e a mente encontravam-se desconectados, doença não passava de uma disfunção de mecanismos biológicos e saúde era definida como ausência de doença.

Por volta da década de 1920, surge uma nova teoria - holística, organísmica ou sistêmica -, cuja abordagem tenta transcender a controvérsia: vitalismo e mecanicismo. Essa nova concepção vem eclipsando, lentamente, a concepção mecanicista reducionista e, segundo o biólogo Rupert Sheldrake, a nova abordagem não vê mais o universo como uma máquina, mas como um sistema vivo.

De fato, a teoria holística considera toda a natureza como viva e, neste ponto, representa uma visão atualizada do animismo pré-mecanicista. Então, tudo é considerado como organismo, os átomos, as moléculas e os cristais, estes últimos não mais constituídos de matéria como nas velhas teorias atômicas, mas, como a Física moderna tem demonstrado, são estruturas de atividades, com padrões de atividade energética, que ocorrem no interior de campos.

Essa nova concepção holística enfatiza a inter-relação e a interdependência essencial a todos os fenômenos e procura entender a natureza segundo seus processos dinâmicos e estruturais. Coloca o organismo vivo como um sistema auto-organizador, definindo que sua ordem em estrutura e função não é imposta pelo meio ambiente, mas estabelecida pelo próprio sistema.

Dentro dessa concepção, a doença seria a consequência do desequilíbrio e desarmonia, ou mesmo da falta de integração. Como afirma Fritjof Capra: “Ser saudável significa, portanto, estar em sincronia consigo mesmo - física e mentalmente - e também com o mundo circundante. Quando uma pessoa não está em sincronia, o mais provável é que ocorra uma doença”.

De acordo com Laszlo, um novo retrato do universo está emergindo, um retrato altamente unificado, onde as partículas e forças do universo se originam de uma única força “supergrande unificada”. Afirma ainda não existirem forças e coisas separadas na natureza, apenas conjunto de eventos em interação, com características diferenciadas.

Os físicos quânticos, hoje, apontam para uma “teoria unificada de tudo”, capaz de integrar o conhecimento científico da natureza física, com aquele da natureza viva, e ambos com o mundo da mente e da consciência. Essa “teoria de tudo” (“theory of everything” - TOE) teria como função primordial abrir um espaço de coerência entre a visão científica do mundo atual e a análise entre os mundos da ordem implícita e explícita.

Parece, portanto, que se religam pouco a pouco as velhas e sábias pontes, rumo a um só tempo, que constela, na realidade, as mesmas raízes fundamentais na compreensão do processo da existência.

CAPÍTULO 2

O PADRÃO DA VIDA

Empobrecer é não possuir o Todo.

FRITJOF CAPRA

Em todos os segmentos científicos contemporâneos, a natureza é analisada como uma interação de campos contínuos de energia. O novo paradigma, na compreensão dos sistemas vivos, foi delineado a partir da emergência de uma nova e poderosa concepção: a de auto-organização. Quem primeiro empregou o termo foi Immanuel Kant, considerado freqüentemente o maior dos filósofos modernos. Idealista, Kant separava o mundo fenomênico do mundo das coisas-em-si. Considerava a natureza dotada de propósito; e os organismos vivos, totalidades auto-reprodutoras e auto-organizadoras.

Para que o fenômeno de auto-organização seja compreendido, em primeiro lugar, torna-se necessário focalizar a importância do padrão. A idéia do padrão de organização - configuração de relações características de um sistema em particular - tornou-se questão de importância fundamental do pensamento sistêmico na compreensão dos sistemas vivos.

O estudo e a concepção de padrão levam-nos às fases remotas da história, começando com os Alquimistas e a filosofia Hermética, seguindo-se de Aristóteles, dos pitagóricos na Grécia e dos poetas românticos, todos eclipsados pela era mecanicista, com o estudo das substâncias e a ênfase em uma visão material e reducionista da existência. Na ciência do século XX, esta consciência quanto à importância dos padrões intrínsecos emergiu, vigorosamente, através da perspectiva holística, ou sistêmica, que cria uma nova maneira de pensar ou o pensamento sistêmico.

O pensamento sistêmico requer, em última instância, uma visão de contexto, isto é, os fenômenos não devem mais ser analisados de forma isolada, e sim pertinentes ao contexto em que estão inseridos. Deriva desse pensamento uma teoria mais abrangente dos sistemas vivos, avaliando de forma integrativa as duas abordagens: o estudo da substância (estrutura) e o estudo da forma (padrão). As substâncias, por um lado, são avaliadas em termos de peso e medida; e os padrões, por seus mapeamentos.

A concepção de importância fundamental em nossa época, dentro do pensamento sistêmico da Cibernética, significa a idéia de um padrão de auto-organização, que representa a configuração de relações características de um sistema em particular.

Na teoria emergente dos sistemas vivos, o processo da vida está descrito como a incorporação contínua de um padrão de organização autopoietico, em uma estrutura dissipativa física. Esse processo foi identificado pelos neurocientistas Humberto Maturana e Francisco Varela como processo cognitivo, porque sintetiza toda a atividade organizadora dos sistemas vivos, em todos os níveis de vida, configurando-se como processo mental. A vida, assim, é definida experimentalmente como um processo, e todas as interações de um organismo vivo - planta, animal e seres humanos - com o seu meio ambiente passam a ser interações cognitivas ou mentais.

A teoria de cognição de Santiago, postulada por Maturana e Varela, originou-se do estudo das redes neurais. Por conseguinte, a definição da vida como um processo de cognição estende-se muito além da mente racional, pois inclui percepção, ação, emoção e todo o processo da vida. Nos seres humanos, envolve a linguagem, o pensamento conceitual e todos os atributos da consciência humana. Dessa maneira, o processo mental torna-se imanente à matéria, em todos os níveis de vida. Mente e matéria não surgem mais como duas entidades separadas, mas representam, simplesmente, diferentes aspectos e dimensões do mesmo fenômeno de vida. Fritjof Capra afirma: “descrever o processo cognitivo como o sopro da vida é uma perfeita metáfora”.

A teoria de Santiago é a confirmação científica do primeiro princípio da Filosofia Hermética dos antigos mestres alquímicos: “O Todo é Mente; o Universo é Mental” - *O Caibalion* - Princípio expresso por Hermes Trismegisto.

Dentro desse contexto, vem sendo postulado, por vários físicos quânticos e biólogos contemporâneos, a existência de um biocampo ou fator intrínseco de auto-organização. Este padrão de organização torna-se comum a todos os seres vivos, o que significa que qualquer sistema vivo exibe um padrão de rede capaz de organização.

Os componentes dessas redes apresentam-se entrelaçados em um diálogo interativo e criativo, demonstrando que o todo representa mais do que a soma das partes. Cada uma das partes, isoladamente, não reflete a dimensão interativa que o todo proporciona e, exatamente por isso, não existe hierarquia nessas redes de vida.

Essa concepção foi formalizada na Física por Geoffrey Chew, em sua filosofia bootstrap na década de 70, ao afirmar que nenhuma das propriedades de qualquer parte desta teia dinâmica é mais fundamental que outra, e que só a consistência global de suas relações determina a estrutura de toda a teia.

Por outro lado, o físico Fritjof Capra fala-nos da energia vital em termos da ciência moderna, na medida em que não se trata de uma substância, mas de uma medida de atividade de padrões dinâmicos. Portanto, para entendermos cientificamente os modelos da Medicina Energética, devemos nos concentrar em conceitos de fluxo, flutuação, vibrações, ritmo, ressonância e sincronicidade, inteiramente compatíveis com a moderna concepção sistêmica de vida. Afirma, ainda, que os corpos ou substâncias sutis são, na realidade, padrões dinâmicos de auto-organização.

Este novo paradigma de uma totalidade abrangente obriga-nos a um sério questionamento sobre as teorias vitalistas que, em suma, abriram uma divisão entre mente e corpo, incorporando, de certa maneira, a mesma divisão cartesiana do mecanicismo. A única diferença é que os vitalistas admitiam a existência de um princípio imaterial nos seres vivos, deixando o resto da natureza aos cuidados da Física Mecanicista e seu corolário de interpretações reducionistas e materialistas.

Samuel Hahnemann postulou a concepção do *simillimum*, na realidade, dentro de uma visão sistêmica, na qual entendia a importância de se obter um fator que englobasse a totalidade dos sintomas do indivíduo. A fragmentação gerada pelo vitalismo desvinculou Hahnemann da possibilidade de acesso ao conhecimento Hermético Alquímico que, dentro do pensamento animista, concebia o Universo como uno em essência. Tal unidade era definida numa cosmologia abrangente, que relacionava determinados metais com uma condição estrutural sutil dos seres vivos.

O pensamento Vitalista rompeu o elo que unia, fundamentalmente, a Homeopatia às suas próprias raízes ideológicas, o que gerou uma terapêutica voltada para uma infinidade de elementos, cuja especificidade se tornou obstáculo para a sua sustentabilidade e seu reconhecimento frente ao mundo científico.

No entanto, a genialidade de Hahnemann era impar. Embora estivesse inserido em um contexto vitalista, conseguiu captar a idéia do *simillimum* dentro de uma visão

sistêmica preconizada, atualmente, pela Física Quântica. Além disso, através da dinamização homeopática, elaborou um novo método de acesso aos padrões intrínsecos do ser, não mais usando o fogo como os antigos alquimistas, mas a água. Desta forma, não reconheceu ser ele mesmo o primeiro Alquimista de um novo elemento.

Em vários depoimentos, Hahnemann coloca, honestamente, a dificuldade real em se obter o *simillimum*, como um elemento seguro e definitivo, abrindo alguns questionamentos importantes, como os seguintes relatos, extraídos de seu livro *Doenças crônicas* :

- I - “No caso em que eram renovados os problemas que pareciam ter sido solucionados, o remédio que da primeira vez havia sido útil mostrava-se menos útil e, se repetido novamente, ajudava ainda menos. Aí então, talvez mesmo sob o efeito do remédio homeopático que parecesse mais apropriado, e mesmo no caso em que o modo de vida fosse bastante correto, surgiam novos sintomas da doença que só inadequada ou imperfeitamente é que podiam ser removidos; de fato, estes novos sintomas às vezes não melhoravam em nada, especialmente quando algum obstáculo (fatores emocionais, climáticos, dietéticos ou acidentes) impediam a recuperação”.
- II - “Mas, em geral, após repetidas tentativas de vencer a doença que aparecia numa forma sempre ligeiramente modificada, surgiam queixas residuais que os medicamentos homeopáticos até então, experimentados, conquanto não fossem poucos, tinham que deixar não erradicadas, de fato muitas vezes não diminuídas”.
- III - “Apesar de todos os esforços do médico homeopata, a doença crônica não conseguia senão ser um pouco retardada em seu progresso, piorando de ano para ano”.
- IV - “Por que então esta força vital, influenciada eficientemente pelo medicamento homeopático, não consegue produzir recuperação alguma que seja verdadeira e permanente nestas moléstias crônicas mesmo com a ajuda dos remédios homeopáticos que melhor cobrem os atuais sintomas, enquanto esta mesma força, que é criada para o restabelecimento do nosso organismo permanece, não obstante, tão infatigável e exitosamente ativa, completando a recuperação inclusive em doenças agudas graves? O que existe para impedir isto? ”
- V - “Este fato indicou-me a primeira pista, a de que o médico homeopata com um caso crônico deste teor e mesmo em todos os casos de doença crônica, não deve somente combater a doença que se apresenta ante os seus olhos, não devendo considerá-la ou tratá-la como se fosse uma doença bem definida a ser rápida e permanentemente destruída e curada pelos remédios homeopáticos comuns, mas sim, que irá sempre encontrar apenas um fragmento separado de uma doença original mais profundamente localizada”.
- VI - “Por conseguinte, ele deve primeiro descobrir tanto quanto possível a extensão total de todos os acidentes e sintomas que pertençam à moléstia primitiva desconhecida, antes que possa esperar descobrir um ou mais medicamentos que consigam homeopaticamente cobrir a totalidade da doença original, por meio de seus sintomas peculiares. Através deste método, ele poderá então ser vitoriosamente capaz de curar e de eliminar a moléstia em toda sua extensão e, conseqüentemente, também suas ramificações em separado, ou seja, todos os fragmentos de uma doença que aparecem em tantas e tão variadas formas”.

A dificuldade reside naquilo que os primeiros pensadores sistêmicos reconheciam com muita clareza, que implica a existência de diferentes níveis de complexidade em um mesmo sistema, com diferentes tipos de leis operando a cada nível. Certamente, esta concepção da “complexidade organizada” tornou-se o próprio assunto da abordagem sistêmica atual. Em cada nível de complexidade, os fenômenos observados exibem propriedades que não exibem no nível inferior.

As propriedades sistêmicas de um determinado nível são denominadas de propriedades emergentes, uma vez que emergem neste nível em particular. Além do

mais, esses padrões não devem ser entendidos como probabilidades de coisas, mas de interconexões.

Hahnemann torna evidente, nos questionamentos acima, a necessidade de se descobrir a extensão total de todos os acidentes e sintomas pertencentes à moléstia primitiva desconhecida. Se traçarmos um paralelo com a Física Quântica, observa-se que ele se deu conta do que hoje é conhecido como modelos de desordem, denominando de moléstia primitiva desconhecida os diversos modelos de desordem que compõem um sistema de rede. Identificou as diversas ordens de complexidades inter-relacionadas, abrindo, também, a possibilidade desse quesito necessitar de mais de um medicamento para ser preenchido.

Já no parágrafo V, citado anteriormente, Hahnemann relata a questão das propriedades emergentes que derivam de um substrato profundo, aflorando ora um padrão, ora outro, atestando a lúcida observação clínica das redes entrelaçadas, bem como a necessidade de se ir além do fator emergente expresso naquele momento. Define, neste mesmo parágrafo, que a totalidade sintomatológica não corresponde à totalidade dos sintomas emergentes, mas sim à abrangência de todos os modelos de desordem.

Nos primeiros parágrafos transcritos, aponta a dificuldade de tratar as doenças crônicas, descrevendo a ineficiência do mesmo medicamento usado na prescrição anterior, em relação aos novos sintomas que surgem no indivíduo. Isso é perfeitamente explicado, à medida que entendemos que cada medicamento homeopático cobre um modelo de desordem específico e, como esses derivam de novas interconexões da rede, o mesmo medicamento já não cobre mais o novo quadro sintomatológico que aparece.

Da mesma maneira, Hahnemann confirma a abordagem dos modelos de desordem, quando afirma a rápida e eficaz ação do medicamento homeopático nos quadros agudos, que expressam propriedades emergentes e, como tais, podem ser corrigidos especificamente pela lei dos semelhantes.

Este estudo epistemológico teve, então, sua origem em alguns questionamentos básicos: Como e de que forma estariam representados os padrões de rede nos seres vivos? Que modelos de desordem estariam inseridos no processo? Qual seria o mapeamento dessa ordem estratificada, isto é, desses diversos níveis de complexidades? Que elementos da natureza estariam participando dessa rede, gerando interconexões que se superpõem, exibindo novas e criativas representações?

CAPÍTULO 3

DEFININDO OS FATORES DE AUTO-ORGANIZAÇÃO

Este processo de pesquisa, baseado nas premissas apontadas, teve início há 15 anos, numa escalada, muitas vezes desafiante, em torno do encontro de elementos e explicações, capazes de preencher todas as perspectivas que o sistema exige como um padrão de auto-organização.

Os ensaios clínicos deram partida para uma profunda investigação no Universo Alquímico, reduto de uma infinidade de elementos que, originalmente, eram relacionados aos processos intrínsecos da natureza. Este era o desafio: desvendar, nas entrelinhas dos diversos tratados, as pistas necessárias para fechar o grande quebra-cabeça que englobasse a totalidade deste padrão sistêmico. Os testemunhos Alquímicos deixavam claro que, efetivamente, conheciam muito bem este padrão de rede, já que todos os substratos que preparavam exprimiam uma abordagem da totalidade.

Os três princípios originais, ou melhor, as substâncias originais, que estão na base de todo o universo das representações alquímicas, chamam-se Mercurius, Sulphur e Sal. A Alquimia ensina que todo o universo material tem sua origem nesses elementos e, segundo um corpo tenha recebido mais ou menos dessas energias, se torna mais ou menos volátil, refratário ou combustível.

Essa trindade encontra-se representada em todas as épocas e em diferentes culturas, expressando o mesmo conteúdo. Na Astrologia, como princípios do cardinal, mutável e fixo, símbolos análogos do feminino, do masculino e da criança. Na Mitologia Egípcia, como Osíris, Íris e Hórus. Na Física Quântica, como os três critérios fundamentais para os seres vivos: estrutura, padrão e processo. No Tantrismo Indiano, a polaridade de gênero é substituída por diferentes princípios como trindades de deusas e deuses – por exemplo, a trindade de Brahma, o criador, onde encontramos Shiva, representante do fluxo cósmico de energia; Vishnu, o preservador, representante dos campos organizadores da natureza; e Brahma, a unidade criativa que inclui os outros dois.

O Mercúrio é considerado pelos Alquimistas como a chave do Universo. Por essa razão resulta tão predominante em todos os livros de Alquimia. Diziam que, se um homem fosse capaz de decompor totalmente um glóbulo de mercúrio, entenderia, também, como se criou o mundo. Esse enunciado baseia-se na Lei Alquímica “como no macrocosmo assim no microcosmo”, comprovada cientificamente por Tourad, ganhador do Prêmio Nobel sobre a natureza elétrica da matéria e seu modo de agrupamento.

O Mercúrio corresponde à força geradora da matéria, simbolizando o passivo, o yin, a alma, o feminino, o mênstruo (menstruun) presente no sangue e no sêmen. É, por outro lado, considerado a quintessência de todas as coisas, o espírito universal ou Spiritus mundi.

Encontram-se representações do Mercúrio nos Tratados Herméticos, a miúdo aparecendo sob a forma de Hermes com seu caduceo, configurando o mensageiro dos deuses, que faz circular as forças entre o céu e a terra. O seu aspecto dinâmico está na força ativa da essência solar ou masculina, representada pelo enxofre ou Sulphur - o ativo, o espírito, o masculino, o formativo, o yang, o que produz combustão, simbolizando a vontade, a palavra e a atenção .

O Mercúrio simboliza o dragão alado, que desce das esferas superiores, sobre o dragão terrestre sem asas, representado pelo Sulphur. Então, devoram-se mutuamente, transformando o volátil em fixo e o fixo em volátil. Esta simbologia, do triângulo que abraça o triângulo, é considerada o mais significativo símbolo alquímico, porque dessa união é liberada uma qualidade de energia, chamada de duplo fogo seco e mágico - o Alkahest. A partir dessa energia, obtinham um sal conhecido como Sal Sapientiae. Todo o segredo alquímico relacionava-se ao processo de obtenção desse sal, resultante da junção dos dois elementos.

No entanto, para que houvesse essa junção, era necessário um suporte físico, o campo onde seria travada a luta. Esse campo, representado pelo Natrum muriaticum, o sal que representa o corpo - o veículo de suporte da encarnação para o espírito -, é estático, neutro, a permanente cinza que serve para promover a interação de todos os processos.

Evidenciava-se o fato de que do encontro desses elementos se obtinha uma determinada qualidade de substrato, com propriedades sutis para a transmutação de elementos.

Foram assim iniciadas as primeiras experimentações homeopáticas, com resultados que começavam a se aproximar de um padrão mais unificado. Após um longo tempo de experimentação, definiu-se com precisão que a ordem desses elementos era exatamente a ordem colocada nos textos alquímicos: primeiro o metal ou elemento yin, representado pelo Mercurius Sol; em seguida, sua interface yang, representada por Sulphur; e, por fim, o sal representando o elemento neutro que permite a interação dos demais elementos, o Natrum Muriaticum.

O questionamento seguinte seria verificar em que segmentos paralelos esses elementos estariam relacionados no contexto humano. Para isso, dispunha-se, por um lado, nas matérias médicas homeopáticas, da experimentação desses elementos no homem são e, por outro lado, de toda uma investigação relacionada aos centros consensuais de consciência ou chakras.

Ao se elaborar um estudo comparativo dos três elementos em relação à matéria homeopática, abrindo um paralelo com o estudo dos centros dinâmicos do corpo, tornou-se evidente a relação do Mercurius com o chakra laríngeo, do Sulphur com o terceiro chakra ou plexo solar e, do Natrum muriaticum com o quarto chakra ou cardíaco.

O mapeamento desse padrão sistêmico ia sendo desvendado, no sentido de que a existência de sete centros consensuais de consciência indicaria ser este o número de elementos implicados no processo, e de que, ao se tratar de um padrão fundamentado em princípios alquímicos, o elemento Ouro obviamente deveria estar incluído no contexto da equação.

Refazendo a análise comparativa da Homeopatia com os centros dinâmicos de consciência, o Aurum metallicum, com seus dados experimentais no homem são, apresentava um padrão idêntico ao descrito como característico do segundo chakra ou umbilical, que representa o centro da vida.

Nesse padrão de rede que se configurava, cada grupo de elementos deveria obedecer às polaridades universais do yin e do yang, iniciando-se o processo sempre a partir do metal - o pólo feminino, matriz original de todos os processos cognitivos -, entrando em seguida seu sal correspondente, representante do masculino.

O mapeamento final do padrão apontava para um modelo composto de três pares de elementos, estabelecendo a relação do feminino e do masculino e definindo os seis centros consensuais de consciência, e um sétimo elemento central, que representaria o próprio corpo. Esse seria o elemento de apoio para que todo o processo cognitivo pudesse se desenvolver, representado pelo centro dinâmico

do coração, e teria como elemento o Natrum muriaticum. Para a obtenção do mapeamento completo, faltavam os dois arcanos relacionados aos chakras da cabeça e o sal correspondente ao primeiro centro consensual de consciência.

O médico Alexander Von Bernus, em seu livro *Alquimia e Medicina*, configura o Antimonium crudum como particularmente significativo, porque contém a representação simbólica da terra oculta. Afirma que, na lei da Homeopatia Cósmica, este lobo cinzento, insignificante em sua aparência, é um dos remédios cuja eficácia está entre as mais extensas de que dispõe a humanidade. O lobo cinzento é a representação da glândula pituitária, de cor acinzentada que, como veremos no estudo dos centros dinâmicos, se relaciona ao Antimonium crudum, por sua vez, relacionado ao sexto chakra, no qual o homem experimenta a dimensão do Eu Sou.

Segundo Rudolf Steiner, se conseguíssemos abstrair tudo que é introduzido a partir do exterior, o homem seria ele mesmo Antimonium.

Basile Valentin, em sua obra consagrada ao Antimonium, *Carro triunfal do Antimonium*, afirma: “O Antimonium é um sujeito do qual se pode fabricar uma farmácia inteira, pois contém um vomitivo, um purgativo, um depurativo, um sudativo e um diurético; é um solvente e coagulante; um bálsamo, unguento e emplasto, em suma, pode ser aplicado em todos os estados com máximo usufruto. É um mestre de todas as enfermidades, um protetor da natureza humana”.

Na farmacopéia homeopática, o sal que se combina com o Antimonium crudum é o Kali carbonicum, cuja patogenesia homeopática se enquadra com a fisiologia do sétimo chakra. Era chamado Sal tartari, e Von Helmont escreve a este respeito: “É verdadeiramente muito surpreendente ver tudo que o sal de tártaro chega a fazer sozinho quando se torna volátil, pois expulsa todas as impurezas dos canais”.

Basile Valentin acrescenta, sobre o sal tartárico, a propriedade de ativar a secreção urinária, a purificação do sangue, a eliminação da hidropisia e de cálculos. No âmbito homeopático, o Kali Carbonicum, conhecido como o pássaro sem asas, indica a condição de dependência desse elemento com o Antimonium, que simboliza suas asas e a real possibilidade para o grande vôo do ser rumo à transcendência.

O último elemento codificado com a ajuda da Medicina Ayurveda foi o Ammonium muriaticum, sal correspondente ao Aurum metallicum, cuja patogenesia homeopática corresponde ao descrito nos estudos sobre o primeiro centro de energia, ou chakra básico.

A experimentação dessa primeira etapa consumiu alguns anos, reportando, como resposta da observação clínica, resultados cada vez mais próximos do simillimum de Hahnemann. Alguns parâmetros, porém, como ritmo e fluxo desses elementos ao longo da coluna vertebral, necessitavam de revisão, o que consumiu mais alguns anos em busca de ressonância e sincronicidade.

CAPÍTULO 4

OS CENTROS CONSENSUAIS DE CONSCIÊNCIA E OS SETE ELEMENTOS

Trazer para o campo experimental elementos de um padrão unificado requer uma observação sistemática de todas as implicações nos sistemas que operam em interconexão. Os estudos referentes aos centros consensuais de consciência, definidos por vários sistemas e tradições, apresentam alguma discordância apenas na precisão exata da localização. Para uns, um determinado centro consensual está localizado mais à direita, ou um pouco mais acima, do que o suposto por outro autor. No entanto, a fisiologia, a integração dos sistemas envolvidos e o aspecto psíquico implicado em cada área de atuação desses centros apresentam coerência e similitude nos incontáveis estudos realizados sobre o assunto, orientados por diversas tradições.

Os centros consensuais de consciência, conceituados como centros de atividade dinâmica de padrões intrínsecos determinados, relacionam-se com o sistema nervoso autônomo. Chakra, uma palavra sânscrita, significa círculo e movimento relacionados diretamente com todo o processo cognitivo ou o processo da vida.

A questão levantada por todas as tradições conhecidas é a ativação sincronizada desses centros de energia, com a finalidade não só de equilibrar a energia de todos os órgãos físicos e sistemas, como também de gerar um fluxo de energia ao longo da coluna vertebral, possibilitando saltos quânticos no nível da consciência individual.

Esse conceito foi comprovado atualmente pela Física, pelo neurocientista Francisco Varela, ao afirmar que a experiência consciente primária comum a todos os vertebrados superiores não está localizada numa parte específica do cérebro, nem pode ser identificada em estruturas neurais específicas. Ela é a manifestação de um processo cognitivo particular, uma sincronização transitória de circuitos neurais que oscilam ritmicamente. O fato de que os circuitos neurais tendem a oscilar ritmicamente é bem conhecido dos neurocientistas, e pesquisas recentes têm mostrado que essas oscilações não estão restritas ao córtex cerebral, mas ocorrem em vários níveis do sistema nervoso.

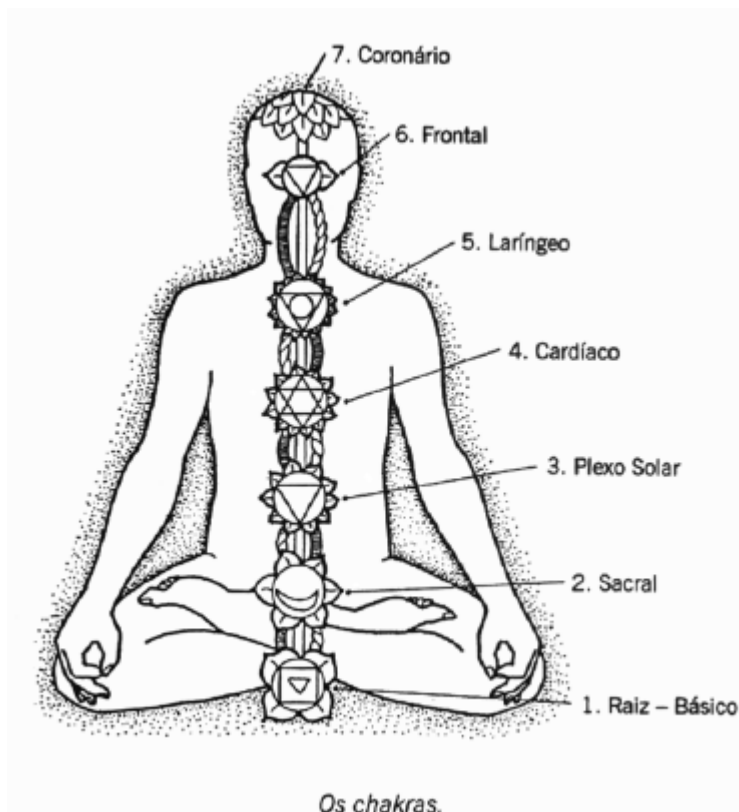
Segundo a física Danah Zohar, nossa consciência possui a característica da unidade contínua, estabelecendo, em si mesma, a necessidade de se manter coesa, para que a nossa experiência também assim se mantenha. Descreve um mecanismo biológico, denominado de condensados de Bose-Einstein, que será explicitado adiante. Tal mecanismo - já descrito a primeira vez pelo Dr. Herbert Fröhlich, da Liverpool University - demonstra o processo pelo qual os neurônios são realinhados e, em última instância, atesta o mecanismo de ação do medicamento homeopático.

É interessante perceber a leitura sincrônica dos sete chakras com as sete notas de uma oitava musical, os sete planetas principais, as sete cores do espectro e os sete tipos de desejo (segurança, procriação, longevidade, participação, conhecimento, auto-realização e união).

Por outro lado, a experimentação homeopática no homem são, ao longo de mais de um século, presenteou a humanidade com uma patogenesia, que apresenta uma coletânea de todos os sintomas físicos, emocionais e psíquicos determinados por esses elementos. Isso significa que ganhamos parâmetros de comparação, para uma observação sistemática do que acontece no nível dos padrões de rede.

Graças ao trabalho dedicado de gerações de homeopatas, encontramos hoje uma visão do campo de atuação de cada um desses elementos, o que nos possibilita um

estudo comparativo dos centros consensuais de consciência, com base na clínica médica.



1- MOOLADHARA OU PRIMEIRO CENTRO CONSENSUAL DE CONSCIÊNCIA

Seu nome significa *fundação*. Localiza-se no plexo pélvico, a região entre o ânus e os genitais, na base da espinha dorsal. É representado pelo planeta Marte.

Aspecto primordial da inocência, da segurança básica, abrigo e alimento. Representa o elemento terra, sendo simbolizado como o lótus, cujas quatro pétalas de cor rubra escarlate indicam a ressonância desse centro com o plano físico do ser.

Na Tradição Chinesa, este centro liga-se ao “mundo dos infernos”. O plexo nervoso relacionado ao Muladhara é o coccígeo, cuja glândula correspondente é o glomo coccígeo, conhecido às vezes por corpo coccígeo. Essa glândula, descrita a primeira vez pelo anatomista Luschkas (1820-1875), situa-se perto da extremidade do cóccix, na base da coluna vertebral, tendo cerca de dois centímetros e meio de diâmetro, e sua função ainda não está bem documentada

Nele reside a Kundalini, a serpente enrolada, que representa o puro desejo e que, quando desperta, atua como uma conexão essencial, religando o microcosmo humano ao macrocosmo.

Segundo Mona Lisa Schulz, M.D., Ph.D., que realizou uma pesquisa profunda acerca dos centros consensuais de consciência no comportamento e nas patologias humanas, o primeiro centro emocional contém lembranças localizadas no sangue e nos ossos, no sistema imunológico, na coluna vertebral e nos quadris. As vivências emocionais e as lembranças armazenadas neste centro prendem-se às questões relacionadas à família, à segurança física, ao apoio no mundo, ao desamparo e ao desalento. Suas observações apontaram para o significado, também, do yin e do yang nestas projeções - o yang representa o poder, os sentimentos de força emocional e o yin, a nossa vulnerabilidade que influencia o nosso sentido de comunidade.

A Física, hoje, comprova a inter-relação desses campos femininos e masculinos, que estabelecem um diálogo interativo e contínuo, responsável pelo processo criativo da natureza. O padrão masculino é formado pelos Férmions. Esses se combinam para dar a matéria (elétrons, prótons e nêutrons) e exibem funções de onda que podem se sobrepor um pouco, mas nunca inteiramente. São essencialmente anti-

sociais e sempre individuais em alguma medida. A interface feminina é representada pelas partículas tipo Bósons (fótons e fótons virtuais, as partículas W^+ , W^- e Z^0), partículas de relacionamento. Segundo Danah Zohar, são as partículas portadoras da força, essencialmente gregárias, que sustentam a unidade do Universo. Suas funções de onda podem se sobrepor a tal ponto, que elas se fundem inteiramente, compartilhando suas identidades, abrindo mão de qualquer direito à individualidade.

Os bósons, os antecessores primários da consciência, constituem as unidades fundamentais de todas as forças da natureza - interação nuclear forte e fraca, eletromagnética e gravitacional – e são responsáveis pela coesão do mundo material. Os férmions, as unidades constitutivas do mundo material, apresentam uma característica mais rígida e preferem se isolar. Assim, na ausência de bósons, os férmions dificilmente se uniriam para formar qualquer coisa, e, na ausência de férmions, os bósons não teriam nada com que se relacionar, nada com que pudessem se estruturar e se ordenar a partir de sua coerência mais interna. Ambos estão envolvidos em uma relação cognitiva, inseparável e criativa.

O equilíbrio entre as forças eletromagnéticas, provenientes desses dois campos, determinará as alterações descritas e observadas no nível da consciência dos indivíduos. O padrão de poder, descrito pela Dra. Mona Lisa Schulz, demonstra então a força eletromagnética predominante no pólo yang, relacionando-se, portanto, ao pólo masculino, aos férmions. O padrão descrito como vulnerabilidade relaciona-se à força eletromagnética predominando no campo yin, representando o feminino, os bósons.

A polaridade yang nesse primeiro centro consensual determinaria o poder, a independência, a engenhosidade, o destemor e a confiança, a sensação de estar seguro e garantido no mundo. No entanto, o excesso de poder traria o isolamento e a sensação de estar inteiramente só no mundo; o destemor em demasia poderia levar à imprudência, ou o excesso de confiança poderia levar à perda de discernimento no convívio social.

O equilíbrio entre estes dois pólos é o padrão esperado, já que a polaridade yin deste centro de energia constela um saudável sentido de vulnerabilidade. Aponta para um forte sentido de comunidade, com a devida e justa permissão de dependermos dos demais quando necessário, de aceitarmos a ajuda alheia, de sentirmos medo e de não confiarmos indiscriminadamente em qualquer um. O padrão esperado seria, então, um equilíbrio entre poder e vulnerabilidade, entre o yin e o yang, entre a força eletromagnética dos campos ordenados pelas partículas bósons e férmions.

Avaliando dentro dessa coerência a perfeita projeção entre o microcosmo das partículas e as inter-relações com nossos padrões de consciência, este holograma estabelece sistemas de diferentes graus, inseridos uns nos outros, compondo a totalidade da existência. O princípio das correspondências dos textos Herméticos afirmava desde a Antiguidade: “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”. *O Caibalion*

Surge, destarte, a observação dessa lei feita por inúmeros biólogos e físicos contemporâneos, entre eles David Bohm, em *Quantum Theory*:

“Já é o momento de nos perguntarmos se a estreita analogia entre os processos quânticos e nossas experiências interiores e processos de pensamento é mera coincidência (...) a impressionante analogia, ponto por ponto, entre processo de pensamento e processo quântico, sugeriria que uma hipótese ligando estes dois, pode muito bem ser frutífera. Se tal hipótese puder algum dia ser comprovada, explicaria, de forma natural, muitos aspectos de nosso pensar”.

As lembranças ou emoções traumáticas nos primeiros anos de vida determinarão uma fixação da consciência neste nível, impedindo que o processo siga em direção à individuação e à plenitude do ser. Dra. Schulz afirma: “A família, um sentido de comunidade, é fundamentalmente importante para a saúde de nossos corpos. A interação social desempenha um papel vital na regulação cotidiana dos sistemas de nossos corpos. Se você se isolar, perde os reguladores metabólicos que estão presentes quando interage com o grupo, então, seus ritmos – sua vida, segundo parece - vão para o espaço.”

Normalmente, a criança de um a sete anos age com as motivações do primeiro chakra. A terra é vista como uma nova experiência. Ela deve assegurar todo o aprendizado e a conquista deste mundo novo, assim como incorporar os padrões básicos de comportamento para a sua própria sobrevivência física. De acordo com Harish Johari, o principal problema da criança e do adulto, agindo com a motivação do primeiro chakra, é o comportamento violento baseado na insegurança. A perda da

segurança faria o indivíduo tomado pelo medo lutar cegamente como um animal acuado. São ainda incluídas neste contexto, a ilusão, a ira, a avidez, a desilusão, a avareza e a sensualidade.

O indivíduo, tendo a consciência fixada nesse chakra, terá como motivação básica alcançar a segurança monetária. A atenção é linear e segue uma única direção. Neste nível de consciência, necessitará dormir de dez a doze horas por noite e sobre o ventre. A matéria médica homeopática aponta claramente para Ammonium muriaticum como o elemento catalisador deste centro de energia.

James Tyler Kent, em sua *Matéria Médica*, afirma que há poucos sintomas mentais seguros, obtidos na experimentação deste medicamento, confirmando que o Ammonium muriaticum atua, na realidade, num centro energético de natureza mais instintiva do que emocional .

De acordo com Dora Gelder Kunz, estudiosa dos campos de energia humanos, foram feitas rigorosas investigações históricas, não sendo encontradas doenças relacionadas a este centro.

Uma avaliação da experimentação homeopática, com medicamentos que apresentem modelos de desordem compatíveis com o padrão do primeiro centro consensual, só se mostraria fidedigna, em termos de sintomas emocionais e mentais, se fosse realizada em crianças abaixo de sete anos, ou em pessoas cujo nível de consciência criasse uma ressonância com este centro de energia. A partir do momento em que a consciência verdadeiramente sublima uma determinada vivência, não há mais como estar vulnerável a este mesmo padrão. Daí se explica a pobreza de sintomas na experimentação de alguns medicamentos homeopáticos: em adultos, não é comum encontrarmos um indivíduo disposto a uma experimentação voluntária, com seus padrões de consciência fixados neste centro; em crianças abaixo de sete anos, há a impossibilidade de experimentação, o que dificulta uma real ressonância do elemento com o padrão examinado na experimentação.

Onde se localiza a consciência do homem, aí está o homem. Na realidade, o Ammonium muriaticum, por ressonância, consegue interagir perfeitamente com os códigos de nossa representação interna, relacionados ao centro consensual básico e, se a consciência estiver neste nível, ela será trabalhada neste nível. Se já tiver transcendido aos níveis superiores, nada será tocado, simplesmente porque não existe nenhum modelo de desordem aberto e disponível para ser trabalhado nesta dimensão de consciência.

2- SWADHISTAN OU CHAKRA SACRAL

Seu nome significa *lugar de morada do ser* ou *sede de Si* e localiza-se na região pélvica e lombar, abrangendo os órgãos reprodutores femininos e masculinos, o aparelho urinário, rins, bexiga, a região gastrointestinal inferior e a musculatura da região lombar. Seu planeta é Júpiter e representa o reino vegetal. Determina no ser humano a criatividade, sendo o centro gerador da sexualidade, procriação, sensualidade erótica e da busca do prazer.

É simbolizado pelo lótus de seis pétalas vermelhas, tendo um círculo branco central que representa seu elemento cósmico, a água. Segundo Arthur Avalon, existem associadas às suas seis pétalas, cuja cor predominante é o vermelho, seis *writti* ou estados de consciência: credulidade, desconfiança, desprezo, ilusão, falso conhecimento e desumanidade.

A água simboliza a essência da vida e, na Alquimia, o ouro representa esta essência, o universo de todos os desejos. O esforço das pessoas do chakra sacral está voltado para o equilíbrio entre o mundo sem e o mundo com, razão pela qual é denominado, na Tradição Chinesa, *mundo dos famintos*. Nos padrões normais, uma pessoa entre os oito e quatorze anos age com a motivação desse chakra. E dorme entre oito e dez horas por noite, em posição fetal. As glândulas relacionadas a esse chakra são as gônadas e seu plexo vitalizador é o sacro.

Aqui, o pequeno ser descobre a imensidão do mundo com suas possibilidades e anseia por autonomia, apesar de não ter ainda certeza de sua capacidade e independência. Através deste veículo

experimentamos nossa vida emocional: sentimentos, relacionamentos e impulsos, e expansão da personalidade.

As lembranças e as emoções armazenadas no nível deste centro dinâmico relacionam-se com o impulso na vida e o modo como abordamos aquilo que desejamos no mundo, gerando um conflito fundamental da autonomia, por um lado, e da vergonha ou dúvida, por outro. Refere-se ao modo como administramos os nossos relacionamentos, ao processo de deixar a família e de nos estabelecermos como indivíduos autônomos.

A análise de Mona Lisa descreve como impulsos de poder (yang) neste centro energético: o ativo, desinibido, direto e dinâmico. Na vulnerabilidade: o passivo, inibido, indireto e o que aguarda os acontecimentos. Nos relacionamentos, o poder determinaria a independência, a condição de ser imprescindível para os outros, de receber mais do que doar, as fronteiras bem definidas, a assertividade, protegendo e fazendo oposição. A vulnerabilidade indicaria dependência, necessidade dos outros, de doar mais do que receber, as próprias fronteiras mal definidas, submissão, necessidade de proteção e cooperação.

O sacral coloca a questão do dar e pegar e o equilíbrio do gesto. Está, também, relacionado com a administração dos desejos, o amor pela vida, os sentimentos e as emoções que trazem prazer e dor. As emoções governam o comportamento das pessoas com a consciência fixada nesse chakra.

Através da patogenesia homeopática, encontramos Aurum metallicum, cuja experimentação no homem aponta para todos os sintomas relacionados ao afeto, aos desejos e à razão de viver - sintomas fortemente relacionados ao centro da vida, que intrinsecamente representam. Observamos que, em Aurum metallicum, os afetos naturais tornam-se perturbados até ao ponto em que o amor mais fundamental, como o amor pela vida e o instinto de preservação, torna-se pervertido. E o indivíduo desperta mal humorado, cansado da vida, desejando morrer.

Refere-se ainda, na experimentação, a uma contínua reprovação em relação ao comportamento, definindo este centro como o detentor das paixões, culpa, mágoa, autocrítica, inveja, insignificância, fantasias, pessimismo, ciúmes, punição, sensação de tragédia e fracasso iminente.

O pensamento sistêmico estabelece, a partir dos padrões cognitivos, que no nível de cada centro consensual de consciência existe um modelo de desordem ou padrão específico daquele centro que define uma das interconexões da rede. Numa visão análoga, cada metal detém de igual modo, em seu padrão cognitivo, uma expressão intrínseca -seu próprio padrão de bósons e férmions -, estabelecendo a condição para que ocorra a ressonância.

Outro princípio Hermético afirma: “A Mente (tão bem como os metais e os elementos) pode ser transmutada de estado em estado, de grau em grau, de pólo em pólo, de vibração em vibração. A verdadeira transmutação hermética é uma Arte Mental”. - *O Caibalion* -

Unindo-se essa visão ao axioma do Similia Similibus Curantur de Hahnemann, entende-se claramente a dimensão de inteireza relacional, através dos padrões de organização.

Outra perspectiva a ser vista é que, estando a consciência num determinado centro de energia, ela vai atrair vivências inerentes a este nível, atuando pela mesma ressonância dos semelhantes que se atraem. Logo, todas as lembranças e emoções que ajudam a fixar o indivíduo num padrão de consciência, na realidade, foram atraídas por esta mesma consciência, já anteriormente fixada neste padrão.

Por compreender que nossas experiências são produtos de colapsos de onda, pertinente é concluir que, se o padrão de consciência estiver estabelecido neste nível, suscitará experiências compatíveis com este mesmo padrão. Como afirma o físico Amit Goswami: “Dessa maneira, a opção e o reconhecimento da opção definem o nosso *self*”.

A consciência, como um padrão cognitivo, colapsa a função de onda dos elétrons e escolhe a manifestação de uma experiência, uma dentre miríades de possibilidades, definindo a consciência do nosso sujeito. Um pouco da história “dar a César o que é de César” que nos induz à compreensão de universos paralelos, onde cada ser cria sua própria história a partir do nível quântico em que se encontra.

A Tradição Chinesa é bem precisa neste aspecto, quando elabora o conceito de um mundo para cada centro de energia, como mundo dos infernos, ou dos famintos e assim sucessivamente. Isto aponta-nos a conotação precisa de que tipo de experiência a consciência atrairá a cada nível.

Conforme Robert Happe, lúcido filósofo da consciência, enuncia: “Toda a vida contém em si mesma a força e vitalidade para atrair para si mesma exatamente o que necessita para sua fruição e crescimento”.

3- MANIPURA OU CHAKRA UMBILICAL

Na Tradição Chinesa, sua etimologia é cidade da jóia, sendo chamado de “mundo dos animais”. Seu elemento é o fogo e está conectado ao reino animal. Astrologicamente é regido pelo Sol, daí ser chamado de plexo solar. É representado por um círculo de dez pétalas de cor azul, referentes à chama azul da parte mais luminosa do fogo. Dentro do círculo, encontra-se um triângulo vermelho, que reflete a forma do elemento fogo.

O animal que representa este chakra é o carneiro, veículo de Agni, o deus do fogo. O carneiro configura a natureza da pessoa do terceiro chakra: é forte e ordena com a cabeça. Os indivíduos fixados nesse elemento são dominados pelo intelecto e, à semelhança dos carneiros, vivem em grupo e não pensam nas conseqüências de suas ações quando têm um objetivo determinado.

Entre as idades de quatorze e vinte e um anos, a pessoa é governada por esse chakra e sua energia motivadora impulsionará o desenvolvimento do ego e sua identidade no mundo. Tende a dormir de 6 a 8 horas por noite e com o ventre para cima.

O centro do plexo solar relaciona-se às glândulas supra-renais, ao pâncreas, ao fígado e à região do estômago. Tem de três a cinco centímetros de comprimento, de quatro a seis milímetros de espessura e pesa, em média, cinco gramas. O córtex segrega hormônios que são sintetizados a partir do colesterol. São eles: os glucocorticóides, que lidam com o metabolismo dos carboidratos; os mineralocorticóides, que afetam o metabolismo do sódio e potássio; os androgênios, que se compõem de dezessete quetosteróides; os estrogênios e as progestinas, importantes na fisiologia da reprodução e também no metabolismo dos carboidratos, da água, dos músculos, dos ossos, do sistema nervoso central, gastrointestinal, cardiovascular e hematológico. Atuam, também, como agentes antiinflamatórios.

A medula supra-renal sintetiza e armazena a dopamina, a norepinefrina e a epinefrina (adrenalina) e liga-se ao sistema nervoso simpático, produzindo efeito nos estados emocionais. Resulta na relação direta deste centro com a vida emocional, o que explica porque as pessoas vítimas do stress e dos distúrbios emocionais, em geral, são acometidas principalmente de problemas digestivos e distúrbios neurovegetativos.

O excesso de energia (padrão yang) ligado a este chakra pode levar ao stress, às agressões ligadas a má administração da vontade: lutas, combates e reações violentas, e ao eterno combate entre forças internas e externas numa tentativa de sobrepor-se.

A falta de energia (padrão yin) produz pessoas dominadas por toda sorte de emoções: medos, raivas, repulsas, agressividade, orgulho, intolerância, egoísmo e manipulação dos outros.

Harish Johari menciona a importância que a pessoa dominada pelo terceiro chakra devota ao poder pessoal e ao reconhecimento, mesmo em detrimento da família e dos amigos. O indivíduo luta para deixar a sua marca no mundo, busca ser reconhecido pelo seu trabalho ou tarefa na vida e reforçando seu senso de identidade e auto-estima.

De acordo com Mona Lisa Schulz, esse centro emocional diz respeito ao elemento “eu contra o mundo” em nossas vidas. Partimos em uma campanha para nos estabelecermos como poderosos no mundo exterior e nos deparamos, no caminho, com sentimentos de adequação e inadequação, competitividade e agressão versus não-competitividade e atitude defensiva. Lutamos para adquirir um

senso de responsabilidade e estabelecer limites, compreendendo nossas limitações. As lembranças relacionadas a essas emoções permanecem armazenadas nos órgãos desse centro, órgãos do aparelho digestivo, inclusive a boca, o esôfago, o estômago, o intestino delgado e o colo transversal, o fígado e a vesícula.

Por outro lado, a interface do poder assenta-se na motivação pelo êxito, na competitividade, ambição, prestígio, ansiedade, agressividade na execução das tarefas e na busca, sem fim, da recompensa financeira ou de reconhecimento - da rota do poder e do sucesso, na qual o indivíduo se percebe lá nas alturas. Confúcio falava dessa condição como a lua cheia que, a partir de seu ponto máximo, dava início ao declínio e ao minguante.

Daí a importância do equilíbrio com a vulnerabilidade, onde o indivíduo apreende uma capacidade realística que lhe permite, nas questões justas, tolerar a inadequação, a incompetência em si mesmo, a perda, a concessão, a desistência, o delegar, o evitar.

Os vícios aprisionam as pessoas nesse chakra pelo contexto da vulnerabilidade.

Em estudos comparativos da matéria médica, Sulphur apresenta uma patogenia que sintetiza os sintomas mentais, emocionais e físicos relacionados a esse centro consensual de consciência.

Na Matéria Médica de Sulphur, observamos os seguintes sintomas: indivíduo impaciente, contraditório, briguento, vivamente impressionado, rapidamente acalmado. Tudo é ardente, as dores, a pele, as secreções e as excreções.

Tem necessidade de ar fresco, mas horror à água. Aversão para se lavar e se banhar. Presença de sintomas gerais de queimação e ardência em de todos órgãos. Isso se deve ao fato de Sulphur estar relacionado ao elemento fogo.

O indivíduo apresenta, na experimentação de Sulphur, uma grande ansiedade pela salvação de sua alma e pelo futuro. À noite não consegue dormir. Desperta ansioso e com pressão no peito. Apresenta também megalomania, indolência mental e física, aversão ao trabalho, egoísmo, charlatanice e falta de iniciativa .

Paschero descreve sobre a grande indecisão de Sulphur. “Vive como em sonhos. Frente a tudo que tem de fazer se torna imóvel, preguiçoso e imbecil. Não suporta pessoas ao seu redor. Impulsos religiosos excessivos. Dipsomania e indiferença com a sua aparência pessoal”.

Não lhe interessam as aspirações e os desejos de ninguém, somente os próprios. Cada coisa que contempla é em seu benefício, demonstrando notória ingratidão. Sulphur mostra aversão em seguir as coisas na ordem estabelecida, repudia o trabalho real e sistemático. A miúdo é um ignorante, porém imagina ser um grande homem. Deprecia a educação e a literatura humana. Apresenta um estado de embotamento e confusão mental. Mostra felicidade tonta e orgulho. Mostra também indisposição para o trabalho, o prazer, a locomoção e a comunicação.

James T. Kent, em sua *Matéria Médica Homeopática*, afirma que esse medicamento parece conter uma semelhança em todas as enfermidades do homem; portanto, um principiante, ao ler sobre seus sintomas na experimentação, poderia naturalmente pensar que não necessitaria de mais remédios além deste, como se a imagem de todas as enfermidades parecesse estar contida nele.

A observação levantada por Kent tem fundamento, pois Sulphur representa o núcleo de assentamento do ego, o que, na realidade, está intrinsecamente ligado ao cerne de todo o processo humano. Exatamente por isso, parece conter a imagem de todas as enfermidades, dando ao observador a percepção de estar contido de forma subliminar em todo o universo de sintomas observados. Aparentemente, insere-se em todos os contextos, mas não é tudo. Sozinho, não fecha todo o holograma humano, não cria a sincronicidade necessária para desprender a consciência fixada no terceiro chakra e, ao mesmo tempo, criar um sinergismo capaz de impulsioná-la em direção aos níveis superiores de consciência.

A presença de apenas um elemento torna o processo de cura pontual e estático, quando na realidade a cura é, fundamentalmente, um processo dinâmico. Outro aspecto a ser indagado é o fato de

que, na maioria das vezes, o indivíduo apresenta um predomínio de sintomas ligado a um centro de energia, um ou mais sintomas de níveis inferiores que não foram ainda elaborados e uns raros de níveis superiores ainda não acessados pela consciência.

Essa compõe uma séria questão da Homeopatia, porque um único medicamento nunca abrange, efetivamente, a totalidade dos sintomas de forma universal. Restam sempre resquícios de processos em outros centros consensuais da consciência, compatíveis com outros modelos de desordem inerentes a outros elementos. A tentativa de correção desse holograma interno apenas com um elemento resulta na permanência de uma dança dos nós internos, que, na observação clínica, estabelece a abertura de novos quadros que surgem ao longo do processo de cura. Essa visão torna o tratamento homeopático longo e demorado, levando muitas vezes o paciente a desistir do processo.

4- ANAHATA OU CHAKRA CARDÍACO

Este chakra tem como representação um hexagrama verde acinzentado, circundado por doze pétalas escarlates. A parte central é formada por uma estrela de seis pontas, resultante da superposição de dois triângulos sobrepostos. O triângulo voltado para cima simboliza Shiva, o princípio masculino. O outro, voltado para baixo, representa Shakti, o princípio feminino. A estrela de seis pontas simboliza o elemento ar, o prana ou a respiração vital, e possibilita, neste nível, uma circulação uniforme de energia tanto na direção ascendente como descendente.

Dentro do chakra Anahata, encontra-se um lótus de oito pétalas, contendo em seu centro o coração espiritual, em sânscrito conhecido como Ananda Kanda. Essas oito pétalas relacionam-se com as diferentes emoções que vão sendo ativadas, dependendo do fluxo de energia que flui através de cada uma.

Segundo Harish Johari, os antigos filósofos do Oriente relacionavam cada pétala a uma qualidade de sentimento ou emoção humana. Se a energia se posiciona e se fixa naquela considerada a posição sudeste do coração sutil, determina no indivíduo a apatia, o desânimo, a depressão, a lentidão. Quando direcionada à posição sul, determina a ira e a crueldade. No sudoeste, impulsiona o indivíduo ao desejo de realizar atos maus.

O chakra segue girando a partir do processo de individuação para a posição seguinte, à oeste, que promove a felicidade e a alegria. E, ao experimentar essa felicidade, a consciência lança suas âncoras de fixação neste chakra.

Se o processo de organização interna seguir seu curso natural, a pessoa se posicionará a noroeste, experimentando exatamente o oposto da apatia da faixa sudeste. Nesse ponto, encontrará os movimentos, a dinâmica e a coragem indispensáveis para realizar a equação de seus processos internos, para reorganizar as condições necessárias para seguir na sua jornada em direção ao que ele É. A posição seguinte no sentido evolutivo é ao norte, e predispõe o indivíduo a experimentar uma qualidade especial de comunhão sexual. As paixões já foram dominadas, abrindo espaço para uma consciência mais clara do que realmente significa se relacionar e amar o outro.

Nessa dimensão representativa, a consciência já se encontra bem estruturada neste chakra e segue seu movimento de vida e expansão, buscando, na posição nordeste, a noção do outro, agora no sentido da caridade, da compaixão verdadeira e da consciência ecológica. O sentido de total integração no coração sutil acontece quando se posiciona finalmente ao leste, experimentando o desejo de realizar atos sagrados, de operar a transformação alquímica pelo amor, a serviço do Amor.

Compreendemos claramente a necessidade da consciência presente neste chakra, para que o coração não fique aprisionado a sentimentos negativos ou recalçados, insensível, apático e inoperante. Quando esse centro é liberado, tem-se a consciência plena da verdadeira renúncia e o que ela representa em dádivas para os demais e para si próprio. Traduz-se na dimensão do velho ditado: “É dando que se recebe”, que jamais poderá ser verdadeiramente compreendido por uma consciência que não esteja fixada

nesse chakra. Na verdade, consiste na apreensão de uma nova realidade, que predispõe o indivíduo para a consciência justa do outro, para a diplomacia, a intuição e para o perdão sem esforço.

Na Tradição Chinesa, associa-se ao “mundo dos humanos”, ao reino humano. Seu planeta é Vênus. As pessoas com ênfase nesse chakra dormem de cinco a seis horas diárias, na posição lateral. Seu plexo vitalizador é o cardíaco e a glândula correspondente, o timo.

O timo apresenta uma coloração cinza-rosado, com cinco centímetros de comprimento e três e meio de largura. Pesa cerca de oito gramas no recém-nascido, diminuindo no adulto e estando praticamente atrofiado na pessoa idosa. Hoje é reconhecida sua importância na maturação do sistema imunológico, principalmente através da timosina, seu hormônio fundamental.

Segundo Mona Lisa Schulz, as emoções sentidas como desagradáveis indicam que houve um desvio interno, um rompimento do equilíbrio entre o nosso poder e a nossa vulnerabilidade no nível deste chakra. Suas observações frente aos pacientes indicam, como expressão de poder neste chakra, a raiva e o ódio, a alegria e a exuberância, a paixão, a coragem, a perda, o estoicismo, o isolamento, o prestar ajuda, a doação e o martírio ou sacrifício pelos demais para alcançar reconhecimento. Como vulnerabilidade, o ressentimento e a amargura, o amor, a serenidade e a paz, depressão, abandono, ansiedade, intimidade, o aceitar ajuda, a aceitação e o perdão.

Na Matéria Médica Homeopática, encontramos na patogenesia de Natrum muriaticum todos os sintomas descritos em relação a esse campo de energia humana. Em sua experimentação no homem são, foram descritos os seguintes sintomas: quadro associado à falta de alegria, indiferença e tristeza (melancolia). Irritabilidade acompanhada de palpitações. Não admite contradição. Mostra-se apaixonado e veemente sem causa. Ressentimento. Falta de coragem psíquica para defender-se da ansiedade gerada pelas frustrações da sua vida. A agressividade reprimida, que não pode ser exercitada, faz com que ele se volte contra ele mesmo, consumindo-se em profunda tristeza, gerando melancolia, ressentimento e abatimento. Desespero ansioso com palpitações.

Natrum muriaticum determina uma dinâmica interna tal, que o indivíduo não pode se separar de seus pensamentos. Lembra sem cessar das injúrias que recebeu, ou que fez aos outros, as quais o deprimem a ponto de não achar prazer em nada. Acha-se submerso em idéias deprimentes e tristes, recorda-se de fatos passados desagradáveis e pensa todo o tempo no que será dele. Pranto involuntário, choro ao pensar nos fatos desagradáveis passados. Crê que está sendo olhado com lástima e chora. Agrava com o consolo.

Nesta experimentação de Natrum muriaticum no indivíduo são, ainda é referida a inibição da agressividade, já que a capacidade de agressão é identificada com o ressentimento. Está deprimido e sente-se não somente triste, mas também sem esperanças, sem forças, indiferente a tudo e desgostoso do seu trabalho. Busca explosões liberadoras. Coloca-se muito contente, quer bailar e ri tão violentamente que não pode parar. Os olhos se enchem de lágrimas. Alterna histericamente o riso com o pranto. Compaixão de si mesmo. Palpitações amorosas. Não interessa quão alegre sejam as circunstâncias, pois o paciente não pode alcançar um estado de alegria. É incapaz de controlar seus afetos e se enamora pela pessoa errada. Refere um suor frio e agrava com o calor.

Conclui-se que só a partir do momento em que a consciência ascenda, fixando-se no chakra cardíaco, o sujeito penetra verdadeiramente na dimensão humana. Como visto anteriormente, nesse nível encontra-se o Selo de Salomão(✠), a estrela de seis pontas, que representa a conexão consciente, permitindo religar o *self* consciente ao *self* inconsciente. Nessa dimensão, o indivíduo experimenta a condição de se perceber holocentrado, entre as energias que descendem (femininas, ▽) e as energias que ascendem (masculinas, △).

5 – VISHUDDHA OU CHAKRA LARÍNGEO

No Tantrismo Indiano, este chakra apresenta como símbolo uma lua crescente prateada dentro de um círculo, brilhante como a lua cheia, rodeado por dezesseis pétalas. Essas são de cor cinza-lavanda ou púrpura esfumada. No quinto centro, os elementos dos chakras inferiores: terra, água, fogo e ar estão refinados em sua essência mais pura, gerando o seu elemento que é a quintessência de tudo que pertence ao plano das experiências materiais do mundo manifestado.

Patric Paul descreve a energia do laringeo relacionada com a força de dilatação do espaço, bem como ao próprio sentido do espaço. Refere-se, também, ao som e, subjacentemente, à laringe e à audição. Trata-se da função expressiva de nosso padrão cognitivo. Este centro é considerado como o Umbral da Grande Liberação, porque aponta para o limiar entre o mundo exterior concreto e o mundo interior abstrato. Na Tradição Chinesa, corresponde ao “mundo do homem angélico”.

Seu planeta é Mercúrio. Governa as pessoas entre as idades de vinte e oito a trinta e cinco anos. As pessoas motivadas por este centro dormem de quatro a seis horas por noite, alternando os lados.

Os órgãos afetados pela sua capacidade, ou incapacidade de atingir esse equilíbrio, são a garganta, a boca, a coluna cervical, a tireóide e as paratireóides.

A glândula tireóide pesa 30 gramas e localiza-se logo abaixo da laringe. Entre outras funções, regula o consumo de oxigênio e o processo de crescimento e diferenciação de tecidos. A glândula produz o hormônio tireoideo para controle do metabolismo e a calcitonina que ajuda a reduzir os níveis de cálcio no sangue.

As paratireóides são formadas por quatro ou cinco corpúsculos redondos, cada um com o tamanho aproximado de uma lentilha, e secretam o paratormônio, que, junto com a vitamina D, se coloca como os principais reguladores da homeostase de cálcio e fósforo no organismo.

Este centro de energia, segundo Shafica Karagulla, indica sensibilidade em relação à cor e à forma, assim como ao som e ao ritmo. Recebe o aspecto criativo do chakra frontal, energizando-o através da comunicação.

É descrito, ainda, como ligado aos processos de memória, juízo correto, intuição, inspiração, e como o centro dos sonhos. Ensinos a esse nível são revelados através dos sonhos. O Laringeo elabora uma síntese entre os pensamentos, as palavras e os atos exteriores. Sua atividade está ligada à lógica, ao ensinamento, à palavra e à escrita, permitindo o acesso à compreensão do Universo.

A ausência de energia nesse centro determinará bloqueios na comunicação e na verbalização, tristeza, ignorância e dificuldade de compreensão. O excesso dessa energia leva ao individualismo: pessoas que falam demais, que pensam ter sempre razão, e que estão contentes com elas mesmas.

De acordo com Patric Paul, quando a energia está liberada nesse chakra, há uma compreensão do Universo. O indivíduo passa a questionar as evidências, adquirindo a capacidade de se descondicionar, despertando para o campo sutil e para a abstração. Nesse ponto, passa a estabelecer uma comunicação essencialmente justa entre o interior e o exterior, passando a ter palavra e a estar na palavra. Entra na dimensão do Verbo interior e do Verbo criador. Surge aí um profundo respeito por si mesmo, o espaço e a capacidade de testemunhar e exprimir o que ele é verdadeiramente.

A palavra representa um poder ambivalente, por isso esse chakra, na Mitologia Grega, é representado por Hermes-Mercúrio, deus dos comerciantes e, ao mesmo tempo, dos ladrões. É, também, Toth-Hermes que pode ir ao céu comunicar-se com Zeus, ou descer aos infernos e comunicar-se com Hades. A função mercurial aponta para uma ligação entre o céu e a terra, entre o concreto e o abstrato, entre o céu e o inferno.

O principal problema encontrado, relacionado a esse chakra, é o intelecto negativo, que pode ocorrer através da ignorância no uso insensato do conhecimento. É o que observamos atualmente, por exemplo, nas experiências genéticas, que partem de mentes que fazem mau uso do conhecimento, não medindo as consequências dessas pesquisas para a humanidade.

Mona Lisa Schulz, em sua observação clínica, descreve que a saúde nesse centro pede um equilíbrio entre expressarmos a nós mesmos e escutarmos os outros; entre nos empurrarmos para frente

com o fim de satisfazermos nossas necessidades e agarrarmos o que desejamos, ou esperarmos, quando necessário, que as coisas venham até nós; e entre afirmarmos nossa vontade sobre os outros ou deixarmos que a vontade dos outros nos seja imposta. Coloca, ainda, não só a importância desse centro expressar a criatividade dos centros superiores como, também, expressar aquilo que está abaixo dele, a paixão e o amor do nosso coração.

Na Matéria Médica Homeopática, a patogenesis confirma Mercurius solubilis como o sincronizador desse chakra. Na experimentação no indivíduo são, foram codificados os seguintes sintomas: apressado para falar, ainda que tímido e embaraçado para responder perguntas; tendência a tiques nervosos e tremores; déficit intelectual com obtusão para as operações mentais, com lentidão nas operações e elaboração de respostas; personalidade imatura com maior grau de regressão infantil e tremor na liberação de seus impulsos agressivos, os quais não pode dominar.

O indivíduo sob experimentação move-se constantemente, como se quisesse fugir de si mesmo, tratando inclusive de viajar e ir para longe, numa autêntica fuga de seus problemas. Não tem consciência do inimigo mortal que leva em seu interior e, transtornado pela ansiedade e pelo medo, projeta a hostilidade, considerando a todos como inimigos.

Crê, ainda, que vai perder a razão, com uma profunda falta de confiança em si mesmo. Não confia em si mesmo e em ninguém. Está sempre apressado, pois para ele o tempo desliza com lentidão. Apresenta impulsos para a violência e desejos de matar quem lhe contradiz.

Na experimentação desse medicamento, os sintomas agravam à noite, no tempo úmido ou chuvoso. Os indivíduos referem uma piora dos sintomas, quando deitados sobre o lado direito, e em ambientes quentes e abafados.

Observa-se, de forma interessante, a analogia do centro laríngeo com o comportamento infantil das pessoas, ao mesmo tempo em que se constata ser o centro energético mais afetado na infância, com predomínio de patologias a ele relacionadas. Relacionam-se a esse chakra as patologias como: amigdalite, otite, bronquite e pneumopatias em geral, sinusite, rinite, dermatite, laringite, faringite, tosse e dispnéia. Esses bloqueios são bastante comuns na infância, devido à dificuldade natural que a criança tem de expressar plenamente seus sentimentos e emoções.

6- AJNA OU CHAKRA FRONTAL

Na Tradição Oriental, este chakra compõe-se de noventa e seis pétalas, mas difere dos outros por parecer estar dividido em dois segmentos, sendo descrito como um círculo branco com duas pétalas luminosas. As duas pétalas representam uma metade cor-de-rosa, considerada a polaridade feminina, e a outra metade azul e roxa, indicando a polaridade masculina do chakra. Na projeção ao plano físico, as duas pétalas significam os dois lobos da glândula pituitária, que governa diretamente esse centro de energia.

Essa glândula é composta de uma massa vascular cinza-avermelhado. Pesa cerca de um grama e tem 1,3 por 1,5 centímetros de tamanho. Situa-se a seis centímetros de um ponto entre as sobrancelhas, dentro de uma estrutura óssea (denominada sela túrcica). É composta, anatômica e fisiologicamente, de dois lobos, que diferem sob o aspecto do desenvolvimento, estrutura e secreção hormonal.

A glândula pituitária anterior secreta os seguintes hormônios: a corticotrofina (ACTH), que afeta a córtex supra-renal; o hormônio folículo-estimulante nas mulheres (FSH); o hormônio estimulador da tireóide (TSH); o hormônio do crescimento (GH); o hormônio luteinizante (LH); e o hormônio lactogênico, denominado Prolactina. No lobo posterior é produzido o hormônio antidiurético (ADH), e a Oxitocina, responsável pela contração uterina e a liberação de leite pela mama lactante.

Este chakra diz respeito, fundamentalmente, à integração das idéias e à capacidade de organização como experiência. Seu planeta é Saturno, apontando, ao mesmo tempo, para uma

neutralidade entre o solar e o lunar, entre o negativo e o positivo. Neste ponto de neutralidade, a mente atinge um estado de esclarecimento cósmico libertando-se da dualidade.

Na Tradição Chinesa, esse centro liga-se ao “mundo dos deuses” sendo, também, denominado de “selo do Nome”, ou “selo do comando da Pessoa Divina”. Desenvolve a atitude da concentração, a liberação do apego, o largar das formas ilusórias e de tudo que é transitório.

Se a consciência opera esse chakra em níveis de cura e abertura, ele manterá um equilíbrio entre o Sol e a Lua, feminino e masculino, entre poder e vulnerabilidade. Permitirá, nesse contexto, uma integração interna entre a consciência ética e moral e a capacidade de clarividência, desenvolvendo o real sentido de comando e de liberdade.

Caso permaneça em níveis de consciência aquém da neutralidade, funcionará na polaridade yin, estabelecendo déficit na concentração e associação de idéias, cinismo, dissociação da personalidade, niilismo. No padrão Yang, predispõe à atitude utópica, à imaginação fantasmagórica, aos delírios e às percepções distorcidas da realidade.

Mona Lisa Schulz coloca como polaridade de poder, no campo da percepção, clareza, concentração, acuidade e falta de receptividade. No campo do pensamento, sabedoria, conhecimento, racionalidade, linearidade, rigidez e obsessividade. No campo da moralidade, o conservadorismo, o cumprimento da lei, a severidade, a crítica, a consciência e a repressão.

A polaridade de vulnerabilidade no campo da percepção desse chakra é relatada como desconcentração, ambigüidade, cegueira, receptividade. No campo do pensamento, como ignorância, educabilidade, irracionalidade, não-linearidade e flexibilidade. E no âmbito da moralidade como liberalidade, audácia, culpa, abertura ao diálogo e desinibição.

Este centro de energia aporta-nos ao princípio da unidade e da não-dualidade. Vincula-se ao amor universal, que se estende além do âmbito humano. Proclama o zelo, a visão pura e o apoio da proteção e da nutrição de toda a vida.

A área do corpo que controla é o cérebro inferior, olho esquerdo, ouvidos, nariz, sistema nervoso e a glândula hipófise ou pituitária.

Na Matéria Médica Homeopática, encontramos o Antimonium crudum, cuja patogenesia está relacionada ao desequilíbrio desse chakra. Seus sintomas, retirados da experimentação no indivíduo são, apontam claramente para sintomas direcionados para o olho esquerdo especificamente, e para os sintomas focados sobre o campo mental.

Nos ensinamentos Herméticos coloca-se, como o símbolo do Antimonium crudum, o lobo cinzento que uiva para a lua. A lua cheia é a representação simbólica do chakra superior a esse, que representa o Amor Universal e a transcendência. Na experimentação homeopática de Antimonium crudum, encontramos sintomas graves no nível mental sob a luz da lua: sentimentos à luz da lua, um estado histérico, uma desordenada explosão de afeto despertada em alguém cujo sistema nervoso está desequilibrado. Êxtase amoroso caminhando à luz da lua, desejos de um amor ideal, doentes de amor.

Esses sintomas de Antimonium confirmam toda a simbologia expressa pelos antigos acerca do lobo cinzento que define, em última instância, a própria glândula hipófise de cor acinzentada. Ao mesmo tempo, representa o animal que uiva à luz da lua, como ocorre na experimentação do Antimonium crudum, na qual os indivíduos têm sua mente profundamente afetada à luz do luar.

O uivo representa em cada ser o anseio pela totalidade, pelo que somos no mais íntimo de nossas lembranças. E a natureza conspira de todas as maneiras com seus símbolos e suas formas, indicando-nos o caminho, numa tentativa de relembrar a nós mesmos, na realidade, quem somos. Isso vem responder sobre ao que colocavam os Alquimistas em relação à expressão de que, na realidade, o ser humano é Antimonium ele mesmo, marcando-o com o símbolo da Terra oculta.

Antimonium reflete a questão importante do olhar e da audição. Quando na experimentação, exprime uma aversão para aqueles que o olham e uma sensibilidade especial em relação ao som dos sinos levando o experimentador às lágrimas.

Este chakra apresenta, também, uma forte relação com o plexo solar, de onde recebe energia do elemento fogo. Resulta em sintomas que agudizam com o calor do sol ou do fogo, uma sensação de queimadura na fronte, cefaléia - como se a fronte fosse explodir, vermelhidão no olho esquerdo, vômitos persistentes e cefaléias de fundo gástrico.

São descritos sintomas, ainda, como pressão no lado esquerdo da fronte, dor no osso parietal esquerdo, tremores na pálpebra esquerda, e sintomas diversos ligados ao olho esquerdo.

A ligação do sexto com o terceiro centro consensual de consciência é comprovada no desenrolar do processo criativo, quando a mente intenciona algo que deseja criar e depende, diretamente, do terceiro chakra para a materialização do projeto. Observamos, na prática, pessoas geniais que, objetivamente, na vida não conseguem materializar seus projetos. Isso se deve a uma baixa de energia no nível do terceiro centro dinâmico. O indivíduo em questão experimenta a sensação de absoluta falta de sincronicidade na execução dos planos de acesso às suas realizações. É como se perdesse o compasso da integração dos sistemas paralelos, das diferentes dimensões da realidade. Quando seus chakras são corrigidos pela medicação homeopática experimentam, de repente, uma realidade onde o Universo parece conspirar a favor, onde a dimensão física acontece naturalmente, como uma roda de natureza interna que recuperasse espontaneamente o seu giro.

7 – SAHASRARA OU CHAKRA CORONÁRIO

Sahasrara em sânscrito significa coroa. Esse chakra de mil pétalas tem como símbolo a lua cheia, que representa a totalidade. Situa-se acima do crânio, não tocando o corpo, o que lhe proporciona a condição de não ser manifestado. Como os dois chakras precedentes, tem como elemento também o éter, porém aqui o éter estabelece sua dimensão original criadora.

No Tantrismo Indiano, é descrito como a “sede especial e mais elevada de Jiva, a alma” enquanto que, na Tradição Chinesa, se liga ao “mundo Divino”, ao “mundo de Deus”, diferente do chakra frontal, relacionado ao “mundo dos deuses”. Segundo Patric Paul, no coronário tocamos o mundo da Unidade Divina, onde o sono é, de certo modo, supraconsciente, um contato com a eternidade, um estado incondicional, uma espécie de simplicidade imaterial que poderia ser chamado de vacuidade.

Este chakra, quando aberto pela suprema consciência, manifesta uma energia completamente neutra, estabelecendo a condição de acessar o “aqui e agora”, a condição de repouso, de vazio, de silêncio, de consciência universal e de Amor incondicional.

Podemos observar que, até o quinto chakra, encontramos a polarização masculino-feminino. O sexto e sétimo centros dinâmicos apresentam uma energia neutra, não estando mais ligados à dualidade. O sétimo centro integra todo o processo com a unidade plena, representando uma dimensão de transcendência para além do cosmo.

De acordo com Dora Kunz, é o maior e mais importante dos centros por afetar diretamente todas as funções do cérebro. Relaciona-se especialmente com a glândula pineal.

A glândula pineal tem um corpo cinza-avermelhado, do tamanho de uma ervilha e do formato de uma pinha, daí o seu nome. Situa-se bem no interior do cérebro e produz o hormônio melatonina, importante regulador do relógio biológico do corpo. Além disso, pesquisas contemporâneas confirmam que essa glândula produz hormônios controladores de outros ritmos biológicos, possuindo diversas ligações endócrinas.

Kappers descobriu, em 1960, que os nervos primários, que estimulam a glândula pineal, não têm origem no cérebro e sim no sistema nervoso simpático (especificamente nas células simpáticas nos gânglios cervicais superiores). (Cf. *The New Scientist*, 25 de julho de 1985, e *Science News*, 9 de novembro de 1985).

No princípio da década de 1990, tivemos a confirmação científica desse centro consensual de consciência, através da pesquisa realizada pelo neuropsicólogo Michael Persinger; e, mais recentemente, em 1997, pelo neurologista Vilayanu Ramachandram e sua equipe da Universidade da Califórnia, sobre a existência de um ponto divino no cérebro humano. Esse centro espiritual interno localiza-se entre conexões neurais nos lobos temporais do cérebro. Nos escaneamentos realizados com a topografia de emissão de pósitrons, essas áreas iluminam-se em todos os casos em que os pacientes da pesquisa participam de discussão de tópicos espirituais ou religiosos. Segundo a pesquisa, esse “ponto Deus” seria o responsável por um terceiro tipo de inteligência (QS), ou inteligência espiritual, que integraria, no processo cognitivo, um potencial unitivo, integrador e gerador de sentido.

Mona Lisa Schulz afirma, através de suas pesquisas, que a saúde, nesse centro emocional, consiste em definir ou deixar que se defina um propósito e um sentido claro para a sua trajetória na vida. Por outro lado, coloca a necessidade de ser vulnerável, no sentido de não ficar no absoluto controle de todos os processos, estando em uma dimensão interna onde se permite o fluir da vida, uma escuta interna de sinais de dimensões a serem permeados ainda por nossa consciência.

Segundo Schulz, na condição de poder, o indivíduo experimenta um claro sentido de propósito na vida, uma convicção de que cada um cria sua própria existência, uma certeza de poder influir nos acontecimentos de sua vida e a capacidade de apego aos processos existenciais. Na condição de vulnerabilidade, ele vivencia um sentido indefinido de propósito de vida, uma convicção de que o céu dirige a sua existência, uma certeza de que as coisas acontecem como devem acontecer e a capacidade de desapego em sua vida.

No curso do longo caminho para a individuação do ser, o equilíbrio aponta para o fiel da balança entre o poder e a vulnerabilidade, atravessando todas as estações e questões internas necessárias, levando o indivíduo a relembrar na totalidade sua identidade una. Em relação a isso veremos, na experimentação do medicamento homeopático, uma relação bastante estreita desse centro de energia com os mecanismos mais profundos da memória.

Este chakra governa, no corpo físico, o cérebro superior e o olho direito, além de ter a função de vitalizar todo o cérebro e, através dele, harmonizar todo o corpo.

Na Matéria Médica Homeopática, encontramos o Kali carbonicum, cuja patogenesia espelha os desequilíbrios desse chakra. Na experimentação no indivíduo são, encontramos uma profunda sensação de debilidade intelectual, que o incapacita para a luta e o coloca na condição de ter que depender dos demais. Como consequência encontra-se esgotado e incapaz de trabalhar. Apresenta medo da solidão e rechaça o consolo, porque não quer depender. É incapaz de trabalhar devido ao esgotamento e não pode nunca ficar só.

Encontra-se ainda em Kali carbonicum sintomas de mau humor, falta de memória, embotamento mental, tonteira, cefaléias, dores dilacerantes na órbita ocular direita, dor opressiva na região da sobrancelha direita, pontadas no olho direito. Predomínio de sintomas relacionados ao olho direito, que se encontram em grifo no repertório médico homeopático.

Observa-se, ainda, um relato de grande número de sintomas relacionados à região anal, o que atesta a ligação desse centro de energia com o chakra básico.

Na elaboração de um estudo comparativo entre a Matéria Médica Homeopática e os centros consensuais e de consciência, compreendemos que a profunda debilidade intelectual de Kali carbonicum advém da perda no propósito fundamental da vida, colocando o indivíduo em contato com uma extrema vulnerabilidade nesse centro de energia. Por essas razões, predispõe o indivíduo a uma percepção de isolamento e medo da solidão que, em última instância, reflete o isolamento que este centro de energia, no alto da cabeça, tem em relação aos demais. Perdendo o propósito e a força motriz de vida, encontra-se vulnerável às influências externas, à sensação de que não tem nenhum domínio sobre os acontecimentos de sua existência, o que o coloca na dependência dos demais.

A falta de energia física que Kali carbonicum determina explica-se pela sua relação direta com o centro consensual básico que, como vimos, relaciona-se diretamente à vitalidade e à capacidade do corpo físico.

CAPÍTULO 5

OS MODELOS DE DESORDEM – A ORDEM ESTRATIFICADA

Analisando mais profundamente a questão dos padrões de auto-organização e o processo cognitivo da vida, compreende-se que cada metal ou elemento da natureza possui, intrinsecamente, seu específico modelo de desordem, seu perfil de ressonância interna. Na realidade, a dinâmica miasmática reflete a compreensão desses padrões.

Para tornar mais fácil a compreensão deste processo intrínseco, abre-se aqui um paralelo com a Medicina Ayurveda, cujos ensinamentos de antigos mestres hindus constelavam em torno de três elementos da natureza cósmica, representados pelo ar, o fogo e a água. De acordo com essa interpretação, integravam os três componentes do Tridosha, representando os três princípios essenciais que compõem tanto os seres vivos (microcosmo) quanto o macrocosmo. Segundo essa doutrina, os três elementos compõem um movimento misterioso nos seres humanos, determinando a sua condição de saúde física, emocional e mental.

Benoytosh Bhattacharyya, Ph.D. do Instituto Oriental de Baroda na Índia, traçou um paralelo entre os miasmas homeopáticos e o Tridosha, comparando os três elementos às partículas férmions da Física Quântica, isto é, os elétrons, prótons e nêutrons. O estudo traça um paralelo entre os miasmas e a dimensão quântica. O elemento ar, denominado de Vatta, corresponde à psora homeopática. O elemento fogo, denominado Pitta, corresponde à sífilis homeopática. O elemento água, denominado de Kapha, corresponde à sicose homeopática. Nesse mapeamento, os nêutrons são definidos como Vatta (ar), que interagem com os elétrons (fogo) produzindo calor atômico, e com os prótons (água), produzindo esfriamento atômico. Logo, os elétrons representam Pitta e os prótons, Kapha. Coloca ainda que Vatta apresenta uma extraordinária capacidade de interagir e, segundo a visão dos antigos Hindus, essa qualidade predispõe à interação dos outros elementos. “Quando interage com o fogo produz ondas de calor, mas quando interage com a água produz intenso resfriamento”.

A dinâmica miasmática passa então a ser analisada como uma dinâmica quântica, nos padrões dinâmicos e interativos de suas partículas férmions. Bhattacharyya desenvolveu um extenso estudo traçando, a partir da Medicina Ayurveda, um mapeamento completo do modelo de desordem pertinente a cada medicamento homeopático.

Analisando os sete elementos deste estudo epistemológico, sob a configuração definida por Bhattacharyya, encontramos os seguintes modelos de desordem:

Kali carbonicum	(Pitta-Kapha)	7º centro consensual de consciência
Antimonium crudum	(Pitta-Kapha)	6º centro consensual de consciência
Mercurius solubilis	(Pitta-Kapha)	5º centro consensual de consciência
Sulphur	(Vatta-Pitta)	3º centro consensual de consciência
Natrum muriaticum	(Vatta-Pitta)	4º centro consensual de consciência
Aurum metallicum	(Kapha)	2º centro consensual

de consciência
Ammonium muriaticum(Vatta-Pitta-Kapha)1º centro consensual
de consciência

Em uma análise cuidadosa do assunto, constata-se que, se esses são os modelos de desordem intrínsecos do elemento correspondente a cada centro consensual de consciência, isso resulta na evidência lógica de que esses, também, seriam os modelos de desordem inerentes a cada centro dinâmico de consciência, já que apresentam uma ressonância perfeita entre si. A condição básica para que haja ressonância é a existência de um padrão de semelhança idêntico, a fim de que o sistema receba a informação adequada e elabore uma reestruturação quântica no nível da partícula em dissonância.

O biólogo Rupert Sheldrake descreve os fenômenos de ressonância mórfica como a influência do semelhante sobre o semelhante através do tempo e do espaço, sendo, fundamentalmente, baseada numa passagem de informação. Relata várias experiências com seres vivos que confirmam a passagem de informação como uma das formas de interação sistêmica.

O medicamento homeopático dinamizado atua através de dois mecanismos distintos: ressonância (passagem de informação) e liberação de energia para o sistema, as quais estabelecem alterações eletromagnéticas, mecanismo de ação comprovado pelos condensados de Bose-Einstein.

Para melhor entender o processo, torna-se importante a compreensão do que representa a capacidade vibratória do medicamento homeopático dinamizado. Uma analogia pode ser delineada a partir do exemplo a seguir, citado pelos cientistas modernos, onde provam que é apenas modo de movimento vibratório o que chamamos de matéria e energia:

“Os cientistas ofereceram o exemplo de uma roda, pião ou cilindro movendo-se rapidamente para mostrar os efeitos das escalas aumentativas de vibração. O exemplo supõe uma roda, pião ou cilindro, girando numa pequena escala de ligeireza. O objeto no experimento começa a mover-se lentamente. Pode, por conseguinte, ser visto facilmente pelo observador. A velocidade é aumentada gradualmente, e seu movimento vai se tornando tão rápido que um surdo ruído ou uma nota baixa pode ser ouvida. Então como a escala é aumentada a nota sobe mais na escala musical. Vão surgindo uma, após a outra, cada nota da escala musical enquanto se aumenta progressivamente o movimento. Finalmente quando ultrapassa uma certa escala, uma última nota perceptível ao ouvido humano é seguida de um som agudo que soa morrendo ao longe dando lugar ao silêncio. Nenhum som do objeto girante é ouvido, o grau de movimento torna-se tão elevado que o ouvido humano não pode registrar as vibrações. Surge, a partir deste ponto, a percepção dos graus ascendentes de calor e depois de algum tempo o olho percebe um vislumbre de um objeto que se torna uma escuridão de cor avermelhada. Como o grau segue aumentando, o vermelho fica mais claro. A velocidade segue aumentando, e o vermelho vai se tornando alaranjado, que passa em seguida ao amarelo, verde, azul, anil e finalmente ao violeta. Em decorrência do aumento do grau de movimento a cor violeta então desaparece, assim como todas as cores, não sendo mais possível à vista humana percebê-las.

No exemplo, surgem em seguida os raios invisíveis que emanam do objeto girante, os raios usados na fotografia e outros raios sutis da luz. Começam a se manifestar, progressivamente, os raios peculiares conhecidos como Raios X etc., conforme se transforma a constituição do objeto. A Eletricidade e o Magnetismo são emitidos quando for atingido o grau apropriado de vibração.

Quando o objeto atinge um certo grau de vibração, as suas moléculas se desintegram e giram por si mesmas nos elementos originais ou átomos.

Os átomos são, por sua vez, separados em seguida, em suas subunidades atômicas. E finalmente, os corpúsculos desaparecem e pode-se dizer que o objeto entra na Substância

Etérea, denominada pela Física atual de Vácuo Quântico. A ciência não prossegue adiante no exemplo, mas os mestres Hermetistas ensinam que, se as vibrações fossem aumentando continuamente, o objeto subiria aos estados sucessivos de manifestação e poderia manifestar os diversos graus mentais na direção do Todo, e, então, ele poderia reentrar finalmente no Todo. O objeto, contudo, teria deixado de ser um objeto”

Esse exemplo oferece-nos uma perspectiva interessante quanto à questão das vibrações no processo cognitivo e abre uma compreensão em termos do que Hahnemann, com sua genialidade, descobriu como método específico: um método que alcança, através da água, níveis vibratórios altíssimos, frequências capazes de gerar uma ressonância vibratória com os seres vivos no sentido de ampliar níveis de consciência. Hahnemann, usando métodos não conceituais de conhecimento (intuitivos), definiu basicamente um novo critério em cima da polaridade que governa todos os mecanismos da natureza. Utilizou o critério de polarizar o sistema, através de sua vibração e expansão, usando duas propriedades simultaneamente: a sucussão (dinamizando e aumentando a capacidade vibratória do sistema) e a diluição paralela, encerrando o mistério do feminino, a possibilidade de expansão.

O processo de dinamização homeopática significa apenas um outro método de se atingirem níveis elevados de vibração. Da mesma forma, como no exemplo científico acima, em um determinado momento, quando se ultrapassa o número de Avogadro, não se observam mais moléculas no solvente, mas o elemento em questão, como entidade que representa frente à natureza, encontra-se em uma nova forma de representação e vibração. O medicamento homeopático, nessa condição, exibe uma qualidade especial de vibração, capaz de gerar ressonância vibratória com o campo eletromagnético gerado pelas partículas atômicas, o que é provado através dos condensados de Bose-Einstein.

Para a perfeita compreensão de como o medicamento dinamizado atua em nível atômico, deve-se, antes, retomar a questão dos padrões cognitivos de auto-organização que, em sua estrutura de rede, integram diferentes modelos de desordem, atuando simultânea e dinamicamente, demonstrando em seus dados experimentais que o todo é mais que a soma das partes. Os processos interativos entre esses elementos exibem padrões muito mais complexos do que os padrões oferecidos por cada um dos elementos em separado. Criam uma dinâmica interna, com padrões de fluxo, ritmo e sincronicidade que derivam de sua condição de ordem estratificada, isto é, vários níveis de complexidade atuando simultaneamente e de forma dinâmica.

Se a doença, em última análise, reflete a totalidade sistêmica do indivíduo, podemos ter uma idéia do que implica, em termos dinâmicos, a ação dessa rede estratificada, em termos de miríades de possibilidades para diferentes modelos de desordem sistêmicos. Cada indivíduo doente apresenta um modelo sistêmico de desordem, resultante da combinação intrínseca de vários modelos de desordem que se superpõem. Surge, de fato, a visão lógica da impossibilidade do *simillimum* como elemento único.

A interface férmions e bósons segue, em cada centro consensual, seu diálogo interativo e inseparável. Como os férmions são geradores de matéria, estão mais diretamente relacionados aos distúrbios que alteram o equilíbrio fisiológico gerando as doenças. Em contrapartida, os bósons, mediadores do mundo da ordem implícita descrito por David Bohm, representam a interface feminina da equação sistêmica e, como tal, estabelecem a condição original de todas as coisas.

Francisco Varela vem seguindo uma abordagem da consciência cuja hipótese é a de que há uma forma de consciência primária em todos os vertebrados superiores, ainda não auto-reflexiva, mas que envolve a experiência de um espaço mental unitário. A idéia chave é a de que estados vivenciais transitórios são criados por um fenômeno de ressonância, conhecido como travamento de fase, no qual as diferentes regiões do cérebro estão de tal maneira interligadas que os neurônios disparam em sincronia. Por

meio dessa sincronização de atividade neural, são formadas montagens de células temporárias, que podem consistir de circuitos neurais amplamente dispersos. Parece, portanto, que a consciência exige unidade contínua e coerência quântica ordenada e depende dessa unidade e coerência.

CAPÍTULO 6

OS CONDENSADOS DE BOSE-EINSTEIN

A questão lançada no desafio do mundo científico seria encontrar um mecanismo neurobiológico capaz de alinhar neurônios, já que a consciência assumia as características de um supercondutor. Este sistema biológico foi descrito pela primeira vez pelo Prof. Herbert Fröhlich, da Liverpool University, como um sistema bombado, sabidamente encontrado em tecidos biológicos.

O sistema bombado de Fröhlich é simplesmente um sistema de moléculas eletricamente carregadas nas quais vibram dipolos positivos numa extremidade e negativos na outra, a que se acrescenta energia. Os dipolos vibráteis - moléculas nas paredes celulares do tecido vivo - emitem vibrações eletromagnéticas (fótons), exatamente como radiotrans-missores em miniatura. Fröhlich demonstrou que, se a carga de energia oferecida ao sistema ultrapassar certo limite, as moléculas daquele tipo vibram em uníssono. O processo segue em ordem progressiva até chegar à forma mais ordenada possível de fase condensada: um condensado de Bose-Einstein.

De forma singular, os condensados de Bose-Einstein exibem a característica fundamental de que as inúmeras partes constitutivas de um sistema ordenado não só se comportam como um todo mas também se tornam um todo. Ocorre uma fusão de todas as identidades inerentes ao sistema, de tal forma que perdem totalmente a sua individualidade em prol do todo. Nessa fusão de identidades, a Física encontra apoio para afirmar que a reunião de várias subunidades em uma só representa condição vital para a consciência.

Para que haja mudança efetiva nos padrões de consciência, é preciso que os estados cerebrais distintos, pertinentes a cada elemento, se tornem idênticos. Deriva do processo uma sobreposição completa das propriedades e informações de todo o sistema. Esse tipo de unidade só se encontra nos condensados de Bose-Einstein. É exatamente nesses condensados que a individualidade se dissolve e que conseguimos encontrar, tipicamente, efeitos mecânico-quânticos em sistemas de grande escala.

A física Danah Zohar descreve que o processo resulta de uma total sobreposição de onda de todos os elementos anteriormente individualizados, de forma que as suas localizações espaciais se tornam indeterminadas, espalhando-se cada uma delas por todo o conjunto. Isso gera um sincronismo quântico em grande escala, existente no laser, nos superfluidos e supercondutores, o que lhes confere propriedades especiais. Nos organismos vivos, encontramos a mesma condição no nível da temperatura corporal.

Os condensados de Bose-Einstein são encontrados em tecidos biológicos capazes de emitir frequências de microondas ao vibrarem. Essas frequências existem normalmente nos tecidos e, em contrapartida, influenciam os condensados de Bose-Einstein.

O físico alemão Fritz Popp descobriu que as células vivas emitem uma leve fosforescência, provando a radiação de fótons e sugerindo a presença do que ele chama de biofótons coerentes, que poderão ter importância vital na ordenação celular.

Um biofísico polonês já encontrou evidências de ordenação coerente de fótons no próprio DNA, como Popp e seus colegas alemães.

Sabemos que o mundo da ordem implícita representa um campo cujas partículas bósons (fótons e fótons virtuais) são consideradas geradoras de consciência. Este padrão cognitivo inconsciente necessita de altos padrões de energia para que

as ondas de fótons se sobreponham, gerando uma coerência ordenada e definindo, como resposta, alterações no padrão de consciência. É importante notar que, dentro dessa interpretação, os condensados de Bose-Einstein atestam a ação do medicamento homeopático como um potencial capaz de alterar padrões de consciência. Em contrapartida, o processo de cura homeopática é capaz de comprovar, experimentalmente, a sustentabilidade dessa hipótese.

Em um estado de baixa energia, os condensados Bose-Einstein apresentam os conhecidos efeitos da sobreposição quântica de múltiplas possibilidades, vividas por nós nas imagens toldadas de nossa vida de sonho e na condição de devaneio imaginativo. Um ato de concentração exige que um determinado quantum de energia seja enviado para o cérebro. Essa é a razão pela qual, quando nos sentimos sem energia, a concentração se torna difícil. Danah Zohar afirma, no entanto, que, quando temos energia para canalizar para o cérebro, essa produz o efeito de conduzir o condensado de Bose-Einstein do cérebro de um estado quântico de baixa de energia para um estado quase clássico de alta energia, levando assim nossos processos de pensamento para o detalhamento mais estruturado do pensamento concentrado.

Analogamente, pessoas em conflito possuem padrões paralelos e fragmentados de consciência, provenientes das diferentes dissociações ao longo da vida, que o afastam de seu centro e geram menos energia para um *self* integrado. Assim, evidenciam dificuldade de funcionar como um ser único, o que não acontece com os seres carismáticos, que brilham pela sua coerência.

Se os condensados de Bose-Einstein necessitam de altas frequências de energia para operar, isso sugere, claramente, que Hahnemann descobriu a forma de se produzir um padrão vibratório especial, que se estabelece como plenamente aceito pela estrutura sistêmica dos seres vivos, acessando pela similitude todo padrão cognitivo, de forma a produzir novos níveis de consciência.

O medicamento dinamizado homeopaticamente atua, nos condensados Bose-Einstein, através dos bósons - mundo da ordem implícita ou *self* quântico -, produz, em última instância, superposições de ondas quânticas, libera fótons e gera alterações no padrão de consciência. E, de forma idêntica, atua no campo eletromagnético dos férmions - geradores de matéria -, que guardam em sua estrutura intrínseca os modelos de desordem determinadores das enfermidades.

Entre esses dois mundos, o da ordem implícita e o da explícita, entre mente e matéria, ocorre um diálogo criativo. gerador de uma substância quântica que engloba o aspecto onda e partícula, simultaneamente. Esse processo deriva do princípio da complementaridade, que declara cada modo de descrever o ser, como onda ou como partícula, complementa um ao outro, entretanto o quadro completo surge apenas do pacote de ondas.

O mundo pertinente aos bósons e o mundo pertinente aos férmions são expressões distintas de como o processo da vida se manifesta. Os dois juntos exibem a totalidade do processo da vida. Na realidade, nenhum desses estados pode nos dar um quadro completo da realidade em si mesmos, pois só se consegue focalizar um de cada vez. Essa é a essência do princípio da incerteza de Heisenberg que, como o da complementaridade, é um dos princípios mais fundamentais da Física Quântica.

De acordo com essa interpretação, pode-se descrever que, sem o condensado Bose-Einstein e sua capacidade de manter a consciência e a construção de inteirezas relacionais, não passaríamos de computadores ambulantes. Analogamente, sem o sistema compreendido pelo *self* consciente, com seu sistema linear de gerar excitações (padrões) neste condensado, não seríamos mais que raios laser. Isso sugere que não existe nada mais fundamental que nada e a compreensão dessas inteirezas relacionais

aponta-nos para o que Weeler afirmou: “Num certo sentido estranho, este é um Universo Participativo”.

Essa condição participativa inerente ao Universo é descrita de maneira interessante por Danah Zohar: “Exatamente este diálogo criativo entre mente e matéria é a base física de toda a criatividade do Universo e é também a base física da criatividade humana. O ser quântico não experimenta dicotomia entre exterior e interior, porque os dois, o mundo interior da mente (de idéias, valores, noções de bondade, verdade e beleza) e o mundo exterior da matéria (dos fatos), dão origem um ao outro. De alguma forma importante, nossa consciência é o relacionamento entre partículas quânticas elementares, só que em ponto grande. A dualidade mente corpo no homem é um reflexo da dualidade onda/partícula que é subjacente a tudo que existe. Assim, o ser humano é um minúsculo microcosmo do ser cósmico”.

Conclusão: O medicamento homeopático, então, seria definido como capaz de atuar através do mecanismo de ressonância, repassando uma informação semelhante ao modelo de desordem estabelecido pelas partículas férmions. Simultaneamente, oferece ao sistema uma qualidade de energia vibratória, capaz de atuar no nível dos bósons, definindo uma coerência ordenada geradora de consciência. Esse processo determina, no nível do *Self*, uma correspondência quântica, que, no domínio dos férmions, exhibe uma ampliação paralela na dimensão do *Self* consciente, claramente observada nos processos de cura. O *Self* quântico (bósons) e o *Self* consciente (férmions) refletem, numa dimensão mais ampla, o pacote de ondas que bósons e férmions demonstram em nível quântico. Os Universos são paralelos e interagem, em todos os níveis e em todas as dimensões, nesse processo cognitivo da vida.

CAPÍTULO 7

OS FATORES DE AUTO-ORGANIZAÇÃO

Algumas vantagens do processo

Algumas considerações importantes devem ser colocadas quando se trata de medicar um paciente. Primeira condição é, obviamente, a qualidade - o cuidado necessário na elaboração das altas dinamizações homeopáticas. Ao longo desses anos de pesquisa tivemos - um grupo de sete profissionais - sérios problemas com troca e manipulação inadequada de medicamentos. A primeira vantagem deste método é permitir checar, com absoluta precisão, a qualidade e a destreza na elaboração dos mesmos, já que qualquer inversão na ordem dos elementos, ou intromissão de um elemento errado no sistema, apontará claramente para o erro.

A segunda vantagem é que este método permitirá à Homeopatia acesso aos meios de pesquisa junto à Medicina oficial, pois possibilita uma pesquisa no duplo cego, já que a cura não depende mais da especificidade entre medicamento e paciente. Os fatores de auto-organização são capazes de acessar, de forma idêntica, qualquer indivíduo, tornando-se, inclusive, precisa qualquer pesquisa em ratos de laboratório. Foi elaborada larga experimentação em animais de diversos tipos com respostas idênticas de cura. Da mesma forma, foram realizadas experimentações em árvores e plantas com igual resposta.

Outra questão importante é a possibilidade de atuarmos de pronto junto a recém-natos, cuja totalidade de sintomas, na visão homeopática anterior, sempre se tornou um critério de difícil consideração. A Pediatria creio ser a área que mais lucra através deste sistema, porque as informações que os pais transmitem ao médico homeopata quase nunca correspondem à realidade intrínseca da criança, refletindo em geral as angústias existenciais dos próprios pais.

Porém, a avaliação fundamental refere-se à certeza de não observarmos em nenhum paciente as metástases mórbidas (iatrogenia), questão que sempre preocupou o plano de atuação dos homeopatas, ocasionando infundáveis discussões sobre o uso de altas dinamizações, por precaução dos efeitos indesejáveis. Este método, como atua em todos os modelos de desordem de forma a gerar uma ressonância correta pela lei da similitude, não oferece em nenhuma hipótese o risco das metástases mórbidas, o que foi comprovado por uma larga experimentação, nos últimos dez anos, realizada por vários médicos homeopatas, colaboradores desta pesquisa.

Realmente, os condensados de Bose-Einstein vêm comprovar a importância das altas frequências de energia para que possam ocorrer os saltos de consciência. A consciência unitiva está diretamente proporcional às altas frequências de energia nestes condensados B-E, e sabemos, pelos sinais flagrantes observados hoje, que se torna premente o realinhamento da consciência humana nos dias atuais, sendo este o tempo do encontro interior do homem consigo mesmo, não só para a cura em si, mas para sua auto-realização interna. Transpor o preconceito instalado contra as altas dinamizações se faz necessário para acessar este novo paradigma.

O sentido das agravações homeopáticas

Na modalidade alquímica, os Mestres Hermetistas ensinavam a questão da cura como um processo, no qual deveriam ser observadas duas fases: o “dissolver” e o “cristalizar”. Afirmavam que a dissolução dos velhos padrões deveria ocorrer no nível da alma (*Self* quântico), para que essa fosse purificada de seus metais impuros, devendo, em seguida, ser cristalizada dentro de uma nova configuração.

O dissolver indica expansão, unir os padrões implicados no processo, permitindo que a consciência se libere dos antigos padrões de aprisionamento, trazendo, por assim dizer, um novo referencial básico para a percepção individual. Seria como devolver ao indivíduo a possibilidade de uma nova tela branca sobre a qual pudesse escrever suas novas percepções, experiências, pensamentos e sentimentos. Esse é o significado do devolver ao homem seus instrumentos sãos, para que possa cumprir os altos fins de sua existência, como postulado por Hahnemann.

A fase de dissolução, em certo aspecto, abriga um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que gera a consciência unitiva integradora, determina a dissociação inicial necessária daquilo que deve ser transcendido interiormente. Essa dissolução reproduz o que os homeopatas conhecem como agravação inicial, indicando que ocorreu uma resposta adequada do sistema aos novos padrões de vibração.

Nos pacientes funcionais e lesionais leves, após a dissolução, o processo seguinte de cristalização ocorrerá naturalmente, e os novos modelos de consciência se processarão, de forma coerente e ordenada, sem necessidade da intervenção por parte do médico. Em contrapartida, nos pacientes lesionais graves e “incuráveis”, por expressarem um sistema muito distante do equilíbrio, as leis de cura determinarão para o *simillimum* uma longa agravação, seguida de lenta melhoria. O sistema torna-se lento, com intensa dificuldade para um processo de cristalização espontânea.

Parte importante do método é entender que esse processo pode ser auxiliado pelo médico, através de um processo de cristalização, usando os mesmos fatores de auto-organização. Para isso, deve ser obedecida a mesma ordem dos elementos, e as dinâmizações empregadas não devem ultrapassar a 200 CH, a fim de que as altas dinâmizações sigam orientando o sistema em um plano mais profundo. Essa técnica permite, também, um controle seguro dos quadros agudos que, porventura, possam surgir no decorrer do processo de cura, caso o médico julgue correta a necessidade de interferir no processo.

Essa maneira de atuar não implica nenhum significado supressivo e, ao mesmo tempo, permite que o processo de cura continue em decurso. Deve-se sempre ter em perceptiva a certeza da atuação das altas dinâmizações operando simultaneamente, já que o objetivo primordial é a amplitude de consciência, portanto as intenções devem constelar em torno desse fundamento básico.

Os “escoamentos” de energia

Se avaliamos os dois padrões (intrínseco e extrínseco) como absolutamente interligados, dando origem um ao outro, isso vem demonstrar claramente o sentido de um sistema autocriativo e auto-organizador, tal como foi comprovado cientificamente por Ilya Prigogine.

A teoria de Prigogine define que, no âmbito da Termodinâmica, há processos de fluxo denominados “escoamentos”, que em sistemas mais próximos do equilíbrio tendem a ser minimizados. Em um maior afastamento do equilíbrio, os escoamentos são mais fortes, a produção de entropia aumenta, e o sistema não tende mais para o

equilíbrio. Em outras palavras, quanto mais afastado um sistema está do seu equilíbrio, maior o desenvolvimento das estruturas dissipativas, no sentido de uma complexidade crescente.

Além disso, a teoria de Prigogine mostra que o comportamento de uma estrutura dissipativa, afastada do equilíbrio, não segue mais uma lei universal, mas esse comportamento passa a ser específico do sistema. À medida que se afasta do equilíbrio, move-se do universal para o único, em direção à multiplicidade e à variedade.

No processo de cura, esses escoamentos no sistema devem ser cuidadosamente avaliados pelo médico, pois em pacientes com extensos e múltiplos padrões de desordem intrínsecos teremos que contar com uma maior capacidade dissipativa de energia, de escoamentos que deverão ser continuamente avaliados, antes de se indicar a prescrição seguinte.

A definição do holograma vai exibindo a demonstração da doença, inserida no processo cognitivo, e, como tal, confirmando sua natureza mental. Se ocorrer um acentuado escoamento energético, resultante de algum tipo de stress não elaborado pelo indivíduo, essa energia dissipativa vai gerar queda do potencial energético nos condensados de Bose-Einstein.

Como os bósons, neste nível, definem uma matriz geradora, sempre manifestarão essas mudanças de padrão, determinando uma transcrição desse fenômeno para os férmions, que elaboram em nível material a expressão deste conteúdo, surgindo o microorganismo, que sinaliza a mudança no padrão.

Este método de tratamento torna essa percepção bastante evidente, pois, como os padrões são revertidos com rapidez, é notória a questão da mente como fator determinante. Prova, também, que as alterações nos padrões internos de energia determinam a doença e não a doença é que determina a queda do padrão energético. A doença em si exibe uma manifestação, uma resposta em relação às mudanças no mundo da ordem implícita.

Todo homeopata conhece bem o processo. Partindo-se de uma medicação correta em um paciente que apresentou em sua história quadros freqüentes de infecção urinária por Proteus, espera-se, em seu processo de cura, que esse Proteus sinalize na forma mais suave possível, indicando que aquele padrão foi elaborado na dimensão intrínseca.

Dada a íntima associação, esses parâmetros nos remontam ao que Hipócrates dizia: “O que provoca a estrangúria que não existe, cura a estrangúria que existe”. O exame sistêmico desse assunto evidencia que os microorganismos (vírus e bactérias, fungos, etc.) podem definir tanto um potencial patológico, quanto curativo. Ocorrendo escoamentos significativos de energia, capazes de gerar um microorganismo, isso implica dizer que, para haver o retorno ao ponto de equilíbrio, o sistema, no caso de um padrão crônico, comporá a elaboração do mesmo vetor ou microorganismo, para retomar o padrão anterior.

Na prática, observa-se essa necessidade, apenas em quadros de infecções recorrentes e crônicas, nunca trazendo, como retorno, microorganismos que representaram um quadro agudo e isolado. Se o indivíduo há dois meses se mantinha assintomático, e três dias após a tomada dos fatores de auto-organização refere o retorno de sua infecção urinária recorrente, isso indica claramente que o padrão foi reproduzido e que o processo de cura está em marcha. Nesses casos encontra-se, como resposta nos pacientes tratados com a série de fatores, um retorno da sintomatologia recorrente, demonstrando um quadro suave, que apenas indica a correta direção em relação aos antigos padrões mórbidos desse indivíduo, e que esses devem então ser prontamente equacionados pelo processo de cristalização, através das baixas dinamizações.

Analisando o mecanismo do contágio mórbido

Esse modelo epistemológico sugere, como dado experimental, que o contágio de enfermidades ocorre certamente por uma passagem de informação, recebida pelo indivíduo que estiver em um padrão de ressonância e modelo de desordem compatíveis com o da enfermidade em questão.

Rupert Sheldrake define os padrões de ressonância mórfica como a captação de padrões semelhantes independentes da distância entre os indivíduos. Relata mudanças de padrões de comportamentos, que ocorrem simultaneamente entre indivíduos da mesma espécie, ao mesmo tempo e em diferentes lugares do planeta.

É a velha questão onde se pergunta como a primeira criança a contrair sarampo numa determinada cidade teria sido contaminada? De quem? Possivelmente de outras crianças, de cidades ou até países vizinhos, segundo demonstra a ressonância mórfica. Além disso, observamos microorganismos que foram eliminados por anos e que, de repente, ressurgem como um caso isolado. O primeiro indivíduo contraiu a partir de quem? Por essas razões, podemos então considerar seriamente a doença como um processo mental, inerente ao processo cognitivo da vida.

Um surpreendente paralelo explicaria o porquê de pacientes progressivamente suprimidos pela Medicina Alopática - que, desconsiderando as inteirezas relacionais sistêmicas, geram através de sua terapêutica mais escoamentos de energia no sistema, - apresentarem uma progressiva queda nos padrões, exibindo mudanças rápidas no tipo de microorganismo, que vão definindo novos modelos de complexidades e estabelecendo, como exemplo, o que observamos num quadro de septicemia. Todo médico conhece bem a condição de uma septicemia, em que o microorganismo de hoje, provavelmente, não será o mesmo de amanhã, pois ocorrem mutações. Muitas vezes, procura-se o microorganismo anterior e não está mais presente: surge outro e mais outro. As alterações nos padrões de energia nos condensados de Bose-Einstein exprimem o potencial de mutação que observamos, tanto em direção a um aumento do potencial mórbido, como em direção à cura.

Quando uma prescrição homeopática está correta para o modelo de desordem, exprimirá um retorno do microorganismo que, de forma crônica expressava-se neste indivíduo. O processo, se necessário, pode ser cristalizado e, depois de um tempo, pode haver um retorno mais discreto de um microorganismo menos virulento e, em seguida, a cura definitiva deste padrão.

Por exemplo, se temos um indivíduo com infecção recorrente por *Pseudomonas*, ele inicialmente copiará este padrão no processo de cura, que depois de cristalizado, exibirá depois de um tempo, um quadro agora por *Escherichia coli*. O processo, se necessário, pode ser novamente cristalizado e, o que então se observa é que o indivíduo não apresenta nenhum retorno dessa problemática, assim como nenhuma abertura de outro modelo de desordem que indique supressão ou desvio de um padrão não devidamente corrigido para outro setor.

Essa teoria reafirma o que foi relatado pelos físicos, acerca da consciência de terreno, como condição de saúde. Descrevem uma analogia com o que acontece, por exemplo, a uma maçã, na qual, se forem introduzidos alguns elementos químicos tal como ocorre com os indivíduos frente à terapêutica alopática atual, esta química termina afetando seu biocampo natural e a fruta termina apodrecendo, demonstrando claramente que o bicho que surge em seu interior não provém de fora mas surge no interior da própria maçã.

Pertinente é afirmar que um germe patogênico de qualquer natureza, na realidade representa um potencial de informação e de vibração, que será aceito e reproduzido pelos indivíduos que estiverem dentro dos modelos de desordem e potencial energético (nos condensados de Bose-Einstein), compatíveis com esta informação. Essa abordagem não exclui a importância dos fatores de higiene e esterilização, no sentido de exterminar os vetores ambientais capazes de repassar a informação mórbida, controlando, dentro do possível, os processos de ressonância. Porém isso não é tudo, e diante da possibilidade de contágio, representa apenas uma das variantes.

Já em relação ao medicamento homeopático, estes modelos de desordem podem ser orientados de forma intencional, em direção a um padrão esperado, orientando o sistema para uma resposta criativa, dentro dos padrões que o determinarão a cura. É comum constatar que muitos pacientes, em início de tratamento, com história de gripes freqüentes, usarão a primeira gripe que surgir na população, para através da virose, elaborar seu processo de cura. Quando termina a gripe, estão curados de uma série de sintomas crônicos que os perseguiram por longos anos.

A visão da cura como um processo a ser elaborado

Voltando à questão das agravações homeopáticas, observamos que na clínica pediátrica, como encontramos crianças imunologicamente mais vulneráveis, a cristalização do processo é de vital importância, até que o sistema seja estruturado em suas defesas de forma mais estável e definitiva. Torna-se vital a lembrança de que estamos tratando de um processo cognitivo e, por conseguinte, a cura deve ser definida como um processo, não podendo ocorrer em nenhum sistema vivo, curas relâmpagos, sem que o indivíduo processe, devidamente, cada conscientização de seu espectro interior, cada etapa cognitiva, vivenciando cada estado interno, tal como o pão ou o cilindro do exemplo científico, pois cada segmento da consciência guarda o real significado de todo o processo: a possibilidade da auto-referência e da auto-reflexão, definindo claramente a jornada do ser rumo à individuação.

Os pacientes devem ser orientados no sentido de compreender que a proposta não é unicamente receber um remédio que eliminará a psoríase de 20 anos, e a rinite de outras décadas, mas essencialmente corrigir todo o processo intrínseco que originou as questões distorcidas, expressas pelas alterações patológicas que apresentam.

É muito comum na nossa especialidade recebermos indivíduos que chegam com doenças graves há anos e esperam cura imediata, pois vêem a doença como algo exclusivamente físico e se percebem a si mesmos ainda dentro de uma concepção mecanicista. Cabe ao médico informá-los de que tudo nesta existência expressa um significado, e que estamos à caça destas respostas profundas para uma real adequação, visando ao retorno de seus padrões de saúde.

Ser um homeopata é um treino interessante para a consciência, pois algumas vezes nos perguntam se realmente somos médicos, se somos videntes ou místicos; outras vezes exigem uma cura miraculosa em três dias e, quando a cura se concretiza, muitas vezes dizem que foi porque passaram a tomar chá de casca de maçã, ou porque a partir da consulta deixaram de comer banana. Ainda me lembro de um paciente, que retornou à segunda consulta com mais de vinte sintomas, que possuía há trinta anos, totalmente zerados e, pacientemente ouvi seu relato, descrevendo o porquê de cada uma de suas curas - e deu de tudo: purê de banana, o vizinho que havia se mudado, a mulher que arranhou emprego, a fita milagrosa do Senhor do Bonfim que amarrrou no braço,

mais horas de sono porque agora passara a dormir mais cedo, suco de uva com abacaxi às três da tarde e por aí afora.

Nesses momentos, só nos resta lembrar de nós mesmos no passado, quando, num momento qualquer, também sentamos num canto e questionamos, estupefatos, a real possibilidade daqueles inocentes glóbulos homeopáticos, todos aparentemente iguais, possuírem tamanho poder de equacionar tantas coisas a uma só vez e de forma tão profunda.

As coordenadas de ritmo e fluxo na rede quântica

Outro elo importante a ser considerado é o ritmo, que se coloca como uma equação a ser observada no processo, tendo sua implicação sido reconhecida em todos os mecanismos dinâmicos da natureza. Assim, a prescrição dos sete fatores de auto-organização exige a observação do fator ritmo, para que os padrões tenham tempo suficiente para interagir e se organizar intrinsecamente.

No decorrer do período de experimentação, todos os intervalos entre as doses foram experimentados, o que foi também confirmado pelos erros que os pacientes cometiam por engano no momento de tomar a medicação. Se o tempo de um minuto entre os elementos do mesmo grupo e de trinta minutos entre os grupos em si não for obedecido, encontramos um resultado aquém do esperado. Isso foi comprovado por vários médicos colaboradores do processo que atestam de igual forma a importância do ritmo nas equações sistêmicas da nossa rede quântica.

O sentido de fluxo, também, estabelece critérios seguros de avaliação. Portanto, torna-se essencial atentar para a questão da direção do fluxo empregado em relação aos centros consensuais de consciência. A experimentação ao longo desses anos comprovou, através deste modelo proposto, que a hipótese do fluxo curativo descendente, proposto por Hering, se impõe não só na resposta esperada para a cura, como também na direção dada à introdução dos elementos no sistema.

O interessante, observado na experimentação de anos, é o que se estabelece pela simples troca da ordem de um dos fatores, quando os pacientes, por distração, tiram do Kit o elemento errado e acabam ingerindo-o distraidamente. O indivíduo exibirá um padrão visível de desorganização interna e, em geral logo busca o médico no intuito de corrigir o desconforto subjetivo que apresenta. A partir deste critério fomos desenvolvendo, ao longo dos anos, um aprimoramento do Kit que contém os medicamentos, no sentido de reduzir as margens de erro, durante a administração dos fatores, a quase zero; só não descartando os flagrantes mecanismos de sabotagem inconsciente que alguns raros pacientes apresentam em relação à sua própria cura. Nesse caso, fica tão evidente para eles o grau de sabotagem interna, que já se impõe como a primeira conscientização rumo à própria cura.

Na descrição de fluxo, observamos uma interação com os princípios do gênero descrito pelo conhecimento alquímico, onde, para que o fluxo ocorra, o gênero deve ser corretamente observado no sistema. Evidencia-se a ordem do aspecto feminino, representado pelo metal de cada grupo, sempre tocando o sistema antes de seu par, o sal, ou aspecto masculino. No mundo implícito, com certeza, as damas sempre em primeiro lugar.

Dessa maneira, os pares sucedem-se numa dança entre o Yin e o Yang, percorrendo o sentido do céu para a terra. Na realidade, religando o céu e a terra dentro de cada ser e informando ao sistema o sentido no qual a cura deve ocorrer. A partir daí, os fluxos de energia passam a circular ao longo da coluna vertebral numa roda sem fim. Circulam nos condensados de Bose-Einstein, em todos os segmentos e modelos de

desordem ao longo dos centros consensuais de consciência. Reciclam e fazem girar a roda da nossa fortuna interior, aportando, progressivamente, todos os *insights* necessários para a individuação e a cura.

Nota da autora na terceira edição: nov/2005

A partir da primeira edição deste livro em 2000, o modelo terapêutico seguiu evoluindo dentro dos preceitos da física quântica que prevê além de ordem, ritmo, ressonância e sincronicidade, uma obediência aos quesitos de frequência e fluxo nos domínios intrínsecos deste padrão de auto-organização.

Nesse sentido a dinâmica de fluxo foi amplamente estudada em contextos mais amplos, integrando diferentes modelos de ordem dos medicamentos ao longo da coluna vertebral.

Em meados de 2005, a conclusão do trabalho evidenciou um perfil que compreendia cinco ciclos ao longo da coluna vertebral, demonstrando curiosamente os mesmos achados encontrados para o modelo matemático estudado para explicar como se organiza o genoma celular. Tal modelo matemático, as redes Booleanas (do matemático Boole), descreve um sistema de cinco nodos (isto é de cinco núcleos), que equivalem a cada um desses cinco ciclos de energia elaborados com os fatores ao longo da coluna vertebral.

Devido à complexidade do modelo atual e o fato de algumas pessoas terem se auto medicado em virtude do esclarecimento detalhado do método nas edições anteriores, esses dados específicos sobre a ordem dos elementos será confidenciada apenas aos profissionais de saúde que participarem dos cursos de capacitação para emprego deste método terapêutico.

Potências medicamentosas

Como tivemos sérios problemas na qualidade e manipulação do medicamento homeopático, que requer, antes de tudo, arte, amor e paciência infinita na sua elaboração, terminamos por entender claramente porque Samuel Hahnemann elaborava ele mesmo os seus medicamentos. Em vista dos problemas encontrados durante o longo período de experimentação, decidimos cuidar da elaboração do medicamento, para garantir os resultados da pesquisa.

Dentro das normas corretas de fluxo e rotação dos dinamizadores, levamos, com duas máquinas de 27.000 rotações por minuto, praticamente um mês para levar os sete medicamentos de uma potência inferior para a seguinte. Muitos parâmetros devem ser observados na correta elaboração do medicamento. Um dos principais, a qualidade da água, exige um sistema que garanta pureza absoluta, livre inclusive de íons, que interferem no processo de dinamização, junto ao medicamento. Caso contrário, os íons são dinamizados juntamente com o elemento em questão, e com certeza interferem nos resultados.

A lentidão no processo de passagem de uma potência anterior à seguinte, de certa forma, tem nos oferecido uma observação segura, no sentido de poder claramente averiguar o que cada potência medicamentosa oferece em termos de padrões unitivos de consciência.

Nos casos clínicos que serão relatados posteriormente, é flagrante a atuação sinérgica dos campos vitais de forma mais sistêmica, tornando-se notória a atuação mais

efetiva dessas altas dinamizações na possibilidade de gerar uma coerência ordenada, tal como exigida no processo cognitivo.

Nota da autora na terceira edição. (nov/2005)

Em virtude da evolução do método nos últimos 5 anos, hoje são empregadas potências medicamentosas em dinamizações mais baixas. Observou-se que com o aumento do número de ciclos empregados ao longo da coluna vertebral e dos centros dinâmicos do corpo, evidencia-se um sinergismo intrínseco que promove espontaneamente a potencialização da resposta medicamentosa.

Os fatores de auto-organização nas potências altas devem obedecer rigorosamente ao método indicado, caso contrário não ocorre o sinergismo exigido para a unificação do padrão cognitivo. Na cristalização, como se trata de um processo com baixas dinamizações, os intervalos podem ser bem reduzidos segundo o critério médico.

Afinal, cada caso é único. Cabe ao médico exercer, dentro destes novos domínios, a sua arte. Todavia, observando a questão dentro de uma visão sistêmica, o ideal seria, sempre que possível, obedecer, mesmo no processo de cristalização, à seqüência relacionada aos fluxos ao longo dos centros consensuais de consciência.

A freqüência de emprego dos fatores de auto-organização também deverá ser avaliada dentro das leis de cura através do simillimum, seguindo a necessidade de cada caso e o discernimento médico em relação à necessidade ou não de um novo salto quântico de consciência. Lidamos com padrões de auto-organização, que definem uma constante oscilação entre ordem e dissipação. Se os padrões dissipativos, por algum motivo, esgotaram a energia do sistema como um todo, o que é referido claramente pelo paciente através de sua história, devemos fazer uma nova prescrição em alta dinamização, sempre em uma escala acima, quando comparada à prescrição anterior.

Analogamente, a freqüência dos fatores de auto-organização, em baixa dinamização no processo de cristalização, evocará a sensibilidade e maestria do médico em analisar se o caso em questão necessita de uma nova prescrição dos fatores de auto-organização. Devemos ter claro, através da história do quadro atual, a natureza do quadro agudo que o paciente apresenta no momento. Caso tenha ocorrido após a prescrição dos fatores nas altas dinamizações, deverá ser devidamente avaliado se o quadro realmente necessita ser cristalizado ou se tem condições de reorganizar naturalmente o novo padrão.

Por outro lado, se as altas dinamizações em curso tiverem sido administradas há um bom tempo, sugere-se uma observação cuidadosa em relação aos escoamentos de energia. Caso tenham sido geradas forças dissipativas, deve-se estabelecer nova correção do sistema com potências altas, que de forma idêntica atuarão no quadro agudo, recuperando a unidade interior do paciente.

Pela nossa experiência ao longo desses anos, definimos que, em geral, da primeira para a segunda prescrição nas altas dinamizações, em 20% dos pacientes, dificilmente o tempo seria menor que três meses. Em média, 60% dos pacientes sinalizam a necessidade da segunda prescrição em torno do quarto mês e os restantes 20% são aqueles que, depois de três anos, reaparecem dizendo que desde a última vez nunca mais tiveram problema algum. São muitos os pacientes que não necessitam, por alguns anos, da segunda prescrição.

Por essas razões, torna-se evidente que, apesar de uma aparente simplificação do método de cura homeopático, segue, por todo o sempre, a consciência da importância da retirada de uma história completa do paciente, de uma ampla noção do processo de individuação de cada um, para que o médico possa, de posse de sua arte, definir os

momentos exatos de interferir ou não no padrão cognitivo de seu paciente. Essa é a arte, o cuidado pela consciência, que depende, como todas as artes, da percepção de quem as utiliza.

A sincronicidade advinda do processo é outra questão a ser observada atenciosamente pelo médico.. Quando o processo cognitivo de cura entra efetivamente em curso, configura o retorno de eventos sincrônicos, que expressam criatividade em todos os segmentos de vida do paciente. Curar um indivíduo significa curar a sua vida. O processo de cura deve estar, claramente, refletido no encontro de um sentido mais profundo de sua existência, na possibilidade para uma opção criativa, em uma mudança de perspectiva para os seus relacionamentos, que deverão refletir, em última instância, mais equilíbrio, amplitude, sustentabilidade, com novas e crescentes interações.

Verifica-se, na prática, que o indivíduo, em condições de aprisionamento interno, mantendo a consciência fixada em centros básicos, se não receber condições que favoreçam um salto quântico de consciência, seguirá sua existência sem condições energéticas que lhe permitam amplitudes significativas frente à sua existência, fenômeno de massa a que assistimos na sociedade contemporânea.

Segundo o psicólogo transpessoal Roberto Crema, essa condição determinaria o que denomina de normose coletiva. Uma sociedade normótica, afirma, é aquela adaptada às incongruências de seu meio, que não utiliza cinco por cento de sua capacidade de compreender, criar, amar e servir, enfim, que não cumpre o sentido mais profundo de sua existência.

A cura numa expressão mais ampla implica uma visão cada vez mais sistêmica, unitiva, em termos sociais, ecológicos e universais, exprimindo o que descreve o físico Ervin Laszlo:

“O conceito de um mundo sutilmente interligado, um oceano cósmico no qual estamos intimamente ligados uns aos outros e à natureza, assimilado por nosso intelecto e abraçado por nosso coração, poderá talvez inspirar novos modos de pensar e de agir que transformem o espectro de uma derrocada global no triunfo de uma renovação global - uma renovação para uma era mais humana e sustentável”.

Nota da autora: (terceira edição):

Na seqüência de estudos elaborados até 2005, a concepção do novo modelo denominado Penta (cinco ciclos), reintegra alguns conceitos como cristalização e polarização que são processados na própria seqüência intrínseca de elaboração dos ciclos, contextualizando o modelo matemático das redes Booleanas que prevê a questão do on// off, isto é, máximas e mínimas frequências que se superpõem dinamicamente nos sistemas vivos.

Neste novo modelo empregado, observamos que todas as potências medicamentosas são passíveis de movimentar o biocampo, e que a escolha deve ser pautada diretamente no grau de comprometimento do paciente em questão. Na dinâmica atual observa-se uma atuação ainda mais profunda em relação ao que foi observado nos relatos descritos na edição anterior, quando empregávamos apenas um único ciclo ao longo da coluna vertebral.

CAPÍTULO 8

AS LEIS DA CURA

ADÁGIO

HIPÓCRATES:

“O que provoca a estrangúria que não existe,
cura a estrangúria que existe.
São as naturezas que curam a enfermidade”

PARACELSO:

“O astro se cura pelo astro”.

HAHNEMANN

“O idêntico é curado pelo idêntico”.

RUPERT SHELDRAKE

“Ressonância mórfica é a influência do
semelhante sobre o semelhante
através do espaço e do tempo”

A Tradição Hipocrática representa um modelo tradicional de cura que entendia o conceito de saúde como um equilíbrio dinâmico, o que é compatível com a concepção sistêmica de vida. Nessa Tradição, reconheciam-se as forças inerentes a todo o organismo vivo e a tendência inata do organismo de buscar o retorno ao seu ponto de equilíbrio. Nessa condição enquadraríamos as enfermidades menores, curadas espontaneamente através da ativação de mecanismos intrínsecos de auto-organização, orientadores da homeostase, da auto-renovação e da readaptação.

Segundo o médico alquimista Alexander Von Bernus, Paracelso refutava a concepção segundo a qual os arcanos alquímicos e sua realização deveriam ser entendidos apenas em nível espiritual; ao contrário, suas instruções se aplicavam plenamente, e em sua totalidade, no duplo sentido físico e metafísico. Não tinha apenas uma visão da correspondência entre o sutil e o material, mas detinha-se diante de uma correspondência cosmofísica, afirmando que havia uma correlação entre o macrocosmo e o microcosmo, entre o céu e a terra, e que esses campos estavam intrinsecamente relacionados.

Paracelso tinha uma compreensão da inter-relação cosmofísica entre o momento em que uma enfermidade se iniciava e o momento em que o processo de cura deveria ser iniciado. Examinando as características cosmofísicas desse momento iniciado pela doença, determinava o que deveria ser obtido no vegetal, mineral, ou mesmo no substrato preparado alquimicamente, para que este manifestasse características vibratórias e configuração cosmofísica idêntica às configurações da doença, a fim de buscar, em última instância, uma equação de ressonância que promovesse a cura.

É lamentável a fragmentação das ciências atuais. A Astrofísica, por exemplo, não pode nem sequer supor, atualmente, seu vínculo possível com a Medicina, no sentido de poder codificar tantas equações inexplicáveis para o que desde sempre foi observado frente à saúde e ao comportamento dos seres humanos.

Paracelso estava atento a todos os níveis possíveis de influências, de onde elas partiam, assim como a origem dos estímulos primordiais que afetariam o campo vital dos indivíduos. Se hoje é consenso que tudo está interligado em uma rede de campos de energia, é fato que esta dimensão compreende o cosmos que nos circunda, determinando padrões de influências que nos atingem diretamente.

No âmbito da Homeopatia Clássica, as leis de cura foram definidas dentro de uma concepção vitalista, o que impossibilitou a explicação de alguns mecanismos intrínsecos que, hoje, dentro de uma concepção holística, se tornam claros e coerentes.

Samuel Hahnemann definiu essas leis de cura pelos semelhantes (*Similia Similibus Curantur*). Na observação feita no parágrafo 26 do *Organon*, afirma que uma enfermidade mais débil num organismo vivente (enfermidade natural) é vencida e destruída por outra mais forte (medicamentosa) semelhante, o que se deduz que a enfermidade medicamentosa, ao adquirir maior potencial dinâmico, elimina a enfermidade natural, que se vê destruída em sua energia. Conclui-se, dentro dessa hipótese, que esses padrões dinâmicos intrínsecos carecem de energia suficiente para que possam pôr em marcha a reação orgânica defensiva curativa. Deduz-se que, no caso, a enfermidade natural seria muito patogênica ou pouco imunogênica, incapaz por si só de gerar uma reação no nível dessa energia.

Ernesto Puiggrós afirma, em seu tratado de *Medicina Energética Biológica Clínica*, que, na realidade, o medicamento homeopático partiria de uma semelhança qualitativa em relação à doença. No entanto, o medicamento teria um potencial imunogênico, capaz de estimular adequadamente a energia vital, no sentido da reação de cura esperada. Segundo o pensamento dessa escola homeopática, a doença manifesta um poder intrínseco patogênico, enquanto que o medicamento homeopático um poder intrínseco imunogênico, considerando que a cura se baseia em uma soma de energia e não em uma destruição, como assinala Hahnemann em seu parágrafo 26.

Acontece objetivamente que, se um indivíduo contrai duas enfermidades semelhantes, a mais forte parece eliminar de alguma forma a mais débil. Indagamo-nos, então, o que se passa efetivamente no campo energético. O que se descortina, seguindo esse raciocínio, é que tanto a questão da soma de energias como a da subtração de energias, em algumas questões, entram em contradição com o que é observado na prática.

Por exemplo, se o medicamento homeopático fosse portador intrinsecamente apenas de um fator imunogênico, como se explicaria a experimentação no homem são? Como através apenas de fatores imunogênicos poderíamos obter síndromes inteiras pela experimentação? Por outro lado, se o medicamento homeopático intrinsecamente só apresentasse poder patogênico, capaz de reproduzir doenças, como seria capaz de curar? O que representa então intrinsecamente a doença e o medicamento homeopático do ponto de vista essencial?

Fritjof Capra, dentro desse paralelo, afirma que o fenômeno da ressonância parece ser fundamental na terapia homeopática. A ressonância mórfica, tal como descrita por Rupert Sheldrake, depende da similaridade. Envolve um efeito de semelhante sobre semelhante. Quanto mais semelhante um organismo é em relação a outro organismo, tanto mais específica e efetiva será a ressonância mórfica. Afirma ainda que essa ressonância não diminui com a distância, não envolve transferência de energia, mas de informação.

A ressonância mórfica teria uma concepção bastante sistêmica frente aos fenômenos da existência, pois, segundo esse ponto de vista, os organismos vivos não herdariam somente os genes, mas também campos mórficos. Os campos mórficos, por ressonância mórfica, são herdados não materialmente, não apenas de ancestrais diretos, mas também de outros membros da espécie. Sheldrake descreve que o organismo em desenvolvimento sintoniza os campos mórficos de sua espécie e, desse modo, tem à sua disposição uma memória coletiva ou de grupo, de onde colhe informações para sua

desenvolvimento. Segundo essa concepção, a memória depende do fenômeno de ressonância mórfica e não de localizações materiais para armazenamento de memória.

Retomando a questão doença versus medicamento homeopático, evidencia-se que, na realidade, ocorre um fornecimento de energia para o sistema e, simultaneamente, o envio de um padrão de informação específico. Essa é uma questão intrigante sobre os processos de liberação de forças integrativas do próprio organismo, pois, para que haja qualquer resposta nesse sentido, o sistema necessita tanto de ser informado, de forma que consiga tocar a consciência em sua totalidade, como também demanda um potencial dinâmico que possibilite uma mudança de padrão.

O que mais explica os padrões de comportamento intrínseco dos seres é o que observamos no comportamento dos sapos em resposta a dois estímulos básicos. Sabe-se que quando um sapo é jogado em uma panela de água fervente, sua reação é imediata no sentido de saltar para fora. No entanto, se colocado na panela fria que vai sendo aquecida lentamente, não é capaz de reagir e saltar para fora quando começa o perigo de vida. Ele perde efetivamente essa capacidade de reação, permitindo que a situação determine a sua morte.

Esse comportamento animal abre margem a um vasto campo de observações, pois representa um padrão de comportamento que se processa em todos os níveis da existência. Analogamente, é o que ocorre com o ser humano, frente a um quadro agudo ou a um choque (em nível físico ou emocional), e frente a um quadro crônico ou quadros emocionais que estressam progressivamente o indivíduo.

Quando o indivíduo vivencia um quadro agudo, ou uma situação de stress inesperado, observamos o fato de que essas situações são sempre precedidas de quedas nos padrões essenciais de energia que, por sua vez, atraem por ressonância, as experiências compatíveis com esse novo padrão atingido. O indivíduo se encontra, então, na iminência de ser lançado numa panela de água quente e seu padrão de resposta parece depender fundamentalmente de dois fatores: dos padrões de memória para a resposta e das condições do terreno biológico em que se encontra.

Os padrões de memória, quando bem estruturados, poderão atuar imediatamente, informando o sistema de forma subliminar, na tentativa de evitar o acidente em questão ou impedir que a pessoa se envolva numa situação de contaminação e risco. Poderíamos definir esse padrão de memória sutil como métodos não conceituais de conhecimento ou capacidade intuitiva do ser.

Se considerarmos o sujeito diante da eternidade, o aqui-agora é o ponto em que a consciência acessa essa dimensão atemporal. Se, por ressonância mórfica, captamos padrões passados semelhantes, coerente é admitir que tenhamos segmento nessa linha em direção ao futuro. Neste momento, existimos simultaneamente no passado, presente e futuro, e todos os *insights* provêm de percepções de padrões de memória advindos de nosso próprio futuro, o que nos direciona no caminho evolutivo. A ressonância mórfica atua não só no nível de passado, com processamento de padrões semelhantes, mas também com percepção de uma memória futura, a que chamamos intuição.

Jung abordava esse tema, afirmando que, em suas experimentações relacionadas a coincidências significativas, observava-se, ao se lidar com o fator tempo, que qualquer possibilidade de emissão de energia era excluída, apresentando como absurdo admitir que uma situação ainda não existente, que só se dará no futuro, possa transferir-se como fenômeno energético para um receptor do presente.

Se diante de um stress iminente, a consciência não registra e assimila esse nível intuitivo de informação, o sujeito desvela a materialização do processo, vivencia o aspecto físico da experiência, da doença, do acidente ou da situação que lhe soa desfavorável.

E no aqui-agora, no exato instante em que entra em contato com a experiência, se não mantiver internamente a plena atenção no intuito de evitar os processos tendenciosos de identificação e apego, incorrerá na estagnação, entrando nos padrões passados repetitivos da ressonância mórfica.

Nesse domínio, o papel da consciência é único, essencial e determinante. Evidenciam os físicos contemporâneos a questão da escolha, afirmando que, quando escolhemos, na realidade, confessamos

reconhecer nossas percepções. Perceber os padrões que nos chegam através de ressonâncias mórficas passadas e futuras determina em que nível de energia a consciência está fixada e também o resultado de suas escolhas.

O instante de entrada na situação de stress existencial colocará o sujeito frente ao desafio da dimensão do tempo. Constatamos que o fator de choque pode se processar de forma tão intensa que provoca a morte sem nenhuma chance de defesa. Em contrapartida, esse choque pode se apresentar numa intensidade capaz de gerar, em todo o sistema, uma forte reação de defesa que o faz saltar da panela quente, imediatamente após o contato com o novo padrão.

Em função da primeira informação recebida pelo stress inicial, o indivíduo terá maior ou menor capacidade de resposta. Se as condições de terreno estiverem bem estruturadas, observamos uma regeneração completa do sistema como um todo, que corresponde aos quadros agudos evoluindo espontaneamente para a cura, dentro das condições e tempo previstos.

No caso de um terreno biológico estar afetado em suas possibilidades de respostas por intoxicações químicas e medicamentosas, bloqueios de mecanismos de defesa por processos supressivos, o indivíduo experimentará uma paralisação no processo, cujo espaço de tempo abrirá por ressonância mórfica uma cópia do seu padrão de passado mais recente.

Sheldrake sustenta que, em geral, qualquer determinado organismo é o que há de mais semelhante a si próprio no passado e, por essa razão, está sujeito a uma ressonância mórfica altamente específica oriunda de seu próprio passado.

Quando, por ressonância, o último padrão consegue ser copiado, cessa a informação baseada nos padrões anteriores de saúde e passa a vigorar o último padrão de memória recebido, que, no exemplo do sapo, seria o de estar na panela quente. Estar sendo queimado na panela que progressivamente vai sendo aquecida passaria a ser uma condição natural para esse sistema, que então não reage.

Evidencia-se, no espaço de tempo entre a cópia de padrões por ressonância, a consciência como fator determinante da condição de perceber o mecanismo do apego interno predisposto pela quebra do padrão. Entrar numa panela quente estabelece no sujeito uma leitura interna de isolamento; ele agora experimenta interiormente a sensação de não pertencer ao Universo e, a partir deste momento, sente-se aprisionado interiormente.

Nesse instante um vínculo interno é quebrado e, como a conexão Ego e *Self* quântico é vital para a saúde psíquica, ocorre o desencontro, a falta de sentido e, em casos extremos, a psicose e o suicídio. Como descrito por Edinger, em *Ego e Arquétipo*;

“Haverá um grande perigo se o Ego, separando-se do *Self*, romper o vínculo vital entre eles. Se isso ocorrer de forma extensa, estaremos alienados do fundo do nosso ser, e estará preparado o terreno para as doenças psicológicas”.

As mesmas premissas são apontadas por Malvina Muszkat, em seu livro *Consciência e Identidade*:

“Saindo de uma fusão indistinta, no caminho da diferenciação e da discriminação, o Ego perde seu complemento original e passa a viver sob o estigma de uma eterna carência. Essa carência se caracteriza, de maneira primordial, pela ausência de sentido de Ser e representa o móvel constante e decisivo para o desenrolar de um processo que irá se configurar na busca constante do reencontro com a totalidade original”.

Essa sensação de carência é interpretada pelo indivíduo como abandono, sentida como solidão e vazio, que por sua vez levará ao apego como mecanismo compensatório.

O apego primordial ao próprio sofrimento reforça a percepção do ego separado, seguido de toda sorte de apegos, e estabelece na consciência miríades de possibilidades. Se a consciência, nesta exata dimensão de tempo e espaço, se encontra motivada pelos chakras superiores, logra manter-se desapegada da situação e, de posse da sua percepção, gera uma dinâmica interna, que impede a cópia do padrão doentio, abrindo a possibilidade para a autocura. Caso contrário, o apego efetua-se, gerando, no nível da consciência, o aprisionamento e a estagnação. Abre-se o espaço suficiente para permitir que o passado

mais recente seja copiado pela ressonância, com perda da capacidade de percepção, de escolha, com perda da vontade e de padrões da memória de uma condição pregressa, ou mesmo de uma percepção futura mais saudável.

Essa perda dos padrões de memória é estabelecida como uma unidade de eventos, orientando para uma quebra desses padrões no aspecto psíquico, emocional e celular. No ponto em que ocorreu o processo de estagnação, estabelece-se a entrada na condição de paciente crônico, e então seu sistema como um todo necessitará ser novamente informado. O médico necessita ter um sentido cuidadoso de observação, no sentido de precisar quando o campo vital de seu paciente exige nova informação, para prosseguir em direção à cura.

Existem muitas formas de informar o sistema no sentido de prover uma resposta. Por exemplo, um choque emocional avassalador que poderá criar no indivíduo anteriormente deprimido uma reação espantosa, uma nova dinâmica como se a condição anterior se tornasse nesse momento sem a menor expressão. Nessa condição o choque emocional criaria novamente a dimensão de um quadro agudo, recriando nova chance de saltar para fora do antigo contexto. Muitas vezes, nesse exemplo, observamos pessoas que saem de uma situação crítica, para outra dramática. Resolvem a questão e, no final, voltam a se apegar ao sofrimento, adoecendo. O grande desafio é saltar, é desenvolver uma atenção interna capaz de libertá-lo do ciclo do apego. Curar, nesse sentido, significa desapegar.

O indivíduo, quando se apaixona por exemplo, na realidade, cria uma condição de salto quântico, onde todos os problemas tomam uma dimensão ínfima. No instante do salto, a vida se toma cor de rosa e todas as preocupações parecem não existir, se comparados à fase anterior. No entanto, segue-se um enorme apego ao objeto da paixão, e o apaixonado começa a ser cozido vivo num imenso caldeirão, numa história cujo final todos conhecem bem, quando não é seguido por um amadurecimento interno.

O fenômeno da ressonância explicaria porque muitas pessoas que se apaixonam por pessoas erradas não conseguem se libertar do contexto, ficando, às vezes, muitos anos repetindo padrões de comportamentos incoerentes sem entender a impossibilidade de romper definitivamente com o processo. Funciona, na realidade, como qualquer outra doença, onde o racional sabe que aquela história não acabará bem, mas o sistema não se mobiliza no sentido de romper e eliminar o conflito.

Muitos fatores criam padrões diferentes de resposta. E um dos primordiais é o nível em que se encontra a consciência do indivíduo em questão para o esperado na sua espécie. Observa-se claramente que indivíduos adultos, cuja consciência está fixada nos chakras dois e três, isto é, padrões abaixo do esperado para aquela faixa etária na nossa espécie, necessitarão de mais estímulos para que não retornem aos padrões negativos pontuados pela ressonância com o passado.

Essa seria uma das hipóteses que explicaria a causa que determina um sistema de defesa mais vulnerável nas crianças, necessitando de mais cuidados e informação, exatamente porque na primeira infância nossos padrões de consciência estão fixados nos chakras inferiores.

Se a Física Quântica admite que um organismo vivo é um sistema auto-organizador - sua ordem em estrutura e função não é imposta pelo meio ambiente, mas estabelecida pelo próprio sistema -, por que então esse mesmo sistema permanece silencioso a partir de um determinado ponto nos quadros agudos, e sempre silencioso nos crônicos? Se a questão parece ser perda de padrões de memória, é pertinente afirmar que curar é processar informação, desbloqueando padrões negativos de memórias passadas.

Sheldrake fala destes fatores vitais organizadores, que não seriam num programa genético como moléculas de ADN, mas entidades semelhantes à mente. Considera que seriam programas organizadores herdados, propositados e holísticos, não sendo constituídos de matéria per se, mas de informações. E afirma “A informação é aquilo que imprime forma dentro das coisas, ela in-forma; desempenha o mesmo papel das enteléquias ou fator vital de Aristóteles, mas soa mais científica”.

Através dessa prática homeopática, torna-se evidente a constatação de que a vida opera através de padrões de informação. Cada doença representa um padrão, assim como cada episódio que nos acontece na vida, cada situação são padrões formando campos determinados e específicos que experimentamos ao longo de nossas existências. Se estes padrões, estas vivências estão em harmonia com

as ordens cósmicas, seguimos tranquilos nossa caminhada com a consciência participativa em relação ao Universo, caso nossa escolha rume para padrões dissonantes em relação ao Todo, estamos lá novamente na panela quente, e a partir daí começamos a esquecer quem somos.

Ressonância mórfica explicaria o fundamento de outra metáfora da nossa existência como filhos pródigos, levando em conta que cada estrutura é vista como manifestação de um processo subjacente, com perda progressiva das respostas intrínsecas da totalidade. Na realidade, esquecemos quem somos e de onde viemos, porque perdemos padrões de energia através das incontáveis “panelas quentes”, em que certamente mergulhamos.

Podemos concluir que a doença é, na realidade, uma informação negativa, apresentando cada uma um padrão específico e, em última instância, dá o alerta de que o indivíduo está, efetivamente, numa determinada “panela quente”. Indica que houve queda de padrão de energia: nos quadros agudos, uma queda brusca; nos quadros crônicos, uma queda lenta e progressiva.

Por outro lado, o medicamento homeopático isolado representa em si um modelo de desordem compatível com um padrão determinado. Isso significa que a única forma de informar ao sistema unitivo intrínseco o que está acontecendo é repassar uma informação o mais semelhante possível à doença em questão.

No entanto, o ser humano representa um sistema de padrões de ordem estratificada, com diferentes níveis de complexidade e, atualmente, com as interferências químicas, ambientais, emocionais, tornarão esses padrões mórbidos cada vez mais complexos e abrangentes, o que impossibilita o *simillimum*, como elemento único, cobrir a totalidade dos sintomas deste indivíduo.

A lei de Arndt-Schulze, lei biológica sobre a dosificação dos medicamentos químicos e tratamentos físicos, afirma que as pequenas excitações são estimulantes para a atividade vital, as médias são inibidoras ou bloqueadoras da atividade vital e as intensas são destruidoras. Conclui-se que essa lei aponta para o fato de que confirmamos, na prática, que, quanto maiores as diluições homeopáticas, quanto mais sutil a vibração do medicamento, mais estímulos recebe o padrão dinâmico do sistema no sentido de cura. Os achados evidenciam que o medicamento homeopático trabalha não só na informação, mas também na condição de estimular a energia suficientemente para permitir o salto quântico.

É necessário não só informar, mas paralelamente oferecer energia para que o sujeito, literalmente, possa saltar para outra condição intrínseca, outro padrão de consciência que o conduza a um amadurecimento interior. O medicamento homeopático, também, reabre a possibilidade de ir ao encontro da real compreensão de seus processos internos, desenvolvendo sua plena atenção - única possibilidade de evitar escolhas internas que o predisponha a novas perdas de padrão energético.

Deve-se assinalar que toda a experimentação homeopática no homem são foi elaborada com medicamentos em baixa dinamização, o que determina uma mudança de padrão no plano dinâmico do indivíduo, determinando sintomas físicos, emocionais e mentais por uma simples questão de padrão, sem, no entanto, promover alterações profundas na consciência, pois não ocorreu o salto quântico real na pessoa em experimentação. Portanto, o medicamento, quando retirado, permite que o indivíduo recupere seu código anterior e retorne ao seu estado original de saúde.

No entanto, o uso indiscriminado de medicamentos homeopáticos em altas dinamizações e de forma repetida, como nas experimentações clássicas, sem o critério rigoroso da similitude, pode certamente gerar o que chamamos de metástase mórbida, com um desvio negativo em direção oposta à cura, acompanhada de agravamento e complicação do quadro atual. Se houve má prescrição em dose alta, a pessoa não retornará ao seu estado de saúde com a retirada da medicação, pois neste caso ela saiu de seu padrão original de energia e fará a leitura do novo padrão como a entrada numa “panela quente”. Ela, no caso, experimentou um salto quântico negativo para padrões dissonantes de energia e, com certeza, não retornará aos seus padrões originais, a não ser que seja novamente informada corretamente no sentido correto da cura.

As leis da cura devem estar fundamentadas na passagem de informação, através de um código de auto-organização, que religue padrões de memória, que imprima ritmo a esta energia, sincronicidade, flexibilidade através das transmutações que se efetuam no decorrer dos saltos quânticos que promove.

As leis homeopáticas de cura são bem definidas e distintas em relação à cronicidade e à natureza da doença em questão. As doenças naturais, agudas ou crônicas são raríssimas de serem encontradas nos dias de hoje, pois a doença natural seria aquela que evolui de acordo com o seu tropismo próprio, seu código original, sem a interferência de fatores medicamentosos, ambientais, físicos, químicos, emocionais etc.

Nesta classe de doenças, teríamos as fases clínicas naturais de evolução com o aparecimento dos sinais prodrômicos da doença, seguidos da etapa clínica terminal, com sintomas psicossomáticos locais e particulares. Nesse contexto, Kent coloca que, no processo de cura homeopático correto, “os primeiros sintomas aparecidos serão os primeiros a desaparecer”.

Porém, é inteiramente distinto o que se observa nas doenças desnaturalizadas pela supressão medicamentosa alopática, ou outros fatores químicos, vacinações repetidas e outros fatores que operarão, criando pela lei da ação e reação contrária, uma maior desestabilização no sistema como um todo, gerando a metástase mórbida, ou ainda doenças sucessivas, cujos padrões mórbidos somarão ao inicial, criando modelos de desordem cada vez mais complexos - realidade a que assistimos, infelizmente, crescer progressivamente em nossas sociedades.

As leis de cura estão vinculadas à lei de Hering. Afirma que essas doenças desnaturalizadas se curam na ordem inversa do aparecimento dos sintomas, o que equivale dizer que os últimos sintomas aparecidos serão os primeiros a desaparecer e a enfermidade se curará da profundidade à superfície.

Nessa condição, a ação de um padrão perfeitamente semelhante determinará, inicialmente pela lei de Hering, a volta à etapa em que se produziu a primeira metástase mórbida por supressão sintomática, isto é, que o indivíduo consiga retornar ao ponto inicial da doença natural, para que a partir daí possa seguir o processo natural da cura, e então cumprir o proposto por Kent, em que os primeiros sintomas aparecidos serão os primeiros a desaparecer.

Isso é verificado em todos os processos de cura a partir dos fatores de auto-organização, onde, a partir de uma sensação subjetiva de melhora e bem estar, o paciente num determinado momento do seu processo de cura relata: “interessante..., foi exatamente assim que minha doença começou”. Nesse ponto exato, conseguimos trazer o paciente ao ponto inicial de sua própria história, indicando que os saltos quânticos, até este momento, foram apenas para trazê-lo em direção a este ponto inicial, para só então iniciarmos os saltos quânticos em direção à cura propriamente dita. Saímos de uma escala negativa, passamos pelo ponto zero e entramos numa escala positiva de cura.

Na Medicina convencional, desconhece-se o conceito da supressão mórbida, pois toda a finalidade do processo alopático é fundamentalmente exterminar sintomas, qualquer que seja o caminho ou a forma necessária empregada para este fim, apoiando-se na intervenção que atropela qualquer possibilidade de compreensão do processo preventivo.

No caso das supressões alopáticas, os sintomas atuais desaparecem e, com a evolução da enfermidade não curada em sua etiopatogenia, aparecem sintomas posteriores poucos dias depois, que, em geral, são assinalados como efeitos colaterais medicamentosos, mas que, na maioria das vezes, correspondem a sintomas de uma nova enfermidade provocada pela supressão anterior.

A Medicina Alopática não está fundamentada sob nenhuma lei, nenhum princípio coerente, mas, ao contrário, segue seu caminho de olhos vendados sem se dar conta do que representa a supressão sintomática, patogênica e etiológica das enfermidades. Assim, testemunhamos, no nosso dia a dia, as graves conseqüências que os saltos quânticos negativos impõem irrefletidamente à humanidade, que caminha cada vez mais cronificada e doente, atualmente com graves repercussões no aspecto mental e emocional .

A insanidade torna-se, a cada dia, o maior desafio para esta Medicina que segue suprimindo, em níveis tão dramáticos, que presenciamos nos dias de hoje, sintomas de profunda violência, atingindo nossos adolescentes e crianças, demonstrando de forma gritante a gravidade do processo supressivo.

Deixo para os leitores a conclusão óbvia do papel da Medicina frente ao processo evolutivo dos seres humanos e a conseqüente preservação de todo o ecossistema. A responsabilidade do corpo médico neste mundo é algo sobre o qual deveríamos meditar de uma forma muito especial, pois implica ir muito longe nos caminhos da compreensão e do amor ao próximo.

Cumprе observar, dentro das leis de cura homeopáticas, o grau efetivo de lesão que o paciente apresenta. Os distúrbios poderão ser:

- I - Funcionais: quando o paciente apresenta distúrbios funcionais, sem nenhuma lesão efetiva a ponto de ser comprovada em achados radiológicos e laboratoriais. Por exemplo, a pessoa que se queixa de fortes dores articulares que, no entanto, não têm seus achados confirmados nos testes laboratoriais. Junto à análise alopática, muitas vezes é dito ao paciente que seu quadro é de fundo emocional, e são prescritos ansiolíticos, sedativos e anti-inflamatórios, quando, na realidade, o paciente segue seu caminho rumo à cronificação da doença, terminando por entrar num padrão lesional subseqüente.

Curioso é observar um profissional de saúde afirmar a um doente que seu quadro é de fundo emocional, como se todos não o fossem. Os campos emocional, mental, físico e espiritual estão sempre implicados, obviamente, em todos os processos e em todos os níveis. Os seres representam unidades cósmicas integradas e, para serem curados, devem ser analisados na dimensão em que se encontram.

Os distúrbios funcionais dão como retorno no processo de cura homeopático um equilíbrio de todo o sistema, sem nenhuma agravação homeopática. Isso porque não existe lesão a ser operada no sistema dinâmico em questão. A cura no plano físico deve ser sempre precedida, em qualquer classificação de doenças, de uma real integração do aspecto psíquico-ético-espiritual do indivíduo.

- II - Lesionais leves: frente a esta classe de distúrbios, espera-se como resposta de cura uma agravação rápida, seguida de rápida melhoria. Este segmento enquadra tanto os quadros agudos como os crônicos, e o paciente apresenta alteração expressiva em nível de testes laboratoriais.

Nesse grupo de pacientes, em geral, a interferência do médico com o processo de cristalização não é necessária, salvo em crianças que sempre se mostram mais vulneráveis, devido às freqüentes vacinações que recebem. Sei que este assunto é polêmico, mas o tempo mostrará, através de uma correção do campo vital das criaturas, a evidência de como as vacinações criam uma desorganização absurda no sistema vital. Quanto a essa questão, deixo a cada médico sua própria avaliação no futuro. Pois, hoje, a desordem é de tal ordem que a piora não tem mais como ser avaliada em termos de causas. Porém, quando se corrige o campo vital de uma criança e logo depois ela é vacinada, é flagrante o caos que se reinstala em seu sistema. Mas há coisas na Medicina que só o futuro dirá, e a paciência segue sendo uma virtude.

- III - Lesionais graves: Estes são os sujeitos que ficaram tempo demasiado na situação de stress sem serem resgatados, ou ainda aqueles que foram sujeitos a um stress de intensas proporções. O paciente crônico chega a esta gravidade lentamente e o paciente, num quadro agudo, pode chegar a este estado, de forma muitas vezes bastante incisiva. De qualquer maneira, observamos claramente que o lesional grave, num processo agudo, apresentará uma recuperação dentro dos parâmetros de um lesional leve. Obteremos uma forte agravação seguida de rápida e progressiva recuperação.

Avaliando, no entanto, as respostas obtidas no paciente lesional grave crônico, as leis de cura determinam uma agravação longa seguida de lenta melhoria. Um sistema que permaneceu mergulhado numa panela quente por 40 anos não pode nos dar como resposta uma cura em 3 dias. As determinantes físicas de tempo e espaço entram efetivamente nas equações dinâmicas da vida e resta aos indivíduos compreenderem o sentido dessas leis.

Outra dimensão a ser incorporada é o tempo que um paciente lesional crônico necessita para codificar seus próprios nós internos, antigas couraças que o seu *self* separado, muitas vezes, insiste em preservar. Na realidade, não é propriamente a doença física que torna lento o retorno à saúde, e sim o redimensionamento da vida nos níveis emocional, psíquico e espiritual.

- IV - Incuráveis: Este é o contexto que, efetivamente, exigirá do médico uma atenção ampliada, no sentido de julgar, a partir dos parâmetros de sua alma, quem realmente se enquadra neste contexto. Muitas vezes, o paciente tido mesmo como terminal, após uma adequada integração energética, ressurgiu das cinzas como fênix, para espanto de todos. A Homeopatia freqüentemente apresentava seus adeptos com tocantes relatos e experiências nesse sentido.

O lema é tentar, tentar sempre o resgate possível para a vida e, quando isso já não é mais possível, não perdermos ainda assim o horizonte da verdadeira cura, que deve ser avaliada primordialmente visando à amplitude de consciência.

Curar se torna, fundamentalmente, um ato consciente de promover a possibilidade de um salto quântico para fora da velha panela quente. Implica libertação e transcendência. Mesmo no paciente em seus últimos momentos, quando a energia é oferecida, obtêm-se um alívio das dores, do desespero e do medo da morte. Assistimos ao fato de que a cura, muitas vezes, se processa para os pacientes terminais no exato momento da morte, como um tocante salto em direção ao que considera ser sua própria luz interior. A morte encerra em si mesma uma grande oportunidade de salto quântico e, como tal, deve ser conduzida adequadamente.

A Medicina necessita recuperar a consciência de incorporar a morte como uma etapa integrante de nosso processo em direção ao nosso holocentrismo. Quando uma morte iminente é bem conduzida, ela liberará e promoverá saltos quânticos para o ser que parte em direção a uma outra dimensão.

A conduta que a Medicina Alopática tem hoje, frente aos pacientes terminais, é certamente algo de que nos envergonharemos no futuro. É pura barbaridade. Gerações futuras olharão para a panela quente que a Medicina atual impõe aos seres hoje e, certamente, experimentarão a perplexidade.

REPRESENTAÇÕES INTERNAS DA ENFERMIDADE

“O médico que é ou gostaria de ser homem total e deseja, por conseqüência, tratar o paciente de forma total, deve aprender a criar neste também as condições que permitam ao homem se curar a partir de seu ser essencial e testemunhá-lo diante do mundo”.

KARLFRIED GRAF DÜRCKHEIM.

Enfermidade significa manifestação de algo subjacente, expressando, no nível físico, mental e emocional, a resultante de uma desvinculação interna.

A Tradição Hermética coloca em relação à desvinculação interna, conceitos relativos a um dos sete Princípios Alquímicos que se relacionam ao Princípio do Gênero.

No *Caibalion*, Hermes Trismegisto afirmava: “O Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e feminino; o gênero se manifesta em todos os planos”.

No domínio mental, identificavam o Princípio Masculino da mente com a chamada mente objetiva, mente consciente, mente voluntária, mente ativa etc. E o Princípio Feminino da mente com a chamada mente subjetiva, mente subconsciente, mente involuntária, mente passiva, etc. Dentro desse conhecimento, o *self* integra na realidade um Ego e um Eu, considerados como gêmeos mentais, diferindo em características, naturezas e fenômenos que produzem.

Sob essa perspectiva afirmavam os Mestres Herméticos que um homem, cuja consciência está aprisionada em centros inferiores, se encontra totalmente identificado ou com seu físico, seus instintos ou suas emoções básicas, sem a menor condição interna de percepção para esta duplicidade interior.

À medida que seus níveis de consciência vão ascendendo, o indivíduo compreende seus estados internos como idênticos a ele mesmo, como coisas suas, que estão nele, mas que não são ele mesmo.

Compreende que pode mudar esses estados mentais de emoções por um esforço de vontade e que pode, do mesmo modo, produzir um estado de uma natureza exatamente oposta e, contudo, existir o mesmo Eu.

Nessa condição, o sujeito se tornará consciente de uma Seidade, considerando seus dois aspectos de Eu e de Ego. Segundo o conhecimento do *Caibalion*, o Eu será considerado como um campo mental onde os pensamentos, idéias, emoções, sensações e outras condições mentais são produzidas. Seria uma matriz mental com capacidade de gerar, manifestando-se à consciência como um Ego (feminino) com poderes intrínsecos de criação. Representaria o que hoje a Física conceitua como campo ou *self* quântico, que detém todas as probabilidades latentes da criação, gerando as progênes mentais de todas as espécies e reinos.

Exatamente esse *Self* quântico insere a condição ontológica definida por Jung como arquetípica, que impulsiona o homem a cumprir um movimento no sentido de sua auto-realização.

Este campo, para operar, necessita de informação do que chamavam vetor Força-Vontade representado pelo Ego (masculino), que comumente é chamado de Ego propriamente dito. Através da Força-Vontade do Ego (masculino), uma intenção consciente é projetada neste campo ou Ego (feminino) criando o que hoje os físicos quânticos colocam como padrão unitivo das partículas bósons, que por sua vez geram novos padrões de consciência a quais provocam o colapso de onda dos elétrons manifestando

a criação. O Ego representaria o Princípio Masculino de Gênero e o Eu, o Princípio Feminino. O Ego representa o aspecto de Existência; o Eu o aspecto de Estado.

O *Caibalion* relata que a tendência do Princípio Feminino é sempre receber impressões, ao passo que a tendência do Princípio Masculino é sempre dá-las ou exprimi-las. O Princípio Feminino dirige a obra de geração de novos pensamentos, conceitos, idéias, incluindo a obra da imaginação. O Princípio Masculino contenta-se com a obra da Vontade e da Atenção, nas suas variadas fases. Afirmava-se que, sem o auxílio ativo da vontade do Princípio Masculino, o Princípio Feminino pode contentar-se com a geração de imagens mentais, que são o resultado de impressões recebidas de fora, em vez de produzir criações mentais originais.

No estudo epistemológico sobre o Universo Participativo, Henryk Skolimowski define esse campo Feminino como a consciência participativa, e o Ego masculino como consciência objetiva. Dimensiona, na Teoria da Mente Participativa, a condição de ver essa mente como arquiteta de todas as ordens ontológicas (incluindo as ordens culturais e epistemológicas). Sugere ainda que o racional e o intuitivo, que o racional e o compassivo não são antíteses um do outro, mas, num nível mais profundo, são aspectos um do outro.

Abrindo um paralelo, observamos que a Física Quântica atual determina que, a partir da observação consciente, ocorre o colapso de um pacote de ondas de elétrons que se transformam em partículas localizadas. Estabelece-se, assim, um sinergismo entre o sujeito que observa e o que ocorre no instante da medição da partícula em questão. Antes do colapso, o estado quântico do cérebro-mente existe como potencialidades de miríades de possíveis padrões que Heisenberg denominou de tendências. O colapso concretiza uma dessas tendências que leva a uma experiência consciente (com percepção) ao ser completada a medição.

Amit Goswami afirma que nossa consciência escolhe o resultado do colapso do estado quântico do nosso cérebro-mente. Definimos, então, que essa consciência é, na realidade, a consciência que opta, o Ego masculino do Princípio Hermético, a consciência analítica, o princípio que integra Força-Vontade. Em contrapartida, o estado quântico do nosso cérebro-mente da Física Quântica representa o Eu ou Ego feminino, que exprime o campo onde as partículas bósons geradoras de consciência elaboram a criação. Os dois sistemas interagem mútua e reciprocamente, estando os elétrons, geradores de matéria, numa forma denominada Potência, que representa uma condição de total disponibilidade para as infinitas possibilidades criativas, advindas da dimensão quântica. Seria o que Lao-Tsé denominava de “infinita teia do Céu”, cujas malhas tudo envolve, determinando a emanção de todas as coisas.

Heisenberg adotou a palavra Potência usada por Aristóteles, afirmando que, uma vez que a onda do elétron entra imediatamente em colapso quando a observamos, a potência não poderia existir no domínio material do tempo e espaço. Outros físicos, como Henry Stapp, também afirmaram que o processo fundamental da natureza reside fora do espaço e do tempo, mas gera eventos que nele podem ser localizados.

Evidencia Goswami que toda a problemática resulta do fato de que a partir do momento em que escolhemos, obtemos uma experiência consciente localizada agora na nossa dimensão de tempo e espaço. Como esse resultado é uma experiência consciente, fixamo-nos nessas experiências permanecendo inconscientes do processo subjacente, que corresponde ao outro lado da moeda, isto é, a toda a matriz criativa que se encontra fora da dimensão tempo-espaço. Estabelece, ainda, que exatamente essa inconsciência nos aporta uma ilusão de separatividade, de estarmos desconectados desse campo ou matriz geradora, que nos vincula a uma consciência unitiva.

Esta questão remonta-nos ao que relata Daniel Goleman, em *Vital Lies, Simple Truths*: “é o nosso *self* consciente que permanece inconsciente de algumas coisas durante a maior parte do tempo. Ele jamais dorme. Ou melhor, é o nosso *self* consciente que está inconsciente do nosso inconsciente, e o nosso inconsciente é o que permanece consciente - e temos os dois termos ao avesso.”

Na realidade, esta matriz de natureza feminina, que resume o conceito de Enteléquias de Aristóteles, Alma dos Alquimistas, consciência sintética dos analistas transpessoais, estado quântico do cérebro-mente dos físicos quânticos, estabelece fora da dimensão tempo e espaço a nossa conexão

profunda com o Universo Participativo. Quanto mais o indivíduo tem sua consciência fixada em chakras básicos, mais se torna inconsciente deste processo sutil do feminino, da dança cósmica do Aqui e Agora, desta unidade de eventos, vivenciando, portanto, uma maior sensação interna de não pertencer ao Holo.

Na interpretação Homeopática, à primeira sensação interna de desvinculação em relação ao Universo Participativo dá-se o nome de Psora primária, que traduz o que o analista transpessoal Pierre Weil denominou de Fantasia da separatividade. Segundo ele, essa desvinculação interna gera uma sensação básica de abandono, de estar separado do Todo, de sentir-se empobrecido, levando então o sujeito a uma condição de profundo apego. O indivíduo apega-se buscando possuir os objetos de suas identificações, agarrando-se a tudo e a todos, numa compulsão de posse que visa a uma compensação da insuportável insegurança derivada desta sensação básica de estar separado, de não ser participante e integrante da dimensão profunda do Ser.

Pierre Weil descreve que o apego é uma condição de aprisionamento mental, que gerará, em nível emocional, o medo de não obter ou de perder o objeto de identificação. Esse medo provocará em nível físico o estresse, que será codificado como sinais e sintomas gerando doenças. Evidencia ainda três tipos de medo ligados ao apego: o medo de não conseguir; se conseguiu, o medo de perder; se perdeu, o medo de não reaver.

O apego gera a estagnação que paralisa o fluxo da energia, abrindo a condição de espaço-tempo para que o padrão distorcido seja copiado pela ressonância mórfica como padrão de referência, tornando o Ego ou consciência analítica paralisado em sua Vontade e Atenção. Esse Ego ou *self* separado percebe-se aprisionado por um padrão de memória que o imobiliza, no sentido de transmitir a expressão da Vontade ao Eu ou Ego feminino, promovendo, em razão disso, um bloqueio no processo de individuação.

A esse efeito cascata gerado pelo apego, medo, estresse e alarme, traduzido em sinais e sintomas, a Escola Homeopática denomina de psora secundária, que incorpora os estágios seguintes à percepção primordial da desvinculação interna.

O sujeito no contexto psórico está consciente de seu aprisionamento, de seu drama e de sua condição interna. Pode, a partir daí, rumar para os dois quadrantes de defesa frente a esse sofrimento básico.

Pierre Weil coloca como uma das possibilidades a fuga do sofrimento, em virtude do esgotamento da força vital, gerando um movimento interno, denominado de Sífilis pela Escola Homeopática. A outra possibilidade é o enfrentamento, a tentativa de adaptação, que leva o sujeito à luta contra o sofrimento básico, gerando um estado ou condição homeopaticamente denominado de Sicoze.

Na realidade, os três miasmas homeopáticos - a psora, a sífilis e a sicoze - são as três possibilidades de expressão originadas a partir dos diversos modelos de desordem, gerados ao nível do *self* consciente, que comandam as partículas férmions.

Sucede que as percepções distorcidas do *self* consciente gerarão modelos de desordem que repassam esses padrões para a matriz feminina ou *self* quântico, gerando respostas criativas inadequadas. Logo, o resumo de toda a questão reside na constatação de que o cerne de toda a doença encontra-se no Ego ou *self* consciente que, ao se perceber separado deste Universo participativo, define como realidade um universo de interpretações que compõe, em algum momento de sua existência, um movimento psórico, sífilítico ou sicótico. É exatamente nesse conteúdo que compreendemos a doença como uma criação mental distorcida, baseada na forma como o indivíduo ordena suas experiências, processando suas escolhas contra o processo natural cósmico de auto-organização, dando início ao desvio e a fenômenos mentais que refletem a estagnação.

Essa condição evidencia o que nos recorda Graf Dürckeim a respeito da doutrina do sábio sacerdote Hara Tazan, que indicava a representação essencial do erro e da doença no sentido moral: “Isso significa que o erro e a doença têm a mesma origem, que estar doente significa, em última análise, estar enganado”.

Como define Goswami: “Dessa maneira a opção e o reconhecimento da opção definem o nosso *self*. A questão fundamental da nossa consciência é escolher ou não escolher. Escolhemos, logo existimos. Se não escolhemos não confessamos reconhecer nossas percepções”.

Fritjof Capra descreve que adoecer e curar-se são partes integrantes da auto-organização de um organismo e, como a mente representa a dinâmica dessa auto-organização, os processos de adoecer e curar-se são essencialmente fenômenos mentais.

Pertinente é inserir nesta análise que, enquanto a visão de natureza holística do *self* quântico nos aporta uma infinidade de possibilidades criativas, a natureza linear do *self* separado abriga esquemas rígidos que representam os pontos de fixação dessa consciência analítica.

Partindo dessa percepção, abriu-se a possibilidade de um mapeamento que insere uma dinâmica previsível, catalogada por diversos pensadores, já que o Ego ou *self* consciente é essencialmente racional em sua maneira de encarar a experiência e está ligado aos tratos neurais seriais e a programas existentes no cérebro. O sistema neural é responsável pelo pensamento lógico, racional e consciente, orientado para metas e projeções de pensamento a longo prazo.

Basicamente, se o indivíduo teve experiências emocionais traumáticas na infância, o ego criará toda uma couraça de proteção em relação a esse mesmo padrão de experiência na vida adulta. É a máscara que o indivíduo apresenta ao mundo e, freqüentemente, a si mesmo, o script que representa no palco da vida, a parte de si mesmo que ele mais facilmente identifica com a pessoa que acredita ser.

Os esquemas rígidos de fixação do Ego ou *self* consciente foram abordados por vários filósofos antigos e contemporâneos, que analisam as possíveis dinâmicas previstas para cada tipo de personalidade ou script elaborado. Entre eles, citamos o sistema Myers-Briggs, proposto por Holland, os seis estilos de atividade do Ego definido por Jung, o Script postulado por Eric Berne, e o Eneagrama que, desde a Antigüidade, compõe um mapeamento da consciência objetiva, de forma abrangente e esclarecedora.

Na observação clínica de muitos anos, escolhi o script do Eneagrama, pois, no que pude vivenciar, ele expressa um mapeamento mais amplo e coerente, dando ao profissional a condição de perceber os padrões de aprisionamento de seus pacientes, não com o intuito de julgar, mas com o intuito de se orientar em relação ao processo de cada indivíduo.

Esse conhecimento milenar foi mantido em segredo por centenas de anos, pois, como todo conhecimento superior, pode ser usado para o desvio, no caso, para a manipulação e o julgamento em relação aos demais. Porém, creio ter chegado o tempo de uma nova consciência para a humanidade, no sentido de termos condições de usufruir plenamente do conhecimento que nos é de direito, assumindo igualmente a responsabilidade que nos compete.

O Eneagrama – mapeamento do *self* consciente na dimensão psíquica.

O Eneagrama surgiu, segundo estudiosos, numa fraternidade de sábios da Babilônia, cerca de 2.500 anos antes de Cristo. Foi conhecido por Pitágoras, Zoroastro e outros estudantes, e levado pelos Guardiões desta Tradição para o Norte, cabendo aos mestres Sufis o segredo de sua utilização. Na realidade, traduz um estudo dos nove tipos de interpretação percebidos pelo *Self* consciente enquanto desvinculado do *Self* quântico. Define os nove esquemas possíveis resultantes da fixação do Ego que ocorre em algum momento de sua formação, e que acaba se tornando sua motivação básica.

Cada pessoa, através de seu *self* separado, terá escolhido e se fixado em alguma etapa da vida em um dos nove esquemas, espelhando no nível da Alma ou *self* quântico a projeção dessas percepções. O Eneagrama ensina que a “fixação básica” que se “escolhe” muito cedo na vida determina o curso daquela vida, e, enquanto o indivíduo não se conscientizar dessa influência e desse esquema rígido, a fixação agirá de forma progressivamente limitante.

Mesmo os materialistas concordam que o livre arbítrio do Ego é uma miragem. O processo de individuação estabelece a possibilidade de ascensão de consciência em direção aos chakras superiores, permitindo uma libertação progressiva em relação aos esquemas rígidos determinados pelo *self* separado, de sorte a promover uma integração progressiva em relação ao Eu .

Se tivéssemos de definir os nove tipos com uma palavra apenas, retrataríamos:



Dentro do esquema relativo ao Eneagrama das Paixões, são retratados os 9 aspectos que refletem a luta frente ao sofrimento primário que, em termos homeopáticos, expressam a sicose de cada tipo de Ego:



O Eneagrama das Fugas retrata o que cada tipo evita e resume-se no aspecto fundamental da sífilis homeopática para cada tipo de personalidade:



Na compreensão mais profunda deste holograma, assinalam-se as diversas formas de interpretação que o *self* consciente elabora a partir da fantasia da separatividade, compondo o Eneagrama das ilusões:



Para um retrato mais dinâmico deste holograma, demonstra-se a seguir um mapeamento sucinto dos nove tipos de persona destacados no estudo do Eneagrama, a fim de facilitar a observação clínica:

A - *Self* consciente tipo 1:

Este tipo de persona apresenta um vínculo intrínseco com o Centro Instintivo, o Centro do “fazer” e, em geral, foram indivíduos criados num ambiente onde não se sentiram avaliados pelos seus sentimentos e por suas idéias e sim pelas suas ações.

- I - Compulsão básica (fuga) - o perfeccionismo.
- II - Fixação psicológica básica (paixão) (luta) - a raiva.
- III - Esforçam-se muito para corrigir as próprias falhas.
- IV - Têm dificuldades em relaxar e ser espontâneos e brincalhões.
- V - Odeiam perder tempo.
- VI - Sentem-se frustrados porque nem eles nem os outros são o que poderiam ser.
- VII - Consideram sua ética e sua moral superiores às dos outros.
- VIII - Vêem as coisas em termos de certo e errado, bom ou mau.
- IX - Parecem se preocupar mais do que as outras pessoas.
- X - Parecem sempre apressados como se sentissem que não têm tempo para o muito que têm a fazer.
- XI - Precisam se sentir responsáveis a maior parte do tempo.
- XII - Precisam ser perfeitos para serem amados e reconhecidos.

Algumas patologias apresentam uma relação bem específica com determinados tipos de persona como, por exemplo, os quadros de anorexia nervosa que sempre se enquadram em personalidades do tipo I.

B - *Self* consciente tipo 2:

Este tipo de persona estabelece uma conexão profunda com o Centro Emocional, o Centro do “sentir”, e os indivíduos que se fixaram nesse tipo, certamente, foram criados num ambiente no qual a emoção era freqüentemente expressa e onde a fé, a esperança e a caridade eram muito valorizadas.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Atender às necessidade dos outros.

- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Orgulho
- III - Necessitam ser importantes na vida dos outros.
- IV - Muitas pessoas dependem de sua ajuda e generosidade.
- V - Gostam de salvar as pessoas quando as vêem com problemas ou em situações embaraçosas.
- VI - Normalmente elogiam, adulam e agradam mais do que criticam.
- VII - Não sentem que tenham tantas necessidades quanto os outros.
- VIII - Às vezes, sentem-se enganados pelas pessoas, como se estivessem sendo usados por elas.
- IX - Consideram-se responsáveis pela continuidade de suas relações.
- X - Ocasionalmente experimentam um sentimento de injustiça por não receberem em troca o suficiente na medida do que dão aos demais.
- XI - São compelidos a ajudar as outras pessoas, muitas vezes sem que essas pessoas queiram ou peçam esta ajuda.
- XII - Acham mais fácil fazer as coisas pelos demais do que para si próprios.

C - *Self* consciente tipo 3:

Estes indivíduos têm sua persona fixada no Centro Emocional e, provavelmente, foram criados num ambiente onde não se sentiram valorizados pela sua capacidade de envolvimento emocional com os outros, nem pela qualidade de seus pensamentos e correção de seus atos.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar fracassos.
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Fraude, Engano.
- III - Gostam de ter metas bem definidas e de saber quais são as chances para alcançá-las.
- IV - Identificam-se com precisão e profissionalismo.
- V - Consideram-se pessoas possuidoras de muita energia positiva.
- VI - Em geral, quando se lembram do passado, fixam-se mais nas coisas que fizeram de bom e de certo do que nas coisas que fizeram de mal e de errado.
- VII - Muito importante para eles é projetar uma imagem bem sucedida.
- VIII - Gostam de trabalhar em equipe e se consideram bons membros de equipe.
- IX - Acham que as aparências são muito importantes e que a primeira impressão conta muito.
- X - Muitas vezes sentem que são invejados pelo muito que conseguiram.
- XI - Geralmente preferem se envolver no aspecto de uma organização que requeira mudanças do que nas que requeiram continuidade.
- XII - Podem se identificar tanto com o trabalho que estão fazendo ou com o papel que estão desempenhando que até se esquecem quem são realmente.

D - *Self* consciente tipo 4:

Estes indivíduos têm sua persona fixada no Centro Emocional e, embora os valores dominantes do local onde foram criados privilegiassem os sentimentos e os pensamentos, em algum momento de sua infância sentiram-se preteridos ou diferenciados em relação aos seus pares de ocasião (irmãos, sobrinhos ou outras crianças).

- I - Compulsão Básica (fuga) - O esforço para se sentirem especiais.
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Inveja
- III - Acreditam que a maioria das pessoas não aprecia a verdadeira beleza da vida.
- IV - Possuem uma grande atração pelo simbolismo.
- V - As artes e a expressão artística são muito significativas para a expressão de suas emoções.
- VI - O meio ambiente que os cerca é muito importante para essas pessoas.
- VII - Possuem uma nostálgica compulsão pelo passado.
- VIII - Dão muito valor às boas maneiras e ao bom gosto.
- IX - Não gostam de pensar neles mesmos como pessoas comuns.
- X - Constantemente preocupados com o sofrimento, a perda e a morte.
- XI - Normalmente tentam parecer casuais e naturais.
- XII - Acreditam que sentem as coisas com muito mais profundidade que as outras pessoas.

Nesse grupo encontramos a maior incidência de pacientes hipocondríacos, pois o indivíduo, cuja personalidade está fixada no tipo 4, é muito centrado em seus próprios sentimentos, normalmente exagerando e dramatizando todas as situações que lhes são pertinentes.

E - *Self* consciente tipo 5:

Estas pessoas que fixaram sua persona no tipo 5 estabelecem uma conexão mais direta com o Centro Mental, o Centro do “pensar” e, certamente foram criados num ambiente onde a capacidade de raciocínio, a presteza mental e a qualidade de pensamento eram valorizadas. Em algum momento de sua infância, sentiram-se discriminados por sua ignorância ou sentiram sua privacidade invadida ou ambas as coisas.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar o sentimento de vazio.
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Avareza.
- III - Tentam resolver os seus problemas pensando.
- IV - Precisam de muito tempo e estão sempre buscando um espaço privado.
- V - Não conseguem manter conversas superficiais.
- VI - Ficam embaraçados quando são questionados sobre como se sentem e normalmente respondem o que estão pensando.
- VII - Preferem ficar à margem das coisas, observando as pessoas, não se comprometendo com as questões.
- VIII - Gostam de fazer associações mentais, sintetizar e juntar idéias.

- IX - Sentem-se muito constrangidos de pedir o que necessitam.
- X - Têm muita dificuldade de se auto-afirmarem.
- XI - Guardam seus sentimentos para eles mesmos.
- XII - Quase sempre deixam os outros tomarem a iniciativa.

F - *Self* consciente tipo 6:

Estes indivíduos têm sua persona localizada no Centro Mental, estando em geral desconectados em relação a si mesmos, com a energia do pensamento substituída por um conjunto de regras e preceitos, ou mesmo atribuindo a outra pessoa a direção a ser seguida para obter a segurança e a realização esperada.

As pessoas do tipo 6 são as mais ambivalentes entre todos os outros tipos. O ambiente onde foram criadas ou era um ambiente onde a obediência era exigida com extrema rigidez e a figura da autoridade era quase sagrada, ou exatamente o inverso, o ambiente era muito imprevisível, as regras não eram muito coerentes e a reação dos adultos que as cercavam deixavam-nas sempre inseguras e desconfiadas.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar infração
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Temor.
- III - Gostam de estar inteiramente certos antes de agir.
- IV - Estão sempre atentos e sensíveis às contradições.
- V - A lealdade para com eles é de vital importância.
- VI - Preferem ter as coisas esquematizadas a tê-las em aberto.
- VII - Levam muito tempo para decidir, estão sempre em dúvida, pois necessitam explorar inteiramente as conseqüências das ações em questão.
- VIII - Acham difícil contrariar o que diz a autoridade.
- IX - A virtude mais importante para eles é a prudência.
- X - Consideram que, sem regras definidas ou leis estritas, é muito difícil dizer o que as pessoas podem e não podem fazer.
- XI - Têm tendência a prosperar na vida, baseados no senso de dever e da responsabilidade.
- XII - Parecem estar sempre se defendendo e se justificando.

Numa análise dos quadros de Síndrome do Pânico, observamos ser, por exemplo, um quadro bem característico da persona tipo 6.

G - *Self* consciente tipo 7:

Estes indivíduos têm sua persona localizada no Centro mental e, provavelmente foram criados em ambiente cujo discurso, a vivacidade de espírito, a capacidade de improvisar e o senso de humor eram valorizados.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar o sofrimento.
- II - Fixação Básica Primária (paixão) - Gula

- III - Acreditam que existam poucas coisas na vida que não possam desfrutar.
- IV - São muito entusiastas acerca do futuro.
- V - São consumistas e têm uma irresistível atração pelos últimos lançamentos do mercado.
- VI - Normalmente gostam de contar casos engraçados e sempre sabem a “última piada”.
- VII - De uma forma geral, encaram as coisas mais pelo seu lado alegre do que pelo seu lado negativo.
- VIII - Acreditam que as coisas sempre acabarão bem.
- IX - Evitam, sempre que podem, entrar em programações mais sérias como, por exemplo, visitar alguém num hospital.
- X - Gostam de alegrar as pessoas e preferem que os vejam como pessoas felizes e brincalhonas.
- XI - Estão sempre interessados em tudo, mas preferem pular de uma coisa para outra a entrar na questão em profundidade.
- XII - Gostariam de que as pessoas fossem menos preocupadas com as coisas.

H - *Self* consciente tipo 8:

Neste grupo, a persona está localizada no Centro Instintivo, o Centro do “fazer”, e utilizam a energia do centro para remodelarem o mundo de acordo com suas próprias conveniências. Provavelmente, estes indivíduos criaram-se num ambiente, onde foram marcados na tenra idade pelo confronto com pessoas e situações arbitrarias e, quando demonstravam medo ou fraqueza, eram punidos ou humilhados, aprendendo então que aqueles que mostram fraqueza não merecem consideração e apenas os fortes e destemidos são dignos de respeito.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar a fraqueza.
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Luxúria.
- III - Não têm a menor dificuldade em expressar as próprias insatisfações com as coisas ou pessoas.
- IV - Não se incomodam muito com a introspecção ou auto-análise.
- V - Consideram-se bons trabalhadores e acham que sabem como fazer as coisas acontecerem.
- VI - Descobrem com facilidade o ponto fraco dos outros e usam isso se forem provocados.
- VII - Consideram a justiça e a injustiça como pontos chaves para eles.
- VIII - Acham que as outras pessoas é que criam seus próprios problemas.
- IX - Costumam proteger as pessoas que estão sob sua autoridade ou jurisdição.
- X - Detestam sentir-se acudados ou ser obrigados a se adaptarem a uma situação.
- XI - Normalmente, consideram-se não-conformistas e não conseguem deixar as coisas como estão.
- XII - Sentem um verdadeiro êxtase no desfrute do poder.

I - *Self* consciente tipo 9:

Os indivíduos que configuram este tipo têm sua persona fixada no Centro Instintivo e apresentam-se desconectados em relação a si mesmos. Foram provavelmente criadas num ambiente emocionalmente neutro, onde os seus atos não eram elogiados e nem criticados, como se seus pais fossem simplesmente não afetivos ou temessem mimá-los. De certa forma, sentiram-se frustrados pela pouca atenção que lhes davam e assumiram como estratégia defensiva uma posição de que nada tinha muita importância.

- I - Compulsão Básica (fuga) - Evitar conflitos.
- II - Fixação Psicológica Básica (paixão) - Preguiça, inércia.
- III - Estão sempre calmos e em paz.
- IV - Necessitam de estímulo interno para manterem-se ativos.
- V - Podem ser árbitros imparciais porque para eles, em geral, um lado é tão bom quanto o outro.
- VI - Orgulham-se de serem pessoas estáveis.
- VII - Não esperam reconhecimento, tão pouco sucesso, poder ou admiração, valorizando mesmo é que todos estejam em harmonia.
- VIII - Em geral não se entusiasma demais com as coisas.
- IX - Consideram-se pessoas extremamente fáceis de se lidar.
- X - Embora reconheçam que as pessoas possuem diferenças, acreditam que a maioria se assemelha.
- XI - Acham que a maior parte das coisas da vida não vale o aborrecimento que acarreta.
- XII - Acreditam que existem poucas coisas no mundo que não possam esperar até amanhã.

Grinberg colocava o Ego como agente receptor, organizador e efator do *self*. Dessa forma, o processo de cura consiste em transcender o nível da Identidade convencional ou superficial, no sentido da Identidade Existencial ou Profunda, trazendo uma dimensão de consciência que torna possível a experiência do “Eu Sou”. Definindo uma condição de holocentrismo no processo de individuação, processo existencial que Nietzsche traduziu em sua obra como a ideia de tornar-se aquilo que se é.

A proposta é a capacidade de integração progressiva do Ego e o *Self*, entrando primeiramente num estágio descrito por Byington como a fase de alteridade. Nessa fase, percebe-se não só a capacidade do Ego de se relacionar ativa e criativamente com o *Self*, mas também com o outro, no nível individual, na amizade e na conjugabilidade, na interação social, no nível coletivo.

A última fase do processo, Jung coloca como aquela em que a personalidade se situa no ponto intermediário, percebendo tanto os desígnios do consciente quanto do inconsciente. Byington denominou essa fase como cósmica, descrevendo-a como a Nirvã do Budismo, onde o Ego transcende seu engajamento com os opostos da fase de alteridade e passa a vivenciar a totalidade, liberto das polaridades, numa consciência da totalidade.

De fato, tal como coloca Edinger, o desenvolvimento psicológico em todas as fases é um processo de redenção; “O objetivo é o redimir pela realização da consciência, o *self* oculto”.

Mapeamento do *Self* consciente na dimensão das partículas quânticas.

Parece, portanto, que a doença, enquanto resultante da projeção de uma percepção distorcida do Ego ou mente objetiva sobre o *Self* quântico ou Eu, traduz a materialização, no nível físico, de toda a mutação ocorrida nesta matriz quântica, que expressa, através da trindade energética das partículas férmions, os três miasmas básicos ou Tridosha. O esquema de fixação, que o Ego escolheu para interpretar sua percepção desvinculada do Universo Participativo que o *Self* quântico representa, configurará uma resposta correspondente ao seu esquema interno de luta ou fuga.

As interpretações do Ego que se percebe separado geram as ilusões e seus apegos decorrentes, que, por sua vez, atraem no processo criativo experiências que confirmam a crença da separação. Dessa forma, o aprisionamento segue gerando mais aprisionamento, pois todo o processo criativo está comprometido nessa informação básica distorcida. O indivíduo, assim, cria para sua vida uma sincronicidade negativa, pois o fator determinante de sua criatividade, seu *self* consciente, sofreu acentuado desvio em relação ao padrão cósmico de auto-organização.

Se analisarmos essa dinâmica em relação à concepção Ayurveda, encontramos que a doença deriva de dois elementos básicos, chamados de fogo (Pitta) e água (Kapha). Como se considera o elemento ar (Vatta) como neutro, as enfermidades são classificadas primordialmente em duas categorias: as doenças quentes e frias.

O indivíduo pode desenvolver sinais e sintomas relacionados só a um dos elementos ou, dependendo da gravidade progressiva do afastamento do sistema de seu ponto de equilíbrio, os modelos de desordem gerados migrarão para associações de dois ou três elementos cósmicos, gerando enfermidades mais complexas.

Quando o elemento ar interage com o elemento água, predispõe a quadros agudos resultando em resfriamento de todo o organismo, podendo chegar a quadros fatais se não cuidados prontamente. No caso da associação do elemento ar com o elemento fogo, ocorrem os quadros infecciosos e inflamações agudas disparando a energia de fogo, de calor, levando a quadros que indicam perigo de vida. Porém, os quadros mais sérios envolvem o desequilíbrio dos três elementos, levando em geral a quadros fatais. Como exemplo, Bhattacharyya descreve algumas patologias relacionando-as aos respectivos grupos:

I- Doenças que pertencem ao grupo P (Pitta) - (Fogo):

Cardite, Conjuntivite, Úlcera duodenal, Epistaxe, Hema-túria, Icterícia, Púrpura, Retinite, Esplenomegalia, Estomatite, Teníase, Amigdalite, Vertigem e outras. Essa classe de doenças pertence ao sistema circulatório, no qual o coração, fígado, baço, rins e sangue estão envolvidos.

II- Doenças do grupo K (Kapha) - (Água):

Bronquite, resfriados, tosses e surdez.

III - Doenças do grupo VP (Vatta-Pitta) - (Ar-Fogo):

Acidose, Anemia, Angina Pectoris, Aneurisma, Hemorragia cerebral, Diarréia, Febre da Dengue, Dismenorréia, Endocardite, Envenenamento alimentar, Bloqueio Cardíaco, Intussuscepção, Febre da Malária, Enxaqueca, Sepsis, Peritonite, Hemorróidas, Septicemia, Trombose, Uremia, Febre Amarela, e doenças associadas. Nesse grupo ocorre um envolvimento do sistema circulatório e, nos casos mais graves, do sistema nervoso, que quando atingido requer extremo cuidado, pois os quadros evoluem para a gravidade num piscar de olhos, requerendo do médico velocidade na neutralização do desequilíbrio.

IV - Doenças do grupo VK (Vatta-Kapha) - (Ar-Água):

Aborto, Asma, Artrite, Beribéri, Broncopneumonia, Varicela, Coréia, Cólica, Diabetes Insípido, Epilepsia, Gonorréia, Gota, Insanidade, Caxumba, Paralisia, Pleurisia, Pneumonia, Poliomielite, Reumatismo, Raquitismo, Candidíase, Coqueluche e doenças associadas. Um grande número de doenças enquadra-se nesse grupo, pela falta dos

elementos ar e água, e determinam uma alteração no sistema mucoso e, em casos graves, no sistema nervoso.

V - Doenças do grupo PK (Pitta-Kapha) - (Fogo-Água):

Neste grupo de doenças os dois elementos fogo e água estão em falta e, quando os dois elementos estão em falta simultaneamente, um número de doenças crônicas manifesta-se, todas de difícil cura. Algumas das doenças que se enquadram nesse desequilíbrio são: Albuminúria, Apendicite, Ascite, Cegueira, Câncer, Abscesso Cerebral, Diabete Melito, Difteria, Hidropisia, Eczema, Elefantíase, Cálculo Biliar, Gangrena, Hanseníase, Leucodermia, Nefrite, Neuroma, Edema, Otorrêa, Psoríase, Cálculo Renal, Tétano, Hidrocele, Erisipela, Fístula, Cólica renal, e doenças associadas.

VI- Doenças do grupo VPK (Vatta-Pitta-Kapha) - (Ar-Fogo-Água):

Neste último grupo de doenças ocorre um desequilíbrio dos três elementos: ar, fogo e água, e, quando se expressa em quadro agudo, geralmente é fatal. As enfermidades incluídas nesse grupo são a Cólera, Febre Cérebro-Espinhal, Convulsões, Peste, Meningite, Tuberculose, Tifo, Febre Tifóide e Aids. A Constipação é uma doença comum, porém considerada uma doença séria, pois os três elementos do corpo estão afetados. Essa é a razão porque os antigos consideravam a Constipação intestinal a avó das Enfermidades, porque indica um desequilíbrio latente que predispõe a outras doenças mais complexas.

Por outro lado, como vimos anteriormente, cada medicamento homeopático estabelece uma medida de atividade capaz de atuar em um ou mais elementos desse padrão, sendo chamados de medicamentos antipsóricos (ar), anti-sifilíticos (fogo) e anti-sicóticos (água), ou ainda medicamentos que contêm, intrinsecamente, ressonância com dois ou três desses miasmas homeopáticos, simultaneamente. Através da escolha de padrões dinâmicos idênticos, entre o medicamento homeopático e o modelo de desordem ou padrão emergente expresso pela doença atual, estabelece-se uma informação adequada e capaz de orientar o biocampo e despertar as forças de defesa e de auto organização.

Na verdade, cada totalidade sintomatológica, observada num determinado momento num paciente, expressa modelos de desordem que, juntos, estabelecem um padrão emergente. No entanto, essa continua sendo uma visão extremante parcial do paciente como um todo, pois se o padrão de auto-organização não for identificado em sua matriz essencial, dentro de uma perspectiva de um padrão de rede, estaremos da mesma maneira promovendo supressão. Existe uma totalidade sintomatológica muito além do que pode ser observado como totalidade de sintomas. O que o médico colhe em sua história clínica muitas vezes não consegue ultrapassar o que consideramos os scripts programados do Ego, e que representam uma conotação onde o nível quântico não é integrado, permanecendo toda a abordagem inserida em camadas superficiais do *self*.

Na forma de atuação da Homeopatia Clássica, repertoriza-se o quadro atual e encontra-se um medicamento homeopático compatível com o padrão emergente. Trata-se então o paciente e, um tempo após sua melhora, eis que surgem outros modelos de desordem que vão se superpondo numa espiral sem fim. Todos os Homeopatas Unicistas conhecem bem este processo expresso por esses padrões de ordem estratificada.

Ocorre que a matriz quântica é imperativa no seu processo criativo inesgotável e, portanto, deve ser realinhada a partir de seus princípios de interação, visando, em última instância, às inteirezas relacionais. Devemos ser curados primeiramente no nível do *self* quântico, para que o equilíbrio possa ser estendido, no nível do *Self* consciente, na dimensão psíquica e na dimensão de suas partículas férmions, geradores de matéria. A cura deve partir essencialmente da consciência, das partículas bósons, geradoras de consciência, na expressão mais profunda da elaboração ao nível do Eu.

Isso sugere que o quadro completo de um paciente está inserido naquilo que ele diz e fundamentalmente naquilo que ele não diz, o que na maioria das vezes, inclusive, desconhece. E é exatamente medicando o que ele desconhece em si mesmo que se abre a grande possibilidade para o auto-conhecimento, como manifestação da individuação.

Verdadeiramente, o que mais constatamos nessa nova dinâmica de cura é que o indivíduo só se dá conta de sua totalidade, expressa em modalidades psíquicas e físicas, no momento em que se cura e passa a ter a possibilidade de uma auto-referência.

Se um paciente expressa, numa determinada fase de sua história clínica, um quadro de cardite, é bem possível que esporadicamente tenha uma gastrite, ou em outras épocas uma tendinite recorrente, e quem sabe algumas depressões seguidas de enxaqueca. Assim, os modelos de desordem sucedem-se em padrões que se interconectam, indicando que apenas uma ressonância de todos os elementos interativos de cura consegue elaborar a equação simultânea de todo o sistema, em todos os tempos e dimensões.

Dessa forma, através dos Fatores de auto-organização, a matriz quântica é elaborada a partir de todos os modelos de desordem expoentes para cada centro consensual de consciência, elaborando a cura na fonte de origem, geradora de todos os modelos de desordem possíveis e padrões emergentes respectivos.

Um retrato da dinâmica dos Tridosha dá subsídios ao médico para avaliar que centros consensuais estão envolvidos no processo da doença em questão, ou ainda ter a exata noção do prognóstico e da gravidade de cada paciente examinado.

No momento em que o processo de auto-organização é posto em marcha, as Leis de Cura Universais começam seu trabalho de reintegração sistêmica, iniciam o processo de reconstrução no nível atômico, celular, orgânico, psicossomático, social, espiritual, atingindo a todas as esferas de atuação existencial.

Todos os aspectos físicos, psicológicos e sociais interagem com os padrões internos, desvelando significados e potenciais, tornando a saúde um fenômeno multidimensional, de vastas proporções e implicações, e trazendo ao indivíduo o sentido de busca da síntese, da integração e da discriminação de Si-mesmo.

CAPÍTULO 10

O SALTO QUÂNTICO: UMA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL

Para viver no mundo é preciso fundá-lo.
Mas para fundá-lo é necessário, primeiro,
estabelecer o seu centro.

MIRCEA ELIADE

Hoje se integra como consenso na Psicologia e na Física a questão das bolsas de consciência, que funcionam como seres dentro do nosso ser. A física Danah Zohar descreve que esse processo é estabelecido a partir de memórias traumáticas do passado, ou situações não elaboradas que formam subunidades dentro do indivíduo, e passam a influenciar suas prioridades existenciais.

Esse conceito foi abordado através da concepção das Almas ou Enteléquias de Aristóteles. Posteriormente foi levantado por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), com a idéia de harmonia preestabelecida, que focalizava as bolsas ou ilhas de consciência como mônadas ou enteléquias. Segundo ele, interferiam não uma no conteúdo da outra, porque não se conheciam entre si, o que implicava uma espécie de acordo mútuo. Ele concebia cada mônada como um “pequeno mundo”, como “um espelho indivisível ativo”.

É intrigante constatar que essas bolsas de consciência, na realidade, correspondem a modelos de desordem ou padrões definidos, elaborados pelo *self* consciente como couraça de defesa contra a angústia existencial sentida frente à sua fantasia de separatividade. O *Self* consciente se interpreta separado e, partindo de seu potencial criativo junto ao *self* quântico, utiliza-se de sua vontade para criar uma couraça de proteção, o que vem posteriormente estabelecer o seu próprio aprisionamento. Esses modelos de desordem configuram-se como padrões específicos e apresentam-se como verdadeiras entidades, com plenos direitos, e que passam a constelar o ser em sua totalidade.

Danah Zohar postula uma equivalência entre o ser e os sistemas de partículas, no sentido de representarem totalidades dentro de totalidades, ou indivíduos dentro de indivíduos. Traça um paralelo entre a dualidade onda-partícula e o que ocorre no nível da consciência, no sentido de que, se os sistemas de partículas revelam em todos os instantes as propriedades tanto de ondas como de partículas, no instante do colapso de onda, o aspecto partícula deflagra uma capacidade de manifestar-se, mesmo que de forma breve e imprecisa. Não obstante, os diversos modelos de desordem ou “subseres” ondulam e sobrepõem-se, às vezes mais, às vezes menos (cada um com a sua função de onda quântica). E quando ocorre a sobreposição de ondas em determinado momento, estabelece-se um padrão que é responsável pelo sentido de “eu” naquele momento.

Em alguma medida, esses modelos de desordem interpõem-se tanto como propriedades de ondas como de partículas e, como ondas, ganham a capacidade de se relacionar com outros “indivíduos” pela sobreposição parcial de suas funções de onda.

De fato, os psicoterapeutas são familiarizados com a dinâmica interna do ser, e suas técnicas de atuação, freqüentemente, são direcionadas para trazerem as

subidentidades para o fluxo central da consciência. Observamos na prática que, se ocorre uma situação específica na vida de uma pessoa, isso pode, num determinado momento, deflagrar um modelo de desordem. Em outras palavras, esse modelo emergente traduz conteúdos representativos de dores da infância, de indignação, de ira, e de toda sorte de impressões, que podem configurar um padrão característico na pessoa, desviando-a, de repente, para uma ilha de consciência que lhe era familiar há vinte anos.

Homeopaticamente falando, cada modelo de desordem corresponde a uma dinâmica miasmática específica, configurando todo um padrão equivalente a um medicamento homeopático determinado. Por essas razões, uma paciente, numa determinada fase da vida, pode apresentar um padrão emergente, cujo modelo de desordem é compatível com o esperado para o medicamento Lachesis, o que denota que ela está aprisionada numa bolsa de consciência cujo padrão é semelhante a toda a sintomatologia física e mental compatível com Lachesis.

O padrão de Lachesis é apenas uma das inúmeras possibilidades que escolheu como interpretação da fantasia de separatividade. Pode ocorrer, no entanto, que essa mulher engravide, ou perca um companheiro de forma trágica, ou qualquer outro choque e, então, passe a tornar emergente um novo padrão, agora compatível com Pulsatilla. E, quem sabe, dois anos depois, surja outro fator determinante que venha apontar agora para Silícea, e assim por diante. Além disso, constata-se que, além do padrão mais emergente, existem outros padrões antigos que podem ser detonados a partir de algum estímulo ou situação que, por ressonância, venha provocar a manifestação da bolsa de consciência compatível com aquele estímulo específico. As bolsas de consciência correspondem a padrões evocados, estando sempre relacionadas a um sinal bem específico, como um gatilho, que, quando acionado, deflagra a manifestação do padrão que lhe é inerente.

Na verdade, no sistema quântico, todas as probabilidades são passíveis de ocorrer, portanto, constata-se que a mulher do exemplo acima não traduz uma representação verdadeira de nenhum desses padrões, porque, em essência, ela representa uma totalidade expressa e não expressa.

Os indivíduos freqüentemente queixam-se desse aprisionamento. Sentem-se como se estivessem contidos dentro de uma bolha, da qual não podem se liberar. Repetem os mesmos padrões distorcidos e muitas vezes dolorosos, sem no entanto obterem uma condição real para o rompimento do círculo doentio. Na linguagem popular, freqüentemente um amigo, quando encontra o outro nessa condição, usa a expressão “sai dessa fulano”, ou “sai dessa pra outra”. Expressa, na realidade, um chamado para que o outro saia da bolha ou da panela quente, tentando informá-lo ou conscientizá-lo da condição visível do seu aprisionamento.

Se a base física da consciência é um sistema mecânico-quântico no cérebro (nosso condensado de Bose-Einstein), torna-se evidente que haja paralelos entre a natureza composta dos sistemas de partículas e a natureza de nossos processos psíquicos. Evidencia-se que os padrões ou modelos de desordem perpetuam sua identidade, através de uma fusão, no nível dos condensados de Bose-Einstein, fragmentando a energia inerente à consciência, dividida para nutrir as várias consciências fragmentadas no interior dessas bolsas ou bolhas.

Entretanto, quando se conjuga a informação no sentido de uma auto-organização, associada a um aporte de uma grande quantidade de energia para o sistema quântico, ocorre que todas as propriedades e todas as suas informações se sobrepõem completamente, e esse tipo de unidade só é possível nos condensados de Bose-Einstein.

Danah Zohar explica que é exatamente nesses condensados que a individualidade se dissolve, havendo fusão de todos aqueles pedacinhos anteriormente individualizados.

Essas bolhas, agora sobrepostas, tornaram-se indeterminadas na sua localização espacial, como se cada uma delas se espalhasse por todo o conjunto. Com isso, os padrões de memória distorcidos e repetitivos do passado recebem nova informação no sentido da auto-organização, permitindo o salto da consciência para o nível inviolado e efetivando a possibilidade de uma opção com percepção consciente.

Os modelos de desordem, como vimos anteriormente, são gerados pelo apego, que gera o medo e o stress, incorporando um padrão específico. Logo, os subseres são criações distorcidas do próprio *Self* consciente e, portanto, utilizarão a energia de seu “criador”, estabelecendo a condição de menos energia no sistema e, dessa maneira, tornam a unidade de consciência menos evidente.

Por fim, o “Eu”, que representa a possibilidade da consciência unitiva, perde padrão de consciência, através dos roubos contínuos de energia, por intermédio dessas entidades ou bolsas de consciência. Isso resulta em perda de coerência interna pelo “Eu” que, progressivamente, perde o brilho de seu carisma e potencial criativo. É o que acontece com as pessoas doentes, com pouca energia mental, muitas vezes embotadas ou entorpecidas.

Pertinente é inserir, nesse contexto, o sentido de busca de um centro, a idéia de tornar-se aquilo que se é, estando intimamente ligado ao sentido de que existe um modo natural e característico de existir. Malvina Muszkat descreve este modo de ser inerente ao humano, como algo que é expresso através da carência original, impulsionando o ser a uma busca constante da sua própria natureza essencial. É uma condição ontológica, que Jung define como arquetípica, e que impulsiona o homem a cumprir seu movimento no sentido da auto-realização.

Dentro desse pensamento, visualizamos o salto quântico como a perspectiva de um holocentrismo e que, através do processo homeopático dos fatores de auto-organização, aporta grande quantidade de energia para dentro do sistema quântico do cérebro, surgindo a vibração correlata de moléculas na membrana da célula nervosa e um condensado de Bose-Einstein coerente. Ocorre a unidade de consciência, o que resulta em uma vivência interna de integração. Surge, então, uma resposta intrínseca de totalidade. A consciência experimenta uma condição natural de auto-análise, que a capacita a dizer não aos reflexos condicionados, relacionados aos padrões habituais, agora conscientizados.

Essa energia, agora liberta dos padrões distorcidos, encontra-se disponível para a criatividade como um modo não local de cognição. A partir da ruptura da bolha, o indivíduo salta para fora do sistema e passa para o nível inviolado, onde obtém uma nova compreensão e a condição necessária para uma opção consciente.

De acordo com a Física, o salto quântico precisa ser alimentado por um grande volume de energia no ambiente do elétron e, tal como acontece com o elétron em sua órbita atômica, onde salta de uma elipse para uma outra mais ampla, no nível da psique experimentamos o mesmo. Ocorre na realidade uma desidentificação de uma estrutura inferior para uma superior. E as estruturas superiores conferem uma dimensão cada vez mais organizada e unificada.

Diante de um salto quântico, encontramos-nos de repente frente a novas situações. Os amigos são reciclados, muda-se muitas vezes de trabalho e o local de moradia para padrões que refletem abertura e amplitude. Os relacionamentos passam a trazer novos conteúdos, como se a mesma pessoa se encontrasse de repente em outro mundo e, efetivamente, encontra-se. Lembramos aqui a relação dos mundos que a Tradição Chinesa definia em termos dos centros consensuais da consciência. A pessoa

motivada por um determinado chakra interpretará o mundo a partir do que consegue perceber e, quando vivencia uma experiência de pico, tem a percepção clara de que mudou de mundo, conhecendo uma outra realidade.

A descontinuidade e a não localidade são fatores determinantes para o salto quântico e espelham a dimensão quântica do cérebro-mente. A dimensão do *Self* quântico, como vimos anteriormente, representa um biocampo que contém toda a matriz criativa, onde os elétrons se encontram em potencia, um estado que guarda em si infinitas possibilidades criativas. Logo, a liberação de energia nesse nível implica potencial criativo e a possibilidade de acessar um novo contexto através da liberdade de escolha.

O *self* quântico ou Eu encontra-se em uma dimensão fora do espaço-tempo e determina a condição para o salto. Compreende-se, então, que é exatamente neste nível que se processará a informação que promoverá o colapso de ondas de elétrons, efetivando o objetivo de nossas escolhas. Em seguida ao colapso de ondas, o imanente torna-se manifesto na dimensão tempo-espaço, trazendo, para o nosso universo consciente, o resultado de nossas opções. A Física Quântica admite que o reconhecimento da opção define o nosso *self* e, dentro dessa teoria, postula-se que “o sujeito que escolhe é um sujeito único, universal, e não o nosso Ego”.

Em condições normais, o sujeito não salta para fora dos velhos padrões, pois se encontra apegado a alguma representação interna e envolvido pela Maya da separatividade. Seus padrões de memória, por ressonância mórfica com o passado mais recente, foram bloqueados em relação à informação dos padrões de auto-organização naturais, e o indivíduo percebe-se paralisado em seu potencial criativo.

Os nossos melhores momentos na vida, as nossas experiências de pico são exatamente os momentos da ruptura dos velhos padrões e do salto. Acontecem quando os esforços conscientes criam uma ressonância capaz de determinar o movimento e de nos colocar em contato com a sensação de novamente pertencermos ao Universo, de estarmos novamente reintegrados. Daí a necessidade de um trabalho meditativo, das abordagens holísticas, de uma terapêutica transpessoal no sentido de integrar o conteúdo de nossas vivências. Abrir possibilidades de contatos conscientes com o nível inviolado e ampliar, através dessa dimensão, a nossa percepção criativa.

Uma vez que o momento do salto determine a elaboração do conteúdo daquela bolha ou modelo de desordem, será necessário um tempo e um espaço interno, para que o padrão liberado possa ser devidamente equacionado pela consciência. Estabelece-se a condição do conhecer-se a si mesmo que, num primeiro instante, é doloroso, pois evidencia claramente bloqueios, velhos defeitos e pendências internas que a consciência então trata de elucidar.

A libertação consciente de uma bolha não significa que ocorrerá inicialmente um banquete interno em clima de festa, mas sim uma tocante conscientização, encarando de frente os medos que criaram a respectiva couraça. Para muitos, isso oferece de imediato um grande alívio. Outras vezes, no início do tratamento, o paciente refere que se encontra introspectivo e silencioso, como se mergulhasse numa profunda consciência de si mesmo. É como se interrogasse a si próprio todo o tempo, sobre o porquê de nunca haver enxergado aquele contexto antes. Percebe essa realidade ao rever atitudes e posicionamentos frente aos seus propósitos e ideais, há muito prometidos a si mesmo e, freqüentemente, não cumpridos. Entretanto, o processo de auto-organização garante que cada bolha de consciência só será processada quando a psique estiver estruturada interiormente para incorporar, com adequação, a elaboração de todo o conteúdo existencial.

A contínua atuação dos fatores de auto-organização favorecem em si a condição de seguir informando ao sistema, no sentido de prevenir o apego e o deslumbramento, que representam nosso grande problema. O perigo encontra-se quando, na realização do próximo sonho criativo, o *self* consciente deslumbra-se, não querendo mais perder aquilo que encontrou e, então, fatalmente, reinicia o velho esquema dos apegos. No entanto, desta vez, orientado pelos fatores de auto-organização, o *Self* experimentará saltos quânticos, seqüências, efetivando mudanças tão rápidas que, mesmo que tente, não conseguirá mais se apegar às paredes de seu mundo interno, pois as paredes se movem. Tudo caminha interiormente como num grande rio de vida, que a cada instante se renova, sem permitir espaço para estagnação.

A sincronicidade positiva que essa dimensão aporta gera, no nível do *self* consciente, o sentido esquecido da confiança básica no *self* quântico, infinito e dadivoso que, de forma amorosa, realiza todos os nossos propósitos, tornando evidente no mundo manifesto as nossas percepções.

O sujeito passa a compreender o sentido de optar verdadeiramente, quando se percebe dizendo não às respostas condicionadas e sentindo-se capaz de mudar o comportamento destrutivo habitual. Dá-se conta também de sua inteira responsabilidade em relação ao que experimenta na vida, pois compreende que todas as vivências foram e são frutos de suas escolhas, ou das escolhas que deixou que outros fizessem por ele.

Mais à frente no seu processo de individuação, perceberá naturalmente que também tem uma responsabilidade no âmbito coletivo, social e ecológico em relação ao que experimenta. E esta dimensão de consciência planetária será a única possibilidade real do resgate ecológico para o nosso ecossistema. Como se pode esperar essa consciência coletiva em relação a um sistema macro, se as pessoas se encontram, em sua maioria, em padrões de consciência que não percebem o microcosmo de si mesmas?

Se os seres humanos não derem um *insight* quântico em relação à sua responsabilidade frente ao drama ecológico, que presenciamos em nossos dias, seguirão no processo destrutivo, como crianças achando que, na realidade, tudo não passa de uma grande brincadeira. E se a Medicina não assumir o seu papel no resgate da consciência humana, efetivamente poderemos chegar a danos irreversíveis.

Lembro-me, certa vez, do relato de um paciente muito querido, um senhor de 63 anos, após vivenciar o início do tratamento homeopático: “Doutora, algo muito especial aconteceu comigo. Imagine que há 30 anos saio de casa à mesma hora pela manhã para comprar o pão para a família. E outro dia descobri que poderia vir pela praia e ver o mar. Dei a volta no quarteirão com o pão debaixo do braço e fiquei estupefocado ao ver aquela praia tão linda e aquela gente alegre passeando, banhando-se no mar azul enquanto outros jogavam vôlei. Me vi ali perplexo, com meu pão debaixo do braço me perguntando onde eu estive esses trinta anos, que me privei de andar mais um quarteirão e passear pela beira daquela praia. Me perguntava atônito, porque nunca havia me dado a chance de sentir o sabor desta felicidade. Sentia uma felicidade tão grande que me parecia estar no céu. Onde eu estivera durante esses trinta anos?”

Esse é um testemunho de vida, que reflete claramente a condição de liberação do Eu de uma bolha de consciência. Evidencia o reencontro do indivíduo com o óbvio, com o simples, com a dimensão que desde sempre estava ali e não se podia experimentar e alcançar. A pessoa, no seu processo doentio, torna-se efetivamente prisioneira de uma dimensão, não só na demarcação de seus sentimentos, suas emoções, suas percepções e interpretações, mas também na dimensão do que consegue experimentar na vida de prazer e de dádivas. Está Tudo onde sempre esteve, por toda a parte e por todos os lugares e a dimensão em que nos encontrarmos nos trará, por ressonância, apenas as dádivas que conseguimos perceber nesse mesmo Universo.

Um exemplo transparente dessa questão das dádivas é colocado por Heidegger: “a realidade se doa, se desvela para nós deliberadamente. E ficamos apavorados com esta doação. É este o ponto principal: o mundo se dá a nós. Ele se dá livremente a nós; basta que o permitamos, e ele nos inunda de dádivas”.

À medida que os saltos se sucedem, o *self* consciente, na realidade, rende-se ao feminino que pertence ao Universo Participativo, Uno e Interativo. Esse é o sentido da redenção.

Render-se, na realidade, ao feminino de si mesmo, a essa modalidade quântica que todo o tempo é potencia de dádivas infinitas. A proposta é a opção permanente pela consciência Unitiva, pela integração entre o *self* quântico e o *self* consciente e não tão somente a negação do Ego como muitos pregam.

Analisando as leis das correspondências, lembra-se o pião cuja vibração aumenta sem fim até mergulhar no Todo, dinâmica que nos remete a meditarmos sobre a nossa transmutação interior. As mudanças de padrão em direção à cura derivam essencialmente de um aumento progressivo da vibração no nível da consciência, e este enfoque holístico assusta muitas vezes o *Self* consciente diante do desconhecido conhecido que nos habita, diante da perspectiva de ter seus nós dissolvidos.

Transcender o destino pequeno implica ter de saltar, e cada passo ao longo desse caminho indica que esta é uma senda segura e que todos os movimentos de auto-organização, certamente, constelam na direção de uma confiança básica no processo cognitivo da vida.

Nosso primeiro estágio no processo é integrar, na dimensão do encontro e do compartilhar interno e externo. É compreendermos que, sem a conscientização da dimensão criativa que o Eu ou *Self* quântico nos aporta, nosso *self* separado não tem livre arbítrio nem para escolher o caminho criativo para comprar o pão nosso de cada dia. Seguimos apenas condicionamentos repetitivos e neuróticos, que transformam nossas vidas em espetáculos de horror a que assistimos em nossa sociedade.

Viver o novo é a intenção primária, constatando a cada passo que a indiferenciação e a normose só podem ser rompidas a partir do holocentramento. Encontrar o centro significa integrar todos os elos, fechar o grande quebra cabeça que é a história de cada um em relação ao Todo. Cada um tem seu romance, seu Universo de interpretações em relação à Grande Vida imanente, que permeia todas as coisas e todos os tempos.

A compreensão de saltar para fora de todos os apegos implica reverter a ressonância mórfica, que, no sujeito estagnado, copia padrões passados que aprisionam, e direcioná-la rumo ao futuro, onde, na linha do tempo, é capaz de nos brindar com *insights* criativos, que espelham as melhores criações do Grande Mistério para nós.

O desafio do nosso tempo é acessarmos, por ressonância, momentos da eternidade e trazermos para o contexto do nosso tempo e de nossas vidas as idéias de um tempo que já existe em alguma dimensão de nós mesmos, perfeitamente organizado na dimensão do Eu Sou. Assim são realizadas as grandes descobertas da humanidade em todos os tempos, quando uma mente simplesmente acessa uma informação futura através do processo de ressonância mórfica e reporta-a ao aqui e agora.

Partindo do axioma Hermético que estabelece o Universo como mental e inerente à mente d'O Todo, significa dizer que nossa matriz criativa está contida na Grande Matriz criativa do Todo, numa rede de conexões por todos os reinos e dimensões da criação. Existe uma grande parcela de entrelaçamentos e tudo verdadeiramente já está desde sempre criado na grande teia da vida. Na grande matriz Cósmica, todo o Universo de escolhas possíveis está previamente assinalado como

probabilidades. Temos, através de nosso *self* quântico, acesso direto a essa matriz, e podemos, dessa forma, processar nossas escolhas conscientes.

No processo doentio, o *self* consciente, em seu processo de estagnação, aciona essa matriz e cria, através do apego, novos modelos doentios, estabelecendo experiências sem nenhum significado criativo, estando impedido de acessar as escolhas subliminares que tem por direito escolher.

Os Hermetistas explicam ainda que, através da desestruturação interna do *self* consciente, outras pessoas ou o inconsciente coletivo podem acessar essa matriz ou biocampo criativo e influenciar os resultados das experiências previstas pelo indivíduo. É o que ocorre, muitas vezes, com o sistema de propaganda. Leva-nos a consumir produtos que, na realidade, não gostaríamos de experimentar. Ou ainda leva as massas a assumir posturas de comportamentos coletivos dogmatizados, em razão do acesso subliminar a essa dimensão de cada um.

No processo doentio, perdemos a percepção da cosmovisão, que nos possibilita acessar o que o Grande Mistério, em dimensão absoluta de amor, colocou disponível como miríades de possibilidades para nossas existências. Não nos damos o privilégio de experimentar as Suas escolhas para nossas vidas. Qual seria neste momento a melhor escolha do Grande Mistério para cada um de nós? O que poderíamos estar experimentando? Este é um espaço a ser aberto em nossas percepções internas. O respeito parece ser uma equação representativa nas leis naturais, pois o universo só permite a si mesmo nos envolver com suas dádivas, a partir de nossa permissão interna, nosso bilhete de acesso para o grande espetáculo da vida.

A verdadeira perspectiva e sentido para o Salto de consciência de cada um, visa, na dinâmica sistêmica, à condição fundamental para um salto quântico coletivo, a fim de vivenciarmos uma sociedade quântica. Sempre conto aos meus pacientes a história sobre o sentido da vida, explicada pelo experimento científico dos macacos numa ilha do Pacífico.

Conta-se que um grupo de cientistas, acompanhando através de filmagens o comportamento de uma determinada espécie de macacos numa ilha do Pacífico, percebeu, um dia, que um macaco jovem certa vez descobriu que se lavasse as raízes na água do mar, as batatas ficavam limpas e salgadas, tornando-se mais saborosas. Tentou repassar o novo padrão de comportamento para os outros macacos e foi escorraçado pelos macacos velhos que rejeitaram a idéia de saída. O macaco inicialmente ficou chateado, mas, depois de um tempo, resolveu repassar a nova informação para os macacos jovens e filhotes, que rapidamente foram incorporando o novo padrão. Segue que, quando um número x de macacos incorporou o novo paradigma, neste exato momento, todos os macacos desta espécie, em todas as ilhas distantes e em todos os continentes, passaram a ter exatamente esse padrão de comportamento.

O fenômeno é explicado por Rupert Sheldrake como ressonância mórfica. Expressa claramente a única chance que a espécie humana tem de dar um salto quântico coletivo, a partir de uma massa crítica, isto é, a partir de um número mínimo de homens e mulheres conscientes, capazes de acionar essa ressonância e resgatar os demais para níveis mais coerentes de consciência.

A única hierarquia na teia da vida é a consciência de que os que são mais conscientes têm uma responsabilidade especial pelos que estão menos conscientes. Esse conceito parece definir a única hierarquia representativa para o Universo. Dessa forma, o desânimo não é justificável diante do caos. Por mais que ao redor tudo pareça não ter mais saída, deve-se ter em conta que, de repente, podemos ser, qualquer um de nós, a última pessoa necessária para completar a massa crítica, que abrirá diante de nós o grande salto quântico coletivo e social.

A grande sintonia interna alcança-se através da confiança no processo cognitivo da vida, que é auto-organizador em sua essência, auto-criador em seu propósito, e que, só através da nossa permissão consciente, pode tornar manifestas todas as equações do Universo.

“Sabei - dizia um mestre alquimista - sabei todos vós, os investigadores dessa Arte, que o Espírito é tudo, e que se nesse Espírito não está encerrado outro Espírito semelhante, esse tudo para nada serve.”

A SINCRONICIDADE COMO SENTIDO DE CURA

O Tao não opera,
E, no entanto, todas as coisas são feitas por ele.
Ele é impassível,
E, no entanto, sabe planejar.
A rede do céu é tão grande, tão grande,
De grandes malhas, mas não deixa escapar nada.

LAO-TSÉ

A Teoria das Correspondências, baseada nos mesmos princípios do Tao, estabelecia como princípio que toda a causa tem seu efeito, que todas as coisas acontecem obedecendo a essa relação e que existem muitos planos de causalidade. Destacava que nada, na teia da vida, escapa a esse princípio. Essa antiga teoria baseava-se na experiência de conexões recíprocas entre os acontecimentos paralelos, partindo de um significado comum, de uma causa prima, proveniente do mundo da ordem implícita.

No mundo atual, quando a ciência provou a subordinação do homem à natureza e sua extrema dependência em relação às causas mecânicas, eliminou a idéia de uma correlação entre os acontecimentos e o seu significado (agora tomado exclusivamente em sentido humano), deportando esse sentido para uma dimensão tão longínqua, que se tornou inacessível à razão humana.

A Teoria Mecanicista, dessa maneira, aprisionou a idéia de causalidade à dimensão de tempo e espaço, ao mundo manifesto, já que para ser considerada como verdadeira, necessitaria ser comprovada estatisticamente, e estar rigidamente inserida na esfera das probabilidades. Esse pensamento encarcerou a visão da causalidade na esfera do determinismo, levando-se em conta apenas as causas mecânicas das equações existenciais. O conhecimento Hermético, no entanto, assumia um referencial de causalidade nos dois planos da existência, o que demonstrava claramente a realidade emergindo de vários e contínuos planos de causalidade.

O paradoxo é que, ao mesmo tempo em que a causalidade, numa visão mecânica, nos focaliza um determinismo como resultante, por outro lado, através de um padrão de auto-organização na dimensão implícita, a causalidade nos impulsiona para as resoluções criativas. Os Alquimistas descreviam muito acerca dos paradoxos quando analisavam a relação entre as duas dimensões da existência, pois o mesmo fator que aprisiona no nível material, é passível de libertar na dimensão quântica.

Redimensionando esta perspectiva de causa e finalidade na dimensão quântica, o físico Von Neumann descreve que o estado do sistema quântico passa por uma mudança, exibindo duas condições distintas. A primeira é uma mudança contínua. O estado espalha-se como uma onda. Torna-se uma superposição coerente de todos os estados permitidos pela situação e define o estado de potencia, que contém em si mesmo uma potencialidade de miríades de possíveis padrões, denominado por Heisenberg de tendências. De repente, ocorre a medição, isto é, a observação consciente que gerará o colapso de onda, manifestando apenas uma das opções do conjunto, como um processo de seleção.

Numerosos físicos consideram esse processo de escolha aleatório como um ato determinado exclusivamente pelo acaso, o que deu origem ao protesto de Einstein de que Deus não joga dados. Na verdade, encontramos que essa perspectiva de possível abertura para o acaso gerou, no inconsciente

coletivo da humanidade, uma distorção sem proporções. Hoje grande parte dos seres humanos atua como se seus atos não fossem ter conseqüências, e isso é especialmente grave.

Nota-se ainda que essa perspectiva inconsciente para o acaso gerou fragmentação interna e alienação, pois os indivíduos de repente se sentiram desvinculados das leis naturais e, conseqüentemente, isentos de qualquer responsabilidade no processo cognitivo da vida. Ocorreu uma ruptura, no nível inconsciente, em relação às interconexões da grande teia da vida, com conseqüente perda do sentido, do propósito da existência e da consciência participativa, essencial para o desenvolvimento psíquico, ético e espiritual das criaturas.

Mas, segundo o físico Amit Goswami, se Deus não joga dados, quem ou o que escolhe o resultado de uma medição quântica? Dentro de uma interpretação idealista, essa escolha é feita pela consciência unitiva não-local, cuja interferência produz o colapso de nuvem de probabilidades no sistema quântico. Amit aborda neste ponto, de acordo com a complementaridade, o paradoxo de que, observando-se o mundo manifesto, o processo de seleção implicado no colapso de onda parece ser aleatório, enquanto que, no reino transcendente, ele é visto como uma escolha.

Constata-se aí o âmago da questão. Poderíamos conceber a consciência unitiva não-local dissociada de uma cadeia causal? Se a condição de padrão de consciência depende fundamentalmente de uma auto-organização intrínseca, contínua e progressiva para que possa se sustentar a si mesma, como poderia estar desvinculada de uma cadeia de causas? As evidências sugerem que, quanto mais centrado o ser, maior o potencial de consciência unitiva, o que resultará num maior acesso a um padrão de causas de proporções holísticas e universais que, em última instância, inspiram pura criatividade.

Na Psicologia, Jung, a fim de combinar o princípio da causalidade com o da finalidade, abriu um espaço criativo que resgatou a possibilidade de ruptura de um sistema de repetição incessante de temas instintivos, para um processo contínuo e criador, advindo de uma dimensão arquetípica situada além do tempo e do espaço. Postulou que todo o impulso ou manifestação psíquica contém, em si, uma intencionalidade, entretanto que essa manifestação não poderia ser definida como causa, pois não poderia ser enquadrada dentro de eventos probabilísticos.

Jung explicava o fenômeno psíquico partindo de um duplo ponto de vista, isto é, causalista e finalista, o que permitia entender o sentido do ser como algo enraizado na experiência da própria existência. Entretanto, coloca o eixo causa e efeito como apenas estatisticamente válido, e só relativamente verdadeiro, afirmando que o princípio da causalidade, em última análise, só pode ser utilizado de maneira relativa para explicar os processos naturais e, por conseguinte, pressupõe a existência de um ou mais fatores necessários a essa explicação. Isso seria o mesmo que dizer que a ligação entre os acontecimentos, em determinadas circunstâncias, poderia ser de natureza diferente da ligação causal, exigindo outro princípio de explicação.

Acompanhando o raciocínio de Jung, descortina-se uma incoerência quando, partindo do experimento de Rhine, afirma que o estado de ânimo dos experimentadores do processo altera o resultado obtido em termos das coincidências significativas, assim como a importância da intencionalidade e da atenção para que ocorram esses eventos síncronos, sem, no entanto, considerar esses fatores como causais. Se entendermos que para haver sincronicidade é necessária a intenção, a atenção e um estado emocional positivo nos experimentadores em questão, perguntamo-nos como a sincronicidade poderia estar desvinculada de um conceito causal?

Sincronicidade foi então definida por Jung como aparição simultânea de dois ou mais acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal definida. Escolheu esse termo para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade. Estabeleceu assim que, por falta de uma causa demonstrável, caímos na tentação de postular uma causa transcendental, sendo essa causa uma entidade não passível de ser demonstrada. Além disso, afirma que a coincidência significativa, de dois ou mais acontecimentos, trata-se de algo mais que uma probabilidade de acasos, e que devem ser vistas como simples arranjos que têm sentido.

Jung afirmou, em um interessante *insight*, que no dia em que se provasse que as coincidências podem ultrapassar os limites das probabilidades, seria preciso admitir então que os acontecimentos

estivessem relacionados uns com os outros por um lado, como cadeias causais, e, por outro lado, também por uma espécie de conexão cruzada significativa, pensamento que hoje se encontra nas premissas do pensamento sistêmico.

Apoiado em sua genialidade, escreve Jung como adendo da página 66 de seu livro *Sincronicidade*: “Aqui devo acentuar mais uma vez a possibilidade de a relação entre corpo e alma ser entendida como uma relação de sincronicidade. Se esta simples conjectura um dia se confirmar, minha atual opinião de que a sincronicidade é um fenômeno relativamente raro será corrigida”.

Tornar a causa primária, proveniente do mundo implícito, demonstrável dentro de conceitos probabilísticos resulta na questão básica para a definição deste paradigma. Esse conceito exige um mecanismo de atuação no universo quântico, de forma a trazer dados que demonstrem uma coincidência significativa, perfeitamente demonstrável estatisticamente.

Os fatores homeopáticos de auto-organização dão origem ao condensado de Bose-Einstein do tipo sistema de Fröhlich, que é o grau extremo de relacionamento exigido para que se tenha a unidade de consciência, representando a forma mais ordenada de interação no mundo. Constata-se, então, um novo padrão de consciência que, através do condensado B-E, surge na matriz criadora do *Self* quântico, definida por Jung como o universo das causas transcendentais.

A unidade de consciência proporciona por si só um movimento no sentido de uma auto-organização sistêmica, pois, como afirma Fritjof Capra, o “Universo organiza a si mesmo e é também auto-criador.” A sincronicidade deve então ser vista como coincidências significativas, fruto de um processo criativo no nível do *Self* Quântico, cujo único significado e sentido é a auto-organização.

Constata-se, através desse processo de cura homeopático, que essas coincidências significativas ultrapassam os limites das probabilidades. E podem ser observadas e atestadas por todos os indivíduos que experimentam o processo. Dessa forma, tal como proposto por Jung, obriga-nos a admitir o que foi postulado pelo conhecimento Hermético, sobre as cadeias causais e das conexões cruzadas significativas.

Em vista dessas constatações, somos chamados a considerar o Princípio da Correspondência, não mais negando seu fundamento, tal como ocorreu no mecanicismo, mas ampliando a visão dentro de uma perspectiva quântica do pensamento sistêmico.

Essas comprovações reforçam a idéia de que faz sentido uma investigação científica profunda em todo o conhecimento deixado pelos Alquimistas, já que seus postulados se confirmam em nossos experimentos, exigindo-nos um pensamento verdadeiramente holístico de abertura em relação a essa sabedoria milenar. Mesmo Jung era consciente de que, se as cadeias de causas fossem confirmadas experimentalmente, implicaria, em última análise, que a relação entre corpo e alma (mundo explícito e implícito) seria entendida como uma relação de sincronicidade.

Cabe aqui considerar o que Jung colocou, posteriormente, em uma brilhante observação: “Uma vez que psique e matéria estão contidos em um único e mesmo mundo, e além disso estão em contato recíproco contínuo, e em última análise, repousam em fatores irrepresentáveis, transcendentais, não só é possível, mas até altamente provável, que psique e matéria sejam dois aspectos diferentes da única e mesma coisa”.

Para um julgamento mais detalhado da Teoria das Correspondências, um dos aspectos mais atraentes é encontrado na idéia da harmonia preestabelecida, definida por Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), que defendia a condição de um sincronismo absoluto dos acontecimentos psíquicos e físicos. A harmonia preestabelecida de Leibniz coloca o mundo implícito como causa primária, que produz a simultaneidade e a inter-relação das coincidências significativas, obedecendo a uma ordem precedente e cósmica.

Para Leibniz, a alma e o corpo são comparados a dois relógios sincronizados, o que reflete de certa forma a visão contemporânea dos campos contínuos. Suas premissas sugerem ainda que tanto a alma quanto o corpo obedecem às suas próprias leis. Eles se ajustam entre si graças à harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, porque todas elas são vistas como representações de um só e mesmo Universo.

A questão de maior polêmica, entre as teorias analítico-reducionistas e as teorias Herméticas sobre as correspondências, apoiava-se na interface livre-arbítrio versus determinismo. Leibniz olhava a ordem cósmica sob o ângulo do determinismo, enquanto que os antigos axiomas Herméticos apontavam para a relatividade nas questões universais.

Nota-se que a Teoria das Correspondências está apoiada em outro fundamento Hermético, que afirma ser a Verdade relativa, pois tem sempre dois pólos. Portanto, livre-arbítrio e determinismo são ambos meias verdades. Além do mais, se nos aportamos aos parâmetros de fixação de consciência, no nível dos centros consensuais de consciência, compreendemos claramente que, se a consciência está fixada em chakras superiores, maior a condição de holocentrismo do ser, que, nesses termos, determina um maior potencial criativo e auto-organizador.

Hoje é consenso tanto na Psicologia como na Física a relatividade do nosso livre-arbítrio, consenso que deveria considerar da mesma forma o determinismo, pois ambos dependem do local onde se encontra centrada a consciência do sujeito em questão. Se traçarmos um paralelo com a Física, haverá certamente um gráfico que apresenta em um dos extremos determinismo absoluto; entre os dois paralelos, um ponto de fusão central e, no outro extremo, a expressão da pura criatividade junto à consciência cósmica. Os mestres alquímicos expressavam o assunto assim: “A criação que está mais distante do Centro é a mais limitada; quanto mais próximo chega do Centro, tanto mais Livre é”.

Mais importante ainda é considerar que, da mesma forma que os Hermetistas afirmavam existir muitos planos de causalidade, observa-se claramente, através do processo de auto-organização, que existem também vários planos de sincronicidade.

Primeiramente, observamos o tipo de sincronicidade descrita por Jung, que representam fenômenos síncronos, que provam a ocorrência simultânea de equivalências expressivas em processos heterogêneos, onde o conteúdo percebido pelo observador pode, simultaneamente, ser representado por um evento externo.

Como exemplo, poderia citar um evento sincrônico interessante que me ocorreu. No fim de semana, havia saído da cidade para um lugar tranquilo a fim de escrever sobre a sincronicidade. Nos últimos dias, havia lido em algum lugar um trecho do salmo 23 e decidi tomá-lo como mantra da semana. Assim, nos últimos dias procurava repeti-lo mentalmente e refletir sobre o seu significado. Lá no alto da serra escrevi parte do capítulo e, quando voltava na estrada, repetindo mentalmente o mantra, li na traseira de um caminhão exatamente o mesmo trecho e as mesmas palavras do mantra que havia repetido por toda a semana.

O momento em que ocorre a sincronicidade representa um contato com o numinoso da existência e, se pudesse defini-lo como metáfora, seria como a sensação de que acabamos de receber um telefonema do céu. Experimentamos uma sensação de estarmos conectados verdadeiramente a uma dimensão não-local que nos assiste amorosamente, cúmplice de todas as nossas questões e pensamentos, e que não nos impõe um traçado determinista, mas, pelo contrário, desvela-nos amplitude, conexão e participação nos nossos projetos. É a questão intensamente abordada na Física Quântica sobre o Universo participativo.

Por um lado, o fato de ter pensado muito no mantra e a questão de exatamente nesses dias estar escrevendo sobre a sincronicidade, certamente, gerou algum colapso de onda no nível do componente quântico do cérebro-mente que, somado à atenção natural, originada pela forte motivação inconsciente de experimentar uma coincidência significativa, tornou evidente a manifestação do evento sincrônico.

Essa condição representa, basicamente, o que os físicos descrevem no nível quântico, quando as partículas elementares, expressando o exemplo de dois fótons ou elétrons correlacionados, ou qualquer outro sistema quântico, em que um deles sendo observado, faz com que o outro seja afetado instantaneamente, porque uma consciência não-local está produzindo sincronicamente o colapso de ambos.

Por outro lado, analisando o universo das causas, conclui-se que, por algum motivo, eu havia escolhido exatamente este determinado mantra, decidido escrever exatamente sobre este tema neste dia, e ainda por um outro motivo havia resolvido sair da cidade, e este é o ponto de acesso das cadeias de causas, onde nos perguntamos quando exatamente ocorreu a escolha criativa para que eu pudesse

encontrar aquele caminhão na estrada. E se ficássemos nos perguntando os porquês, terminaríamos no dia de meu nascimento e, certamente, as causas não terminariam aí.

Um evento parece estar sempre relacionado a uma causa ou motivo precedente, ou a uma cadeia de causas, o que torna relativa a visão de uma escolha criativa. Claro que eu poderia ter escolhido não viajar ou não escrever nada naquele dia e os motivos de qualquer forma seriam outros. Porém, ocorre a escolha de toda maneira, mesmo que as causas permeiem o universo sem fim, paradoxalmente temos sempre a condição da opção.

Se nos encontramos mais centrados, a opção será acompanhada de percepção consciente. Caso contrário, nossa consciência estará aprisionada em bolsas ou bolhas de consciência. E, nesse padrão expresso pelo modelo de desordem criado pelo nosso próprio *self* consciente, as causas, então, tornam-se determinantes e o indivíduo expressa respostas condicionadas, muitas vezes agindo contra sua própria vontade.

Nota-se, em especial, que sempre esbarramos na questão da relatividade, no conceito das meias verdades alquímicas, onde os eventos, para serem mais bem avaliados, devem ser analisados num contexto sistêmico, pois no paradigma holístico o todo é mais que a soma das partes. Se analisarmos essa cadeia causal de forma pontual, a questão volta-se para um determinismo absoluto. Entretanto, se nos abrimos para as inteirezas relacionais, esbarramos num segundo tipo de sincronicidade, mais ampla, holística e criativa que, efetivamente, dá um sentido criativo à primeira.

Essa outra dimensão de sincronicidade, sugiro denominá-la de auto-organizadora, pelo fato de ser obtida por uma intenção consciente através dos fatores de auto-organização, direcionados para uma unidade de consciência no nível do *Self* quântico. Ela expressa um movimento de infinitas proporções através da teia da vida e ensina-nos através da experiência que o holismo relacional entre tudo e todas as coisas é o grande sentido na espiral da criatividade.

Como exemplo, poderia citar minha experiência pessoal na elaboração desta pesquisa, ao longo de 15 anos. À medida que experimentava em mim mesma a aproximação dos elementos e resultados corretos, o Grande Mistério, sinalizava, através de sinais síncronos, que o caminho apontava para uma inteiração mais profunda com a existência. Contar todo o processo seria escrever outro livro já que todo o percurso se manteve, seguindo todo o tempo a trilha segura da sincronicidade.

Surge destarte a constatação de que nossas opções criativas estão realinhadas com a unidade de consciência cósmica, hoje chamada pelos físicos de “Força Supergrande Unificada”, que nos responde claramente através de eventos síncronos de conteúdo significativo. Cada expressão da sincronicidade relembra um elo perdido, um amor esquecido de si mesmo e dos demais, um sonho há muito abandonado, padrões de memória nunca mais acessados.

Minha interpretação básica sobre a sincronicidade é que ela representa, na realidade, um farol em nossas percepções internas, pois indica claramente o caminho, fazendo uma leitura positiva ou negativa do processo cognitivo da vida.

O Universo participativo sinaliza em todos os sentidos e direções, expressando claramente, através de uma sincronicidade negativa, os desvios da ordem cósmica, cuja leitura pode ser sentida no *Self* consciente através de uma doença, de um acidente, de perdas materiais e afetivas, desencontros, dissonâncias que, na realidade, apenas expressam o engano. Creio ser a infelicidade o maior dos enganos.

Então, toda a experimentação homeopática foi sendo elaborada inicialmente na minha pessoa, o que me permitiu muitas vezes constatar quão mágica é a vida. Pois, à medida que os elementos não se encontrassem num padrão correto, na leitura do Universo, imediatamente geravam eventos estranhos e dissonantes na minha realidade existencial, que eram corrigidos rapidamente no nível implícito.

Dessa forma, ficava bem claro que eu estava diante de uma sincronicidade negativa quando a experimentação não era bem sucedida, e que todos os eventos que ocorriam estavam relacionados de forma integrativa com o meu processo cognitivo. Podia-se sentir na pele que neste contexto não existe espaço para o acaso.

Esse processo de experimentação ao longo dos primeiros cinco anos foi muitas vezes doloroso, expressando nas primeiras tentativas uma verdadeira aventura no desconhecido, que muitas vezes trazia conteúdos difíceis de serem contornados. Por outro lado, foi fascinante o contato e a vivência frente a frente com esse Grande Mistério que é a vida.

Posso dizer que, nesses anos, todas as possibilidades frente à experimentação dos elementos alquímicos foram realizadas em mim e em meu marido, cúmplice absoluto de todo o processo. Atravessamos juntos todas as combinações possíveis, todas as escalas de diluições homeopáticas, em uma grande viagem através dos vários padrões da existência. Recebemos de cada padrão de interação uma qualidade de vivência, de cada dinamização uma dimensão perceptiva diferente, que se traduziam em singular sincronicidade.

À medida que fui tendo a coragem de experimentar dinamizações cada vez mais altas e sutis, pude observar que a sincronicidade se tornava progressivamente mais expressiva e reveladora. Quando os elementos ficaram claramente definidos a ponto de traduzirem uma sincronicidade auto-organizadora, esse movimento começou a ser compartilhado com todas as pessoas que se mostravam abertas a experimentar o processo - nossos quatro filhos, pais, médicos, amigos colaboradores e muitos seres especiais que o Grande Mistério colocou no meu caminho, dessa vez no papel de pacientes - permitindo-nos experimentar em conjunto o que significava uma unidade de encontros.

Evidenciava-se, claramente, na história de todas as pessoas que experimentavam o processo, uma expressiva ressonância com os padrões de auto-organização, que processava cada bolsa ou bolha de consciência, uma a uma, liberando energia central para que o indivíduo pudesse cumprir os altos fins de sua existência. Configurava-se, nos depoimentos de cura, que cada indivíduo tem um propósito, em que repousa toda a alegria e criatividade do ser. A noção básica de poder servir ao grande movimento holístico da vida, de poder participar da grande festa, uma coisa como o que foi dito: “Assim na terra como no céu”. Essa frase foi basicamente um testemunho de sincronicidade, onde se percebe todas as coisas fluindo livremente da nossa terra para o nosso céu e vice-versa, desvelando do mundo implícito ao manifesto o significado da totalidade.

A sincronicidade expressa claramente que, quando um indivíduo entra em um processo de auto-organização, isso significa que, de repente, todo o Universo de alguma maneira tem de ser organizado para que ele possa experimentar o que lhe é devido de direito. Isso quer dizer que, se o mundo implícito for corretamente tocado no sentido de uma auto-organização, isto é, se para um indivíduo realizar seu projeto de cura interior, seu sonho primordial, for necessário mobilizar centenas de pessoas, essas pessoas serão de forma espontânea mobilizadas, e isso é perfeitamente identificado como achado experimental. Essa é a essência da Holística. Quando um indivíduo faz o movimento real de auto-organização, naturalmente o Universo o acompanha de alguma forma, exprimindo essa participação em eventos sincrônicos que, como afirma Fritjof Capra, nos mostra o nosso papel na teia da vida.

Dessa maneira, a sincronicidade seguiu ampliando seu giro, mostrando-se a si mesma em todas as suas faces, ensinando-nos a reconhecê-la na manifestação de um holismo relacional. Por si mesma foi convidando amorosamente mais e mais pessoas a buscar o processo. As pessoas vinham chegando, respondendo cada qual aos seus próprios chamados internos e, nesse ponto, entendi que toda a sincronicidade experimentada pelos pacientes e amigos estava integrada no meu próprio processo existencial, como se todos os nossos eventos sincrônicos estivessem intercruzados, significando que a sincronicidade é basicamente um fenômeno de inter-conexão.

Era uma vivência portanto que ia se mostrando tocante e reveladora e que devolvia experimentalmente outro conceito holístico de que não existe hierarquia nesta rede quântica da vida, pois tudo se apresenta como absolutamente essencial. Até onde me foi dado conhecer, tal abordagem focaliza o conceito de que, sem a experiência do outro, a minha não tem sentido e que uma parte isolada do todo é algo sem nenhum conteúdo representável. De certa forma, é ao mesmo tempo estranho e fascinante poder sentir essa dinâmica experimentalmente, partindo da constatação das equivalências expressivas entre os dois mundos que integram a totalidade da existência.

Outra imagem importante é que a sincronicidade entre os seres se reflete em uma cumplicidade tal que evidencia quão amorosos são os seres nessa participação mútua, como se um fosse co-autor na história do outro e, efetivamente, somos todos. Logo, quando alguém realiza algo, todos de alguma forma

participam daquela realização. Para que eu chegasse a escrever este livro, quantos milhares e quem sabe bilhões de pessoas foram necessárias no processo. E o pensamento sistêmico diz-nos que talvez se uma só tivesse faltado essa criação não teria sido possível.

Uma vez que o processo estava já definido experimentalmente, começaram, em seguida, os sinais sincrônicos indicando que era preciso escrever e publicar este trabalho, compartilhar com os demais em um nível mais amplo. E imediatamente começaram a chegar livros, palestras, conversas e toda a sorte de coincidências que sinalizavam escandalosamente para a necessidade da expansão. Aprendi que a sincronicidade, além de ser auto-organizadora é efetivamente auto-criadora, clamando pelas conclusões, em uma continuidade criadora sem fim.

Os chamados sincrônicos da sincronicidade por si mesma denotam um extremo bom humor por parte desta matriz universal, pois muitas vezes desperta muitos risos, tal a sutileza de sua graça. Creio ser esse o sentido da graça, de que falam os textos sagrados. A sincronicidade é certamente cheia de graça.

E aí, em um belo dia nas montanhas, uma artista, que experimentou o processo homeopático, pintou uma mandala. Segundo ela, significava a expressão do que havia sentido através do processo e, dentro dessa unidade de encontro, criou ainda sobre o tema a poesia Ciranda Original. Sem nada conhecer sobre o método de preparação do medicamento homeopático, que se inicia através da trituração inicial da substância, pintou, numa espantosa sincronicidade, a Ciranda Original do Universo, sem saber que descrevia, também, exatamente o método que dá origem ao medicamento homeopático.

O exato movimento do pistilo de porcelana no grau, sempre no sentido anti-horário, indo e vindo em direção ao centro, tal como estabelecido intuitivamente por Hahnemann, era percebido pela mente da artista exatamente como o movimento de origem do próprio Universo. Por sua vez, o pó sendo triturado no grau levanta exatamente aquela imagem delineada pela artista, espalhando em todas as direções a energia cósmica da criação. Foi verdadeiramente uma sincronicidade divina. E a artista brinda aos leitores com a capa e a poesia deste livro.

E, à medida que o livro ia sendo escrito, a sincronicidade intensificava-se no sentido de enviar pacientes de todos os lugares, com exames na mão, atestando a cura de toda a sorte de coisas e em todos os níveis da existência, em uma proporção que verdadeiramente se torna difícil descrever. Parecia, muitas vezes, que alguém os havia informado de alguma forma que eu estava escrevendo um livro e contava com a colaboração de todos.

No entanto, uma iluminada passagem encontra-se no relato de um paciente muito querido. Procurou-me no consultório há dois anos, apresentando um quadro neurológico de graves proporções. Entrou na sala carregado por seus familiares, e os sintomas aparentemente configuravam um quadro de Esclerose Múltipla já em estágio bem avançado. Entretanto, devido à sua condição financeira não tinha plano de saúde, o que na época não tornou possível a realização dos exames necessários para a confirmação do diagnóstico.

De toda a maneira, dei início ao tratamento administrando os fatores de auto-organização. Como não me deu retorno, após alguns meses, telefonei para saber do seu estado. Disse-me que vinha apresentando uma melhora lenta, mas progressiva e que a qualquer hora iria aparecer no consultório para me fazer uma surpresa.

Agora, restando uma semana para fechar o último capítulo do livro e do trabalho, eis que me aparece o paciente, andando quase que normalmente, com seus movimentos de braços e mãos já completamente normalizados, dizendo-me que havia regularizado sua documentação de fisioterapeuta, e que estava trabalhando. Organizou sua vida, entrou para um plano de saúde e fez os exames. Para espanto meu e da neurologista, não se tratava de uma Esclerose Múltipla e sim de uma Atrofia total do cerebelo, claramente demonstrada no exame de tomografia computadorizada.

Segundo ele, a neurologista, sem poder acreditar no que estava vendo, passara horas lhe interrogando sobre sua melhora e mostrava-se bastante surpresa com o nível de atuação do medicamento homeopático. A questão era como um homem poderia ter voltado a andar, se o seu cerebelo continuava atrofiado? É provável que tenha ocorrido uma sincronicidade no interior do cérebro, gerando uma

interconexão entre neurônios através de um padrão de auto-organização que, ao mesmo tempo, se expandiu para todos os segmentos de sua existência. Ele agora se mostrava um outro homem, com seu trabalho, sua saúde, seu dinheiro e seu propósito.

Essa probabilidade de auto-organização apóia-se na certeza de que, mesmo as partículas, os átomos, as células, assim como os homens e toda a natureza, respondem espontaneamente a esse processo de auto-organização, em uma conspiração silenciosa do Grande Mistério, pela união de toda a criação. E o grande sábio descrevia assim esta ciranda original:

Existe algo de indistintamente completo,
Anterior à origem do céu e da terra,
Quão silencioso! Quão vazio!
Independente e imutável,
Gira em círculos, desimpedido.
Podemos considerá-lo a mãe do mundo.
Não conheço o seu nome.
Eu o chamo de Tao
Havendo necessidade, eu o chamarei
de “O Grande”.

LAO-TSÉ

CAPÍTULO 12

UMA ABORDAGEM CASUÍSTICA

Os resultados obtidos a partir deste modelo epistemológico enquadram-se dentro do esperado para o simillimum, obedecendo às leis de cura homeopáticas.

Todos os indivíduos sem exceção apresentam respostas de sensibilidade aos fatores de auto-organização, trazendo sempre padrões significativos de melhora no nível mental, emocional e físico. A melhora seguirá, sempre dentro do previsto, para os pacientes funcionais, lesionais leves, lesionais graves e incuráveis.

Esses fatores atuam de igual modo no âmbito da Veterinária e da Botânica, o que abre a possibilidade para uma frente de pesquisas que venham elucidar vários segmentos científicos. Os vegetais respondem de igual forma, e os fatores devem ser usados na mesma ordem, devendo ser borrifado cada medicamento em uma ou mais folhas do vegetal.

Meu marido, como arquiteto paisagista, viveu com a Homeopatia algumas incursões interessantes na recuperação do mundo verde. Certa vez, alguém ficou sabendo de nossas pesquisas, e uma senhora telefonou-lhe à noite para contar o drama de sua pequena neta que estava inconsolada, pois a árvore que mais amava de seu jardim, porque fora um presente e tinha um significado importante para ela, estava morrendo sem nenhuma explicação.

No dia seguinte, ele preparou os sete borrifadores, cada qual levando um dos elementos diluído e iniciou o trabalho, medicando a árvore com os fatores na potência de 200LM. Foi muito compensador, porque um mês depois a senhora nos telefonou feliz dizendo que a árvore já dava visíveis sinais de recuperação. Passaram-se dez meses, e a senhora voltou a nos ligar contando que a árvore havia ficado muito bem todo esse período, mas que agora talvez estivesse já precisando de um reforço. Foi feita uma segunda prescrição numa dinamização mais alta (10MM) e a árvore recuperou-se de vez para a alegria da menina.

Ficou bastante claro, por esses experimentos, que as árvores, como nós, apresentam sistemas de escoamentos de energia e necessitam muitas vezes de mais uma prescrição.

Quem sabe num futuro próximo tenhamos a oportunidade de ver os agrotóxicos sendo substituídos por elementos naturais e alquímicos de cura. Quem sabe, tenhamos também a graça de poder receber um alimento equilibrado energeticamente, que atuaria como fator de sustentação de nossa saúde.

Quanto aos pacientes, se na vigência do acompanhamento clínico, observamos a abertura de quadros agudos durante o processo de cura, sabemos que esses quadros refletem um sinal de que esses indivíduos obtiveram uma mudança de padrão e necessitam de pronto do processo de cristalização através das baixas dinamizações. Os quadros agudos são sempre superficiais. Em geral, surgem sob a forma de uma virose inespecífica, nunca abrindo quadros que ofereçam risco de vida para os pacientes.

Seguramente não observamos, em nenhum caso sequer, vestígios que indiquem metástase mórbida (iatrogenia), estando esses fatores de auto-organização indicados para recém-natos, com toda a segurança, o que permite neutralizar todos os sintomas comuns nos primeiros meses como: cólicas, refluxo esofágico e gástrico, choro excessivo, efeitos supressivos pós-vacinação etc. Todos os quadros de refluxo esofágico em recém-natos têm mostrado reversão em menos de dez dias, o que, através

do tratamento alopático, às vezes, exige um ou dois anos de terapia com diversas drogas paralelas.

Os pacientes idosos também respondem de forma significativa, com flagrante melhora da vitalidade geral, dos padrões de memória, evoluindo normalmente segundo o previsto para as leis de cura.

Os pacientes imunodeprimidos têm expressado resultados animadores, principalmente nos últimos meses, quando iniciamos o processo de cristalização de forma mais sistemática. Venho acompanhando pacientes com HIV, há alguns anos, mantendo as cargas virais em níveis toleráveis e sem nenhuma outra medicação. Alguns outros pacientes, que já vinham mantendo o esquema alopático para o vírus por um longo tempo, observaram uma curva positiva bastante significativa em relação à queda da carga viral e ao aumento dos níveis de CD4, após o uso dos fatores de auto-organização, o que deixo em aberto para uma posterior avaliação pelos profissionais de saúde.

Outro achado clínico importante encontra-se em relação à hepatite C, cuja carga viral tem cedido progressivamente nos pacientes em tratamento, assim como uma melhora no perfil de seu hepatograma .

Para cobrir um traçado médio do que é esperado para as diferentes representações de enfermidades, poder-se-ia dizer que, em geral, em um prazo de avaliação de três meses, os pacientes funcionais e lesionais leves apresentam uma melhora da totalidade sintomatológica, em torno de 80%. Quase sempre, esse prazo é prorrogado para seis meses, e a medicação inicial segue determinando a elaboração de todo o processo de cura.

Evidencia-se, nos pacientes lesionais graves, após três meses de tratamento, uma melhora em torno de 40% de toda a sintomatologia, devendo ser avaliada a necessidade ou não de uma segunda prescrição nas altas dinamizações. Nesses pacientes, a cura deve ser respaldada pelo processo de cristalização, pois caso contrário a evolução torna-se lenta e freqüentemente termina na desistência ao tratamento por parte do paciente.

É óbvio, especialmente em se tratando de pacientes graves, que as exceções ocorrerão, tanto para melhor quanto para pior. Nesses casos deve-se, portanto, ter uma especial atenção em relação aos escoamentos de energia, que poderão ocorrer durante o processo de cura.

Os atendimentos aos indivíduos em quadros terminais estabelecerão uma melhora significativa em todo o quadro mental e emocional. Há o alívio da dor e do sofrimento. Ocorrem *insights* importantes para a compreensão deste rito de passagem, que o indivíduo vislumbra neste momento de sua trajetória. Com raras exceções, observa-se resposta de cura no nível físico nesses pacientes.

Outro aspecto, que indica a profundidade de atuação dos fatores de auto-organização, pode ser avaliado a partir do relato clínico de uma paciente - uma menina. Aos dois anos iniciou este tratamento homeopático, um ano após ter contraído meningite meningocócica, deixando como seqüela uma paralisia cerebral total, associada a um acentuado hipotireoidismo e importante hidrocefalia. Na época, a criança havia feito cirurgia para colocar uma válvula intracraniana, não expressando nenhum sinal consciente.

No mesmo período, os pais foram orientados pelos médicos da Associação Médica, que assistia a menor, a suspenderem o acompanhamento que ela vinha tendo, alegando que não havia nenhum sentido em continuar com a fisioterapia ou tentar uma estimulação neurológica, diante da gravidade do seu caso, que não exibia nenhuma possibilidade de melhora.

Hoje, após oito anos de tratamento homeopático, encontramos essa criança comunicando-se normalmente com as pessoas e exprimindo seus sentimentos com clareza. A parte motora está completamente recuperada e, desde aquela época, nunca mais apresentou sinais de hidrocefalia, estando a válvula intracraniana inoperante há vários anos. Demonstra apenas um desenvolvimento atrasado para a sua idade, em vista do tempo que esteve inconsciente.

Atualmente corre, brinca, ri, briga com o irmão, adora ajudar na limpeza da casa, assiste à TV e entende o que vê. Está apenas com a fala ainda comprometida e expressa claramente duas ou três palavras. Comunica-se com as pessoas por sons indefinidos, mas consegue deixar seus desejos perfeitamente expressos, assim como suas insatisfações.

A recuperação neurológica é bem evidente em todos os casos observados, inclusive com relatos de cura de distúrbios neurológicos desde o nascimento. Pode ser citado, como exemplo, o caso de um adolescente que iniciou o tratamento aos 13 anos, com uma história de sérios distúrbios de comportamento, acompanhados por um movimento acentuado da cabeça que se movia da direita para a esquerda ininterruptamente. Bastava acordar e imediatamente iniciava o processo, desvelando um quadro dramático, o que provocava sérios problemas sociais para o jovem paciente.

Curiosamente, a mãe referiu que ele não se abalava frente ao constrangimento das pessoas que assistiam a ele, importando-se excessivamente com o corte do cabelo e com o perfume que usava. Relatou ainda que esse padrão de comportamento foi observado desde o nascimento, quando, no berçário da maternidade, a equipe médica ficara estarecida vendo o pequeno recém-nato movendo a cabeça de um lado ao outro, freneticamente. Iniciamos o tratamento e, em oito meses, o jovem cessou em definitivo de mover a cabeça, assim como apresentou uma significativa melhora dos sintomas emocionais, mentais e físicos. Hoje, dois anos depois de sua cura, continua bem, sem retorno de nenhum sintoma.

Não esquecendo dos animais, cuja observação clínica tem sido extensa ao longo destes anos, devo assinalar que foram tratados inúmeros cães, gatos, cavalos de corrida e passarinhos, a pedido de alguns pacientes aflitos com seus animais, exibindo, como retorno, resultados mais rápidos do que o observado nos seres humanos.

Outro dia aconteceu uma situação inusitada, quando recebia uma paciente pela primeira vez. Ao perguntar-lhe quem a havia indicado para o tratamento, respondeu-me que fora o cachorro de uma velha amiga, Mônica. Achei curiosa a resposta e, então, explicou-me que conhecia aquele cão há mais de 10 anos e sempre fora um animal histérico e neurótico. Não deixava ninguém conversar com a dona, latia o tempo todo como um desesperado, demonstrando seu ciúme e ficava muito claro que seu único desejo era que a visita se retirasse dali para sempre.

Narrou-me que, para seu espanto, na última semana, quando visitou a amiga, ele sentou-se na varanda próximo às duas e ficou silencioso todo o tempo, na postura de um lorde, com as patas dianteiras cruzadas elegantemente, de forma a causar espanto. Surgiu então a pergunta: “O que aconteceu com o Aquiles?”. E depois da resposta, contou-me entre risos que pedira meu telefone, dizendo: “Se esta Medicina fizer comigo o que fez com este cachorro, pode ter certeza de que eu vou me iluminar, vou virar zen”.

CAPÍTULO 13

COMPARTILHANDO TESTEMUNHOS

* O caso de Newton era um caso difícil. Chegou ao meu consultório no dia 8/9/99, apresentando uma extrema dificuldade na deambulação, com uma marcha desordenada que exigia apoio. Relatou apresentar um quadro de Coreia Hereditária de Huntington. Os primeiros sintomas apareceram em 1995, quando, ao atravessar a rua, sofreu um acidente sem se dar conta do que estava realizando. Esse fato, associado a outros sintomas surgidos na ocasião - tiques nervosos, manias, a facilidade com que os objetos lhe caíam das mãos, a frequência com que tropeçava ao caminhar -, terminou por induzir o neurologista que o acompanhava na época a pedir uma ressonância magnética. O diagnóstico foi confirmado.

Relatou no início da consulta que nos últimos dois anos vinha muito deprimido. Em 97, havia perdido seu irmão mais velho vitimado pela mesma doença e sob condições dramáticas. No seu quadro terminal, chegou a pesar 26 kg. Arrastava-se e contorcía-se pelo chão num quadro verdadeiramente estarrecedor. Relatou ainda que, quando criança, soubera do caso de uma tia com uma doença estranha e que havia sido internada como louca.

Desde o falecimento do irmão, o estado geral de Newton agravava-se progressivamente com mudanças acentuadas de humor, perda do controle emocional, depressão profunda com isolamento social, agressividade e uma profunda tristeza, que era estranha a um homem considerado a alegria da família.

Apresentava transtornos extrapiramidais com movimentos irregulares e involuntários, amiúde com torção acentuada da musculatura. Relatava contrações tão violentas no abdome, acompanhadas de gritos involuntários, deixando-o profundamente nervoso por não conseguir controlar conscientemente o processo. Vivenciava pesadelos terríveis com coisas desconexas como, por exemplo, objetos sendo empilhados um sobre os outros. Isso gerava um desconforto enorme e ele despertava em profunda sudorese e pânico. Então, entrava sempre em um estado de muita culpa pelo fato de ter dormido durante o dia. Além disso, freqüentemente estendia à esposa essa culpa e mais, por tudo que vinha lhe acontecendo.

A doença em sua progressão foi trazendo uma perda progressiva da memória, com lapsos importantes da memória recente, que o obrigava ao uso de uma agenda de apoio para os compromissos. Nesse período, quando chegava do trabalho, comportava-se como se ainda estivesse na empresa. Não se dava conta de que já se encontrava em casa com a família, expressando, assim, uma perda importante na noção de referencial em termos de espaço. A fala tornou-se extremamente arrastada e sua expressão de difícil compreensão. Parou de trabalhar e isolou-se completamente. Referia ainda uma enxaqueca importante, acompanhada de um frio na testa e uma mal-estar no estômago, resultante da forte tensão emocional que o processo gerava. Dessa maneira foi medicado com os sete fatores na potência de 38MM no dia 8/9/99.

Retornou à consulta seguinte em 28/12/99, relatando uma grande melhora no nível emocional e mental, tendo cessado as perdas de controle emocional, com visível recuperação dos padrões de memória. Todavia, as contrações musculares continuavam, assim como os tiques nervosos que, inclusive, pareciam ter aumentado um pouco. Estava mais alegre e mais sociável. As enxaquecas haviam melhorado, mas não desaparecido. Mantinham-se os pesadelos que expressavam ainda bolinhas sendo

empilhadas lhe trazendo uma angústia sem fim. A sudorese persistia, assim como a culpa por ter dormido. Foi realizada uma segunda prescrição com fatores na potência de 41MM no dia 28/12/99.

Newton voltou a ser reavaliado em 26/4/2000. Entrou no consultório com uma marcha que expressava uma melhora significativa, mais seguro de seus passos, e com os olhos brilhantes de quem acredita estar se curando. Referia estar muito mais tranquilo, dormindo normalmente todas as noites, com importante redução das contrações musculares e dos movimentos involuntários. A enxaqueca havia cedido totalmente. Havia voltado a trabalhar com o irmão mais novo em uma firma e ainda inventara de ser síndico do prédio em que mora. A fala, ainda comprometida, também apresentava melhora. Em casa já se mostrava novamente afetivo com a família, recuperando sua condição emocional essencial.

Até então, eu havia preferido não entrar com o processo de cristalização, pois seu quadro evoluía corretamente sem nenhuma intercorrência aguda que justificasse a necessidade das baixas dinamizações. Entretanto, neste momento, pareceu-me importante a observação da diferença de velocidade na cura usando as baixas dinamizações. Como estava totalmente bem em seus campos vitais, não fiz potência alta e entrei logo com a série dos fatores em 12 CH, na ordem correta, fazendo o conjunto duas vezes ao dia.

Agora, há um mês e dez dias no processo, recebo o telefonema da esposa. Relatou-me que, no primeiro dia da medicação, ele tivera uma forte contração abdominal que durou algumas horas. Mas depois apresentou uma melhora progressiva, visível a cada dia, de todos os sintomas, inclusive da fala. Contou-me também que ficara muito emocionada porque ele havia conversado com ela quase uma hora, falando fluentemente sobre melhora. Nos últimos seis dias, relata um episódio diário de diarreia, sintoma que apresentara no início da doença, o que atesta que a enfermidade se encontra em fase regressiva, com melhora dos sintomas recentes e aparecimento de sintomas das fases primárias da doença.

O interessante é a velocidade muito acentuada deste processo de cura, quando feita a medição de uma semana à outra. Na realidade, considero hoje o processo de cristalização uma equação absolutamente essencial na resolução de casos crônicos e graves.

□□□

* Abrindo a porta de meu consultório, dei entrada a um rapaz extremamente emagrecido, com uma palidez assustadora, que se movia lentamente, encurvado pela dor. Jorge sentou-se. Falava extremamente baixo por conta da astenia que apresentava. Foi seguramente o paciente mais grave com artrite reumatóide que pude acompanhar. Estávamos em outubro de 92 e, observando suas queixas, vi que apresentava já há dias um quadro de melena, devido ao uso de analgésicos e antiinflamatórios de longa data.

Sua doença havia iniciado há seis meses com intensas dores nas pernas. Essas dores, em seguida, foram migrando para todas as juntas, deformando progressivamente as articulações. Toda sorte de medicamentos já havia sido prescrita: penicilinas, corticosteróides, cloroquina, antialérgicos, antiinflamatórios, sulfas. E a doença seguia seu curso implacável. Relatava, na época, ter dor até na articulação temporomandibular, não conseguindo abrir a boca para comer. Alimentava-se através de canudos. À noite, tinha de mudar de posição com o auxílio dos pais, pois era impossível mover-se sozinho. As juntas das mãos e dos pés já apresentavam deformidade acentuada.

No âmbito emocional, mostrava-se muito magoado com os amigos que sumiram, achando que ele era portador de HIV. As provas de função reumáticas mostravam-se positivas. Relatou que sua doença havia começado depois de uma forte decepção amorosa, depois de ter se sentido usado pela pessoa que amava. Com um temperamento profundamente sífilítico, fechou-se em grande nostalgia e depressão, com pensamentos obsessivos em relação ao fato passado. Na época, usei inicialmente a potência de 200LM com os fatores em dose única. Essa ainda era a fase da pesquisa em que se tinha receio das altas dinamizações.

Nos três anos seguintes, sua melhora foi lenta mas progressiva. E nesse espaço de tempo foram prescritas várias dosagens: a 3M, a 500M, e a 10 MM já em 95. Nessa fase, já se encontrava trabalhando normalmente, havia recuperado alguns quilos e já não sentia dor. As juntas ainda se apresentavam gravemente deformadas pela doença, mas conseguia trabalhar normalmente em seus projetos. Em 98, depois da administração das séries de 23MM (maio/98) e 24MM (set/98), sentiu inicialmente dor nas articulações que cederam em alguns poucos dias, seguindo depois um largo tempo assintomático.

Retornou apenas em novembro de 99, dizendo ter passado todo esse período bem. Referia apenas que, há 20 dias, começara a sentir uma dor no ombro. Parecia bursite causada por sua posição de trabalho. Disse que havia recebido um convite para trabalhar fora do país. Disse também que nunca mais havia apresentado dor no estômago por tensão, o que antes era muito comum. Relatou: “engraçado, estou muito mais tranquilo e não tenho mais pressa para nada, porque sei que chego lá. Eu mudei muito, sei que hoje estou mais velho, mas também mais preparado para viver um relacionamento. Hoje eu conheço alguém e consigo manter meu equilíbrio na relação; antes eu não conseguia isto. Agora quando estou com as pessoas, me sinto igual e não fico me sentindo inferiorizado. Essas diferenças eu pude sentir em mim mesmo. Aqueles remédios violentos que tomei no início da doença, me puseram no buraco. Nunca mais tomei remédio alopático e nunca mais tive nada”. (sic)

O quadro desse paciente foi tratado sem nenhuma ajuda do processo de cristalização. Isso demonstra claramente, pelo tempo de evolução, que, apesar de se repetirem os mesmos elementos durante anos, não houve nenhum sinal de metástase mórbida. Demonstra também a possibilidade da cura sem a necessidade da cristalização. Entretanto, com a experiência atual, tem-se claro que, nesse quadro, as potências altas que temos hoje, acompanhadas do processo de cristalização paralelo com as baixas dinamizações, teria encurtado enormemente o processo de cura.



* Diana, em 1988, confiou-me que estava muito preocupada com a evolução em seu quadro de Lúpus Eritematoso Sistêmico. De fato, vinha fazendo acompanhamento clínico convencional, desde 1981, quando surgiram os primeiros sinais da doença. Descreveu a fase inicial do processo como uma etapa de sua vida em que não conseguia se libertar de uma mágoa profunda, em virtude de uma decepção amorosa. Isso culminou em depressão e nos primeiros sintomas da doença. Relatou-me também que desenvolvera, paralelamente, sintomas de Síndrome do Pânico, com intensa insegurança, que pareciam colocá-la no “mundo da lua”(sic). Os primeiros sintomas da enfermidade apontavam para constantes tremores em todo o corpo, uma intensa agitação física precedida de inquietude interna. Esses sintomas eram sempre acompanhados de uma sensação subjetiva de ter sido traída e seguidos de lesões cutâneas compatíveis com o quadro.

Essa paciente percorreu efetivamente todos os passos desta pesquisa e manteve ainda, associada ao tratamento, corticoterapia por dois anos. Os efeitos colaterais eram

imensos, pois se mesclavam com a Síndrome do Pânico, o que tornava difícil uma correta definição do caso.

Em 1989, quando o último elemento desta pesquisa foi definido, Diana começou a abandonar progressivamente seus remédios alopatícos. Iniciamos, assim, o tratamento homeopático sem interferências e os exames relativos ao Lúpus começaram a negativar. Ao longo dos anos, seus relatos eram repletos de sintomas compatíveis com distúrbio neurovegetativo, que persistiam, apesar de o Lúpus, desde 1991, ter sido negativado completamente em seus exames laboratoriais. E, desde então, tem-se mantido negativo.

Nesse período de longos anos, muitos fatos importantes ocorreram. Um deles foi o casamento com um portador de HIV. Doença que só veio a descobrir depois de dois anos de casada, quando já estava grávida de três meses de seu primeiro filho. Nem ela e nem a criança foram contaminadas, o que já foi checado, ao longo dos últimos oito anos, inúmeras vezes e de todas as formas. Esse fato parece ser bastante significativo, visto que a paciente anteriormente havia apresentado uma doença de caráter imunológico e mesmo assim não foi contaminada. Na época, os médicos obstetras e imunologistas chegaram a aconselhar o aborto terapêutico em vista de sua história. Entretanto, ela seguiu sua gravidez e, sem nenhum problema, mesmo no parto, seu filho nasceu. E é uma das crianças mais saudáveis que conheço.

Todavia, apesar de ter superado a Síndrome do Pânico em si, apresentava alguns sintomas inespecíficos. Por isso me solicitava quase que diariamente em busca de solução. As potências medicamentosas foram subindo ao longo dos anos. E essa paciente só obteve um equilíbrio mais abrangente em seus sintomas físicos e emocionais depois da série dos fatores na potência de 44MM, prescrita em abril de 2000. Até então, embora tivesse superado as doenças graves, seguia insatisfeita consigo mesma e com sua vida. Sentia-se prisioneira ainda de alguns medos e inseguranças que não permitiam a expressão de sua criatividade como processo de vida e queixava-se sempre de sinais e sintomas leves de natureza neurovegetativa.

Após os fatores em 44MM, suas respostas clínica e emocional trouxeram-me a imagem de um avião que, parado na pista por longo anos, de repente, ligara suas turbinas, acendera todas as luzes, posicionara-se elegantemente na pista e decolara rumo à sua trajetória, para espanto de todos. Quando Diana me telefonou dizendo que estava fazendo marketing e entrando em empresas importantes, tive uma emoção tão forte que precisei de um tempo para me recuperar. É incrível ter a chance de acompanhar uma pessoa aprisionada num padrão interno restrito por tantos anos, e vê-la voar como um pássaro rumo aos céus de si mesma. Está por aí, criando seu filho e vivendo sua vida, livre do lúpus, da aids, do pânico e de seu aprisionamento interno.

□□□

* Julio, de 34 anos, confirmou nossa primeira entrevista médica para 13/12/99. Começou descrevendo que a procura por este tratamento se baseava no desespero que vinha apresentando desde 96, quando entrara num quadro de profunda depressão que o impossibilitava desde então de sair de sua casa. Entrou em um pânico tão absurdo que ficou absolutamente paranóico com propaganda. Se saísse à rua e visse um outdoor com qualquer tipo de propaganda, sentia algo indescritível, como se o mundo estivesse querendo enganá-lo. Entrava imediatamente em pânico e desespero.

Daí em diante, começou a ter desejos profundos de morrer, pois o sofrimento era imenso como se a cada momento estivesse recebendo a notícia da morte de seu ente mais querido (sic). A depressão havia evoluído nos últimos anos de tal forma, que não tinha prazer em mais nada. Ficava inseguro de ir a um shopping mesmo estando acompanhado. No trabalho, o seu sócio, um amigo, deixava em suas costas toda a

responsabilidade. Essa situação gerava grande angústia, acompanhada de uma incapacidade de se colocar de forma justa em relação à situação. Foi feita uma série de fatores na potência de 40MM (em 13/12/99).

Retornou em 17/5/2000, afirmando que nos últimos meses era raro sentir alguma coisa que lembrasse o pânico e a depressão. Relata: “tenho andado muito bem disposto e antes eu não tinha coragem nem de levantar um braço. Antes, tudo que eu via pela frente, parecia ter a finalidade de me enganar, daí o meu pânico com as propagandas que via pela rua. Consegui acabar a sociedade com meu amigo, situação que estava me mortificando, e, apesar das dificuldades financeiras que esta atitude me acarretaria, decidi peitar a parada e me libertei. A senhora não sabe, mas antes de vir aqui pela primeira vez, eu havia feito um seguro alto para a minha família e havia comprado uma arma para me matar. Só não me matei porque, como não querendo nada, sondei um amigo a respeito de seguro e ele me afirmou que suicídio não paga o seguro para a família. Dessa forma eu estava quando comecei este tratamento, e posso lhe dizer que com duas semanas de medicação eu já sentia uma melhora extraordinária. Por incrível que pareça, na realidade eu estou hoje precisando muito mais de dinheiro do que estava, em vista das atitudes que tive de tomar, no entanto estou muito melhor”.



* Gabriel, uma criança na época com 5 anos, demonstra em nosso primeiro encontro um olhar de tristeza e ansiedade. A mãe, profundamente ansiosa, inicia o relato descrevendo que seu filho iniciou um quadro de Púrpura Trombocitopênica Idiopática, a partir de um quadro febril, seguido do aparecimento de hematomas disseminados em todo o corpo. As plaquetas, cuja taxa de normalidade esperada para as crianças está compreendida entre 150 a 350 mil/mm³, no caso do menor Gabriel, inicialmente, estavam com a dosagem de 40 mil/mm³. Quando se iniciou a terapia com corticóides, passou a 19 mil/mm³ e estabilizou-se neste patamar por todo o último ano, mesmo com o aumento das dosagens de corticóides.

O médico que o acompanhava sugeriu então suspender os medicamentos. Era preciso também tomar todos os cuidados, o que numa criança de 5 anos significaria não mais andar de bicicleta, correr, jogar futebol ou qualquer atividade que pudesse oferecer risco de traumatismo ou ferimentos. A mãe entrara em pânico com a proposta de vida para o seu filho. Em sua história clínica e emocional, Gabriel mostrava-se uma criança nervosa e hiperativa, com medo de escuro e muito crítica em relação ao pai. Brigava todo o tempo com ele, reclamando muito das coisas do passado. Queixava-se o tempo inteiro de tudo, encontrava-se insatisfeito com sua vida e, segundo a mãe, demonstrava um temperamento muito difícil. Sentia-se abandonado pelo pai e sempre buscava enfrentá-lo. Iniciamos neste ponto o tratamento com uma série de fatores na potência de 33MM, em 16/3/99.

A criança retornou em julho de 99 muito melhor de todos os sintomas, mais tranquilo e referindo nunca mais ter apresentado episódios de epistaxe ou aparecimento de hematomas. Foram então requisitados os exames e prescrita uma série de fatores na potência de 37MM em 19/7/99. No exame de set/99, suas plaquetas haviam subido para 24 mil/mm³.

Retornou, em novembro de 99, melhor de seus sintomas gerais. Agora se relacionava muito bem com o pai e brincava normalmente com as crianças vizinhas e da escola. Em 4/11/99, foi medicado com uma série de fatores na potência de 40MM. E, no exame seguinte, realizado em 6/5/2000, apresentou uma contagem de plaquetas de 32 mil/mm³.

No retorno para a avaliação clínica, em 15/5/2000, encontramos o menino muito bem em seu quadro geral, assintomático em relação à rinite e quadros respiratórios que lhe eram comuns nos dias frios e também sem mais apresentar nenhuma alteração hematológica durante os últimos meses. Foi prescrita uma série de 45MM e, para o terceiro dia, uma medicação de 12CH, série de sete elementos sugerida para ser administrada 3 vezes ao dia. Segundo a mãe, nos dois primeiros dias da medicação de 12 CH, apresentou um sangramento nasal discreto e depois ficou inteiramente bem. Após três semanas, checkou-se a taxa de plaquetas, obtendo-se o resultado quase inacreditável de 278 mil/mm³. A mãe, ao me dar a notícia por telefone, mal conseguia pronunciar as palavras.. O exame fora realizado no mesmo laboratório de sempre, e os profissionais fizeram questão de repeti-lo para confirmação dos resultados. Observamos neste relato, novamente, a importância do processo de cristalização, estabelecendo uma diferença considerável em termos de síntese e velocidade nos resultados, se comparado ao tempo de tratamento apenas com as altas dinamizações.

□□□

* De forma semelhante, o menor Rafael de 11 anos começa seu tratamento em março de 2000. Sua história clínica havia iniciado há 1 mês, com um quadro de amigdalite e sinusite, seguido dias depois de um tombo, apresentando então um hematoma importante que abriu suspeita sobre a possibilidade de se tratar de um quadro de Púrpura Trombocito-pênica. Na primeira medição, foi confirmada a plaquetopenia de 46 mil/mm³, seguida 1 semana depois de outra taxa de 54 mil/mm³ e com uma última medição de 27mil/mm³ no dia 9/3/2000. Rafael, ao saber de seu quadro clínico, deprimiu violentamente, com intenso medo da morte e da própria doença. Começou a apresentar freqüentes crises de choro e a se isolar. O médico que o acompanhava usou o critério de aguardar sem lançar mão de nenhuma medicação radical. Dia 14/3/2000, foi medicado com os fatores na potência de 43MM. Alguns dias depois, iniciamos os fatores na dose de 12 CH, e a série foi tomada apenas uma vez a cada três dias.

Retornou pela primeira vez em 5/5/2000, trazendo o exame feito no dia anterior que acusava uma taxa de 59 mil/mm³ plaquetas. Relatou que voltara um episódio de enxaqueca, um quadro comum do passado, e também uma significativa melhora de todo o seu quadro emocional. Já havia voltado para suas atividades desportivas normalmente, assim como havia recuperado sua alegria de viver. Como a potência de 43MM, prescrita anteriormente, ainda era recente, manteve-se apenas a conduta do 12 CH, 1 vez ao dia, a cada três dias (com maiores intervalos de tempo entre uma dose e outra, comparado ao menino Gabriel do relato anterior).

No exame seguinte de 9/6/2000, a contagem plaquetária havia subido para 86 mil/mm³. E em outro de uma semana após, tendo-se mantido os medicamentos agora uma vez a cada dia, obteve-se uma taxa de 137mil/mm³. De forma proposital, tratei os dois menores em paralelo, sugerindo as doses com freqüências de administração diferentes. Isso trouxe a constatação clara de que, no primeiro caso - clinicamente mais antigo e resistente, com os fatores em 12 CH, numa freqüência de 3 vezes ao dia - estabeleceu-se um resultado muito superior ao do segundo paciente, que fez uso dos fatores a cada três dias, e depois uma vez ao dia. Esses dados vêm novamente confirmar a importância do processo de cristalização para uma cura mais rápida e efetiva.

□□□

* A pequena Suzana era um caso clássico de alguém que realizaria uma incursão sem fim nos caminhos da Psiquiatria. Veio indicada por um psiquiatra que, considerando a gravidade do caso e a tenra idade da paciente, preferiu optar por uma

terapêutica mais natural na tentativa de ajudá-la. Suzana, com sete anos e já com um ano de acompanhamento terapêutico e cinco de acompanhamento psiquiátrico, apresentava um quadro grave de sintomas mentais. Falava constantemente aos pais que era homossexual, que tinha câncer e que vivia pensando em sexo. Expressava claramente estar muito mal e afirmava que ainda pioraria muito. Tinha muitas crises de choro e, nesses momentos, expressava um medo de tudo, especialmente um pavor de crescer e chegar à puberdade. Dizia textualmente que não queria crescer, pois seria infeliz. Entendia a independência da fase adulta como um abandono e achava que sua mãe deixaria de ser sua mãe. Pensava se iria ou não conseguir evitar o impulso de agarrar um menino na escola e, ao mesmo tempo, torturava-se com a idéia de não agüentar mais tarde um relacionamento sexual. Vinham em sua mente pensamentos absurdos de pular de um precipício, ou de que sua mãe poderia morrer no próximo instante. Murmurava coisas desconexas o dia inteiro, enquanto andava pela casa. Relatou ainda muitos pesadelos e medo da morte. Dizia que “a coisa” estava lhe dizendo algumas palavras, com delírios de que alguém falava com ela e que esse alguém ou essa coisa era de cor roxa. Toda essa sintomatologia numa criança de apenas 7 anos, que já vinha assim há 5 anos, representava uma situação que inspirava um cuidadoso acompanhamento. Na época em que era assistida com medicamentos psiquiátricos, teve uma agravação incrível de seu quadro geral, o que levou a mãe a pedir ao último psiquiatra que a enviasse a uma terapia alternativa. No dia 13/4/99 foram prescritos os fatores em 34MM.

Reavaliada em 25/5/99, havia melhorado das crises de choro, mas ainda com pensamentos obsessivos. A medicação não foi alterada, mantendo-se a série de fatores anteriormente prescrita.

Retornou em 22/6/99 e, segundo a mãe, vinha numa fase bem mais tranqüila, falando menos sozinha e mais alegre. O choro e as crises emocionais haviam passado completamente e os pesadelos estavam bem mais raros. Mantive a medicação inalterada.

Em 21/9/99, a mãe em consulta, relata que ainda mantém os pensamentos, porém estão mais flexíveis, não são tão fixos e obsessivos. Em seu depoimento, explica que antes ela não podia atrasar um minuto para buscá-la na escola, pois a menina entrava em verdadeiro pânico. Agora estava mais independente e mais desprendida. Nesse período só havia apresentado um episódio estranho durante uma viagem. Por três dias achou que estava grávida e que havia sofrido um estupro. Depois acabou esquecendo o assunto. A mãe afirmava ainda ter havido uma grande melhora na escola quanto à atenção e ao aproveitamento. Continuei sem administrar potências altas e aguardei a evolução do quadro.

Após 9 meses da última série de fatores em alta dinamização, retornou melhor de todos os sintomas antigos. Nunca mais havia falado do medo de crescer, embora demonstrasse uma recaída de alguns sintomas nos últimos dois meses, entre eles a ilusão de imaginar que a qualquer momento poderia ver o demônio à sua frente e, ao mesmo tempo, sentindo-se perseguida por ele. Outro dado significativo era a observação de que estes momentos instáveis agora eram bem espaçados, com um caráter menos obsessivo se comparado ao padrão anterior, além da clara constatação de que nos meses anteriores a menina havia permanecido num padrão mais estável de equilíbrio emocional. Neste dia, 4/1/2000, prescrevi então a 41MM.

Depois dessa série de fatores, houve novamente uma certa agravação inicial, com algumas crises de choro, tendo voltado a murmurar sozinha e a dizer que ia casar com o demônio. Na escola, continuava bem e mais concentrada. Partindo desses sintomas, decidi desta vez usar o processo de cristalização em 12 CH, para minimizar as agravações iniciais. A criança, nos primeiros sete dias, já apresentava uma resposta

surpreendente de melhora. Cessaram quase que completamente os pensamentos obsessivos, e a menina passou a viver dias inteiros sem expressar nenhum dos sintomas descritos anteriormente.

Agora, com um mês nesse processo de cristalização, a mãe refere uma melhora progressiva de toda a sintomatologia, estando absolutamente sem medos, já convivendo e aceitando convites para dormir em casa das amigas, o que antes era absolutamente impossível. Parou de falar no demônio e no medo da adolescência, não relatando nenhum dos delírios que vivenciara anteriormente. A única coisa que tem observado ainda é o fato de murmurar sozinha enquanto brinca ou realiza alguma atividade em casa. Está muito bem na escola, mais concentrada e expressando grande interesse e criatividade pela arte e pela pintura.

□□□

* Interessante também o depoimento que me presenteou Clarissa, paciente de 23 anos. Ela, após a prescrição anterior de 38MM, apresentou remissão de todos os sintomas nos últimos quatro meses e iniciou, espontaneamente, o seguinte relato, enquanto eu escrevia a nova prescrição: “Sabe, estou me sentindo mais feliz e com mais alegria de viver. Acho que estou dando mais valor em estar melhor. Eu estive tão mal!!! Antes eu não me sentia legal no trabalho, porque sentia que não pertencia àquele lugar, e agora me sinto integrada. Antes eu achava que ninguém tinha a ver comigo e ficava passando mal no trabalho com azia e vômitos. Agora não tenho mais nada disso”.

□□□

* Sr. Emanuel, de 54 anos, advogado, iniciou tratamento queixando-se de um quadro de azia, gosto amargo na boca, memória ruim, hérnia de hiato, cansaço intenso ao acordar, e dificuldade para dormir, só conseguindo fazê-lo muito tarde da noite. Reclamou da condição de ficar muito magoado com as pessoas e de estar vivendo uma situação financeira difícil.

Foi-lhe indicada uma série dos fatores, na potência de 35MM em julho de 99. Após 5 meses, ele retorna melhor de todos os sintomas físicos, desvelando o seguinte relato: “Antes eu ficava muito magoado com as coisas, mas hoje não quero saber de sapo, a figura do sapo desapareceu. Comecei a entender que as pessoas têm o direito de ser o que são. Eu só tenho de ver como eu vou agir na hora, de modo que eu atue da melhor maneira possível. Não é fácil, mas já tenho maior tranquilidade. Essa situação de ficar mais estável e tranquilo é nova pra mim, pois antes eu tinha um pensamento na vida de estar sempre na frente, era de agredir para não ser agredido. Antes eu não deixava as coisas acontecerem, porque procurava abafá-las com a minha imposição. Antes eu era um terremoto. Hoje acho que as pessoas têm o direito de viver, e as coisas estão se resolvendo melhor. As coisas no trabalho saem melhor. Estou exigindo menos das pessoas e de mim. Antes eu me exigia e me cobrava muito, e não é nada disso”.

□□□

* Aos 35 anos de idade, Gustavo vivia uma fase de extremo stress profissional. Engordou 25 Kg. Além disso, há meses, apresentava uma sintomatologia que o incomodava de forma progressiva, tais como vômitos constantes, enjôo, dor precordial, dores articulares e dor na altura do rim direito (costumava ter freqüentes crises de cálculo renal). Relatava ter sofrido muito com o mau coleguismo profissional. Em consequência, havia perdido muito dinheiro, o que era a causa da sua amargura. Achava-se injustiçado e andava ultimamente muito ciumento e exigente consigo mesmo e

com os demais. Dizia-se perfeccionista, com uma auto-cobrança acentuada. Foi prescrita uma série de fatores na potência de 40MM no dia 17/11/99.

Em seu retorno, no dia 16/6/2000, descreveu-se totalmente assintomático há muitos meses, tendo perdido 3 kg sem fazer nenhuma dieta especial. Fez o seguinte relato: “Acho que estou aceitando as coisas e vendo-as de outra forma. Antes tudo me deixava enfurecido, e agora tenho calma para levar as coisas mais na flauta, conseguindo conversar com as pessoas, e com isso tenho sempre encontrado a saída para as situações. Por outro lado, as pessoas, não sei por que, têm me tratado bem e com simpatia. Acho que estão se criando oportunidades muito boas de trabalho, e só tem aparecido gente legal. Quando cheguei aqui estava pra baixo, com baixa estima e com uma baixa em tudo na minha vida. De doença nunca mais me apareceu nada, e antes eu estava sempre sentindo alguma coisa; agora estou muito bem”.

□□□

* Durante muito tempo, Mariane de 33 anos, arquiteta, vinha apresentando quadros recorrentes de infecção urinária por *Escherichia coli*. Apresentava também uma profunda depressão de longa data, fazendo uso de vários medicamentos psiquiátricos. Refere anorexia grave, acne, furunculose, queda de cabelo, sinusite crônica e crises freqüentes de amigdalite. Sentia uma angústia profunda que a acompanhava desde a infância. História de pai alcoólatra e vida afetiva marcada por abandono e desespero de solidão. Possessiva, ciumenta, sempre detonando os relacionamentos. Quando terminava os relacionamentos, voltava para a casa dos pais que sempre a criticavam severamente como irresponsável, pois não conseguia parar em trabalho algum e dar continuidade a nada na sua vida. Sentia-se muito deprimida com problemas no joelho, responsáveis por seu afastamento do esporte que praticava. Andava muito calada, não conseguindo brincar com o filho e sentindo-se completamente desamparada.

Após série de fatores na potência de 34MM (junho de 99), retornou em dezembro com o seguinte relato: “Nunca estive sozinha por opção, e nestes últimos três meses escolhi assim, e apesar de não estar namorando ninguém neste momento, me sinto focada, centrada e tranqüila. Estou vivendo uma coisa muito especial, pois, quando estou num ônibus, estou realmente dentro do ônibus. Eu curto cada momento e sempre me pego agradecendo pela minha vida. Não fico mais naquela apreensão esperando as coisas; é uma tranqüilidade total. Voltei para a faculdade e consegui um trabalho que já mantenho muito bem desde julho”.

“Venho conseguindo tudo que preciso e até um táxi que me pega de manhã para me levar para a faculdade, eu consegui. Imagine você que o motorista em dia de prova, chega mais cedo para me acordar, para que eu não perca a hora. Consegui alugar um apartamento e dividir com uma menina. Estou trazendo meu filho de volta, para criá-lo novamente. Encontrei um lugar legal para que ele retome o futebol que ama. Retomei o meu esporte e tive de terminar neste período um relacionamento porque o cara era casado, conseguindo segurar a história muito bem. Acho que agora não tem volta e a minha vida vai engrenar de vez”.

□□□

* O quadro clínico do menor Bruno, de 6 anos, estava relacionado a um choque emocional, que ocasionou o desenvolvimento de um quadro de psoríase, centralizada especialmente nos pés, braços e mãos. A mãe relatava também um quadro severo de rinite alérgica, amigdalite e otite de repetição. Chorava e ia para a cama dos pais toda noite, com história de pesadelos freqüentes com monstros. Enurese noturna

esporadicamente. Apresentava uma certa dificuldade motora para correr e reclamava de ptose palpebral, que chegou a abrir suspeita para uma doença com comprometimento muscular. No entanto, segundo os laudos neurológicos, os distúrbios eram de causa exclusivamente emocional (sic). Demonstrava muito receio em brincar com meninos, mostrando-se muito tímido. Quando chateado, chorava muito e expressava um profundo ciúme da irmã. Foi prescrita a série dos fatores na potência de 32MM no dia 19/2/99 e a de 33MM em 19/5/99.

Só retornou à consulta em agosto do mesmo ano, quando a mãe relatou apenas um episódio de amigdalite leve, que ocorrera dias após a primeira série dos fatores. Essa amigdalite foi controlada com remédios naturais à base de ervas e própolis. Depois permaneceu assintomático, inclusive de sua rinite, com visível melhora de seu quadro emocional. Encontrava-se mais sociável e seguro com os amigos. Foi sugerida a série dos fatores na potência de 38MM no dia 25/8/99.

Na consulta seguinte, marcada para junho de 2000, reclamou apenas de rinite, nos últimos dias, devido ao intenso frio, porém passara todo esse tempo inteiramente assintomático. A psoríase, há meses, que já havia desaparecido totalmente, assim como as crises de otite e amigdalite. A ptose palpebral encontrava-se bem atenuada, podendo ser ainda observada apenas nos momentos em que se encontrava muito cansado. A timidez melhorou muito, assim como o ciúme da irmã, recebendo inclusive muito bem o nascimento de uma nova irmã, que acontecera há alguns meses. Nunca mais acordou no meio da noite com pesadelos, buscando a cama dos pais. Mudou para uma escola maior e adaptou-se muito bem, estando perfeitamente integrado com o grupo.

□□□

* Henrique, 28 anos, iniciou tratamento em 6/7/99, afirmando que buscava ajuda emocional. Reclamava de dor de garganta com frequência e obstrução nasal. Fazia terapia há 7 anos. Tinha muitos problemas familiares, muitas brigas, pois sua família preocupava-se mais com o aspecto material do que com o emocional. Considerava a mãe muito materialista e o pai submisso a ela. No entanto, não conseguia sair de casa. Sentia-se também muito inseguro no trabalho e com medo de se posicionar frente aos superiores.

Prescreveu-se uma série dos sete fatores na potência de 35MM, em 6/7/99, e outra série de 36MM para 27/9/99. O paciente retornou em 15/12/99, com remissão dos sintomas físicos e com o seguinte depoimento:

“Em final de agosto consegui sair da casa dos meus pais e melhorei em tudo. Tive de entrar em contato com a solidão. No trabalho estou mais vivo e mais presente. E o que estou enxergando em mim, que antes não via, é a minha passividade, uma coisa de estar passivo, num sentimento de inferioridade. Uma coisa de não ficar à vontade na frente do chefe, com uma cobrança muito grande. Sinto que saí de um contexto e fui para outro, com coisas que também me incomodam. No entanto, a condição em que estou hoje é bem melhor do que a anterior. E o que me deixa feliz é sentir que não estou mais preso e parado. Eu estava há muito tempo parado, e quando me veio o anseio de sair da casa dos meus pais, me veio com uma convicção muito forte de que era aquilo que eu tinha de fazer. Percebi que a Homeopatia dá a visão da situação, e a condição para a mudança. Comecei a sair de uma passividade e a falar mais com o meu chefe, o que antes eu não fazia, achando que ele não iria me valorizar. Agora eu não fico mais nesse pensamento, e estou dando mais a cara para bater. A partir daí comecei a sentir uma sensação no fígado, como se algo estivesse abrindo. Aliás, já tive hepatite no passado.”

□□□

* Eduardo, na ocasião com 31 anos, buscava o tratamento homeopático, dando ênfase ao aspecto emocional de sua vida, referindo que há muito tempo vinha tentando parar com a maconha e não conseguia. Queixava-se de uma ansiedade que vinha há muito tempo atormentando a sua vida. Referia ainda história de acne, pirose, micose na virilha, diarreia crônica, memória fraca e muitas câimbras. Sua mãe havia falecido quando tinha treze anos e vinha tendo, desde então, sonhos de abandono com a mãe, que não consegue chegar até ele. Quando ela faleceu o pai não o deixou embarcar para vê-la. Daí a sensação de abandono, com imagens do passado que brotam em sua mente. Muita dificuldade em se expor, com muita pena de si. Não consegue ir à vida, não tem vida de adulto, e sim de um adolescente, reclamando inclusive de sua voz que também não amadureceu. Memória fraca e timidez. Falava da necessidade de ter um contato consigo mesmo.

Medicado com a indicação de duas séries dos sete fatores; a primeira de 35MM em 5/7/99 e uma segunda de 36MM para 5/10/99, retornou em 3/1/2000 apresentando o seguinte relato:

“As coisas têm fluído e acabaram acontecendo. Pela primeira vez na vida comecei a trabalhar. Liguei para uma amiga e pedi para trabalhar num escritório de advocacia, colocando o terno diariamente, coisas que sempre invejei nos homens que trabalhavam no centro da cidade. Enfrentei o pânico interno frente aos juízes e autoridades e reconheço que isto consegui superar. Já ganhei algum dinheiro, na realidade o primeiro dinheiro que ganhei na vida. Este ano vou conseguir minha independência financeira, para assumir minhas próprias despesas e conquistar meu espaço para morar sozinho. Comecei a fazer Yoga, e busquei uma terapia de apoio para minha fase de transformação. Reconheço que ainda tenho muito medo e insegurança, no entanto estou indo à luta. Acho que ainda não vivo a minha vida, compatível com a idade que tenho. Parei de fumar maconha e me conscientizei de que a maconha me paralisa diante dos meus processos de abertura e de conquistas. Tinha uma sudorese constante que desapareceu. Estes suores eram tão intensos, que eu me enrolava numa toalha para dormir porque manchava todos os lençóis. Ainda tenho tido compulsão e, às vezes, ainda me vejo muito doido para ficar doido, mas seguro a onda. Cessou a diarreia que me acompanhava há anos. Sinto que ainda tenho um ponto interno na alma, que se alguém pudesse tocá-lo me faria chorar muito e curaria a minha dor. Nunca mais tive os sonhos de abandono com minha mãe”.

□□□

* Eliane, de 33 anos, inicia sua consulta em 19/8/99, com história de constipação intestinal severa, microvarizes e problemas circulatórios. Descreve um quadro emocional de agressividade extrema com as pessoas, ansiedade e medo de dirigir seu carro. Refere ter sofrido muito com insegurança, que se reflete no seu lado afetivo e profissional. Não é persistente e desiste no meio do caminho. Tem pânico de falar em público. A indicação médica foi orientada para uma série de 38MM.

Retornou em 2/1/2000, relatando estar bem melhor das varizes, dores nas pernas e constipação. Está se soltando muito mais, na esfera emocional. Teve uma fase inicial pelo segundo mês da medicação que estava muito agressiva, depois foi melhorando e agora está ótima. Já está dirigindo o carro, fica ainda um pouco apreensiva, mas vai em frente. E refere:

“Estou bem mais tranqüila e tudo que eu senti, como eu já fiz curso de Homeopatia, entendia como o caminho da cura. Antes eu tinha muitas dores de cabeça, depois da série dos fatores, só a tive fraca por três dias, depois não aparecendo mais. Eu sabia que era o caminho da cura.

Quando eu era adolescente, tive psoríase na cabeça e num ponto do pescoço, e nesse período apareceu igualzinha e sumiu em três dias e entendi que era o caminho da cura.

Senti que comecei a ter relacionamentos com as pessoas demonstrando mais afetividade e me toquei de como era chata com as pessoas e, principalmente, com a última com quem havia me relacionado afetivamente. Pude então compreender porque aquele relacionamento havia terminado. Não quis recomeçar um relacionamento novo, porque sempre me entrego demais e agora sinto que preciso estar comigo mesma para reestruturar algumas coisas na minha vida.

Sempre tive uma menstruação escassa, como borra de café, e para minha surpresa tem vindo com um sangramento vermelho e de aspecto saudável”.



* Carolina, de 30 anos, em sua primeira consulta em 8/6/99, queixa-se de menstruação muito longa com metrorragia que vem sendo regulada todos os meses com anti-hemorrágicos. Tem tido muita disenteria e tem tomado carvão vegetal. Anda muito estressada. Está há três meses sem trabalho, pois o banco em que trabalhava fechou. Além disso, o mercado anda muito difícil. Nesta fase emocional está muito descompensada. Tem tido muitos pesadelos. Quadros recorrentes de sinusite pós-resfriados. Sente desespero pela vida com sensação de sufoco. Tem de se conter, pois traz uma agressividade enorme nela mesma. Bate muito de frente com o seu pai, apesar de morar sozinha há algum tempo. Tem medo de realizar os seus sonhos. Antes de perder o emprego já vinha sob muito stress. Sente muita mágoa, tendo muita tendência a se sentir invadida pelas pessoas, o que lhe traz um forte sentimento de raiva, a ponto de perder o controle. É muito perfeccionista. Pareceu-me indicada, nesta fase, uma série de 35MM em 8/6/99 e uma 36MM para 7/9/99.

Retornou em 21/9/99 com o seguinte relato: “Estava fazendo entrevistas há dois meses para um emprego e, dois dias depois da primeira série, o cara me chamou. Fiquei chocada. Fiquei com muita rinite e sinusite logo depois da série e em seguida passou. Houve dias em que botei muita raiva pra fora com vontade de socar as paredes e, às vezes, agredia verbalmente as pessoas sem me dar conta na hora, mas depois fiquei bem. Estou ficando mais em casa, lendo muito e num processo de interiorização muito grande. Já faz muito tempo que não sei mais o que é virar uma noite na rua, meus programas estão super ligths. Estou como se quisesse me conhecer dos pés à ponta do cabelo, para mudar o que deve ser mudado. Ainda me sinto muito ferrada no pessimismo. Fiquei muito triste, porque depois da segunda série alguns velhos amigos sumiram como se algo estivesse se renovando. Apesar de ter sido sempre muito fiel, passei a não querer mais ficar insistindo e andando atrás dessas pessoas querendo vê-las, como antes eu fazia. Por um lado é uma renovação, mas ao mesmo tempo esse processo me trouxe muita dor”.

Paciente apresentou um forte quadro de gripe em final de novembro e foi prescrita uma série de 40MM. Na consulta seguinte, em 5/1/2000, descreve: “Estou muito impressionada com este tratamento, pois estava insatisfeita quanto àquele último trabalho que arrumei, pelo fato de ser tranqüilo demais e de não me trazer desafios. Eis que depois da série de novembro, fui chamada para um outro trabalho numa grande empresa, onde impus minhas condições de horário e os caras aceitaram. Disse que tinha de sair mais cedo dois dias na semana para fazer um curso, e estou usando um dos dias

para fazer minha pós-graduação e o outro dia para o curso de Astrologia que é o meu sonho de futuro. Sempre que eu tomo uma série destas, acontece uma grande mudança para mim, e isto é uma piração.

Nesse novo trabalho a exigência é enorme e na realidade é só desafio. Às vezes saio do trabalho à meia-noite e estou tentando pegar um ponto de equilíbrio frente à insanidade que grassa na minha sessão de trabalho. Meus chefes não sabem o que querem e os trabalhos são feitos e refeitos, pois não se tem objetividade em cima das necessidades.

No entanto, na reunião em que meu chefe pediu para que as pessoas se colocassem, apesar de todos passarem o dia reclamando, eu fui a única que teve a coragem de abrir a boca e se colocar, falando com tranquilidade da incoerência e da desorganização no planejamento das tarefas. O chefe ficou desconsertado, pois não esperava que alguém com apenas dez dias de trabalho tivesse a segurança de se colocar daquela forma, e terminou dizendo que ia tentar melhorar o esquema de trabalho. Eu fiquei bastante surpresa comigo mesma, frente à clareza e à tranquilidade como coloquei o problema para os meus superiores. Impressionou-me também como aquela colocação mexeu com as pessoas. Os chefes, no dia seguinte, saíram por dez dias de férias, e agora veremos o que vai acontecer”.

Relatou ainda que seus amigos mudaram, que sua vida mudou muito afirmando: “Eu vivo mais o meu dia, e estou com uma vida mais saudável. Me considero mais inteira, como jamais fui. Não fico mais pensando sem parar. Me considero outra pessoa. E não tenho mais medo de dizer não, quando necessário, para as pessoas de que gosto. Mas ainda tenho um medo, de estar com estas conquistas e perdê-las amanhã, ou ainda de não conseguir mantê-las. Medo de perder essa paz interna que eu consegui.”

Em início de marco, encontrei esta paciente numa feira de artesanato. Relatou-me que, um mês depois de ter estado no consultório, recebeu uma super proposta de trabalho para outro estado brasileiro, proposta irrecusável, e que isto estaria representando uma mudança radical de vida. Disse-me entre risos: “Acho bom agora a gente dar um tempo para a próxima série, porque senão vou terminar sendo chamada para trabalhar fora do país”.

□□□

* Francisca, uma senhora de 60 anos, inicia as suas queixas em 11/8/99, descrevendo um quadro de asma e bronquite. Usava broncodilatadores e corticóides diariamente há um bom tempo. Reclamava de uma enxaqueca que a perseguia há anos, de artrite reumatóide, de insônia que a acordava durante a noite. Ela não conseguia mais retomar o sono. Às vezes se vê muito magoada com as pessoas e tem mania de ajudar a todo mundo. Foi prescrita para o caso uma série de 37MM.

Retornou à consulta em 5/1/2000, relatando que nunca mais teve asma e que não tem acordado no meio da noite. Afirmava não ter tido nenhuma dor de cabeça sequer, e que havia ficado mais calma. Com suas palavras relata: “Acho que me sinto toda bem melhor, não sei definir no que, mas toda melhor”.

□□□

* Já o caso descrito por Cecília, na época com 64 anos, tinha como principal problema uma artrite reumatóide de longos anos. Iniciou seu tratamento em 15/5/99, queixando-se de perda das forças nas pernas, dores articulares difusas, rinite alérgica, constipação. Dizia acordar muito durante a noite, queixava-se de taquicardia e sentia-se muito magoada com as coisas. Relatou ainda agonia nas pernas com dor quando se movimentava. Às vezes apresentava o emocional muito agitado, tendo muitas chateações na vida conjugal e familiar. Sentia-se muito presa, pois o marido não gostava de sair. Foi-lhe indicada uma série de 34MM.

Seu retorno aconteceu em 21/1/2000 descrevendo seu quadro atual: “Fiquei bem de tudo e só esta semana que voltei a sentir alguma palpitação. Acho que tenho mais controle emocional, e tenho me desligado mais dos problemas dos enteados. Agora vejo que cada um é grandinho demais para eu andar me metendo. Antes eu ficava mais estressada que eles próprios com seus problemas, e isto não é bom. Estou mais em paz comigo mesma”.

□□□

*Aos 53 anos, Teresa começa seu relato dando ênfase ao seu aspecto emocional, absolutamente consciente de que seus sintomas físicos eram derivados diretamente da problemática que vinha enfrentando. Referia um quadro de enxaqueca crônica, rinite alérgica, rouquidão constante, dor no cóccis há 20 anos e edema palpebral importante. Está há dois anos na menopausa, com sintomas de sudorese profusa, e intensa angústia. Acordou outro dia com a sensação de que ia enfartar, pois se encontrava no seu limite físico e mental. Achava até que já havia morrido e acabado para a vida (sic). Andava muito medrosa e angustiada, com medo de perder as pessoas que ama. Teve uma briga com a filha e passou uma noite inteira acordada. Reclamava do marido, sentindo-se injustiçada pela vida, pelo fato de terem perdido todo o patrimônio, situação que a abalou profundamente. Perdeu muito da sua vaidade de mulher, não querendo mais comprar nada, e nem fazer nada por ela mesma. Com baixa estima, vivia uma sensação de abandono. Queria trabalhar por prazer, e agora teria de trabalhar para sobreviver. Sentia vontade de largar tudo e sumir. Sentia medo de ter um enfarto e ficar toda torta. Referia-se a um bolo na garganta, por causa da angústia. Foi prescrita uma série de 37MM no dia 12/8/99.

Retornou em fevereiro de 2000, relatando que a sua angústia havia melhorado bastante. Em janeiro, a filha foi assaltada e reagiu de uma forma que ficou surpresa consigo mesma. Conseguiu ter equilíbrio com a notícia. Da mesma forma, no dia seguinte soube que a irmã estava com um nódulo maligno na mama e conseguiu receber tudo com muito equilíbrio emocional. Contou estar trabalhando quase 24 horas por dia, direto. Sente muito cansaço, mas está conseguindo passar por tudo isso. As angústias e as tristezas passaram e ainda tem dores na musculatura das costas pela postura do trabalho. De repente está horrorizada por fumar, apesar de fumar há trinta anos. Relata estar superando melhor a sua mágoa e acha que o emocional não está tão à flor da pele. Parou com “a choradeira”. Acha que está conversando melhor com a família. E descreve: “Só agora faço idéia de como estava mal, pois naquela época eu pensava muitas vezes em me jogar da janela. Estou trabalhando que nem uma louca para superar nossa crise, mas estou bem e superando tudo. Ainda acho que me usam, mas isso não me dói mais emocionalmente e não dou mais importância. Eu estava sempre hipervalorizando as coisas sem importância. Continuam me usando, mas agora consigo dizer não, o que antes não conseguia. Acho que as coisas em volta não mudaram tanto, mas eu é que consigo ver de outra forma. Estou tão melhor, que não dou mais a importância que dava para as coisas que me chateavam. Minha enxaqueca acabou e a taquicardia também.”. Quando perguntei sobre os outros sintomas físicos, haviam desaparecido com exceção da rouquidão, do bolo na garganta e do pigarro que haviam melhorado consideravelmente, mas ainda os sentia ocasionalmente. O sono havia se normalizado e nunca mais havia tido os sonhos angustiantes de antes.

□□□

*Dei muitas gargalhadas gostosas, com o relato de Beatriz que me procurou pouco antes de viajar para os EUA, para uma estada de, no mínimo, 3 anos naquele país. Sua história clínica incluía infecções urinárias de repetição, depressão e irritabilidade na TPM. Como era de se esperar, uns dias após ter sido medicada com a série dos fatores

na potência de 40MM, já residindo nos EUA, fez uma agravação homeopática, que, no seu caso, determinava uma infecção por Escherichia Coli, com uma cultura urinária 500.000 de colônias/mm³. Como neste dia casualmente sua mãe estava embarcando para vê-la, pedi que levasse os sete fatores em 12 CH para medicá-la logo no dia seguinte.

Na manhã do outro dia, recebi seu telefonema dos EUA, dizendo que havia ido a um clínico na noite anterior. O médico lhe dissera que, se não tomasse antibiótico naquele dia, poderia lesar gravemente seu rim e que Homeopatia ou nada seria a mesma coisa. Colocou a paciente em pânico e ela teve de escutar mais uma destas histórias cansativas e caducas de que Homeopatia é uma questão de fé, que não passam dos glóbulos das bruxas ou qualquer argumento que comumente os ignorantes sobre o assunto estufam o peito para contar.

Escutei a conversa tranqüila e perguntei se os remédios em 12CH já haviam chegado às suas mãos. Com a resposta positiva, sugeri que preparasse um método plus na água e que tomasse uma colher de sopa da solução de hora em hora no primeiro dia, passando a 3 em 3 horas por mais três dias. Sugeri, então, que repetisse a cultura de urina. Essa, obviamente, deu negativa. Não preciso contar aos leitores o motivo da gargalhada final.

Acho que já é tempo de se acabar com este estigma que coloca Homeopatia atuante apenas em quadros alérgicos e deve-se olhar com seriedade esta questão, já que hoje mesmo, dia 12/6/2000, as manchetes mundiais lançaram a notícia de que as doenças, antes curáveis com as medicações convencionais, agora se mostram resistentes. Os antibióticos de última geração começam a se mostrar ineficazes, o que é demonstrado pelas altas taxas de mortalidade por infecções hospitalares em todo o mundo, incluindo os países mais desenvolvidos.

Posso afirmar que este quadro não passa de resultado do descaso pelo que acontece no nível de nossos campos sutis. A lei de causa e efeito cursa implacável e cabe à ciência corrigir o seu rumo. O noticiário de forma estranha ainda dizia que os ricos tomavam remédios demais e por essa razão as doenças retornavam. Por outro lado, dizia que os pobres não terminavam corretamente os tratamentos e, por isso as doenças reincidiam. E eu pergunto o que acontece então com a classe média? Já que é uma maioria expressiva na sociedade, deveriam então gozar de saúde plena e absoluta, se esse raciocínio tivesse alguma coerência. Isso é particularmente estúpido e revoltante, pois a mídia coloca a população como responsável pelo caos imaneente na Medicina Alopática que, atualmente, está colhendo, simplesmente, os frutos da sua inconseqüência. Não é justo que, a esta altura do jogo, a mídia tente covardemente inverter os papéis. Na tentativa de encobrir a desmoralização de um sistema que todos sabem estar irremediavelmente falido, coloca a população como responsável pelo caos, quando, na realidade, esta população mundial é a única vítima. Fica aqui o meu repúdio e o meu alerta aos mais e aos menos avisados.



* Gostaria, dentro deste tema dos quadros agudos, de citar um exemplo bem característico, que ocorreu com o menor Matheus de 4 anos. Sua mãe procurou-me para me falar de um quadro de gripe bastante importante que ele havia contraído na última semana (junho de 2000). Como tinha uma série dos fatores na potência de 42MM em sua casa, foi administrada imediatamente. No dia seguinte, pedi que fizessem os fatores em 12 LM., na ordem correta, medicando-o 4 vezes ao dia. Matheus teve uma melhora inicial do quadro, ficando dois dias sem febre. Então a gripe retornou com um quadro catarral de vias aéreas superiores. Foi solicitado um Raio-X dos seios da face que confirmou sinusite importante com velamento total dos seios frontais e paranasais bilaterais. A febre seguia baixa por três dias e seu estado geral parecia um tanto abatido. Já começava a se alimentar mal.

Achei prudente entrar com outra potência alta, já que vinha fazendo o 12LM nos últimos três dias sem uma resposta significativa. Entrei com a série dos fatores de 45MM. Três horas após, comecei novamente o 12LM, fazendo os sete elementos 4 vezes ao dia. Aproximadamente seis horas após a entrada do 12 LM, a mãe me ligou impressionada dizendo que, de repente, o filho ficara totalmente bom. Queria saber como em seis horas alguém poderia ter ficado totalmente bom de uma sinusite que havia sido radiografada naquela mesma manhã. O menino não tinha sequer nem a obstrução nasal costumeira desta época fria do ano e já havia pedido a refeição como se nada tivesse acontecido.

O relato desse caso torna-se interessante pela demonstração da atenção necessária em relação aos sistemas de escoamentos de energia que podem ocorrer também nos casos agudos. Chama também a atenção para a flagrante importância das altas dinamizações para mobilizar novamente uma mudança de padrão que, em alguns casos, pode exigir uma ação imediata. A medicação em 12 LM, que antes aparentemente já não surtia mais efeito, depois da série em alta dinamização, passou a atuar de forma precisa e veloz. Isso confirma os dados de que a baixa dinamização isolada significa apenas uma forma paliativa e, muitas vezes, ineficaz de atuação, especialmente em casos agudos.

Nesse aspecto de abordagem para a cura, o conceito atual de complementaridade que, no presente caso evoca a necessidade tanto da expansão quanto da cristalização do biocampo, torna-se uma exigência absoluta para a efetiva estabilidade e resposta dos centros vitais e sistemas de defesa em direção à homeostase.



* Ainda relacionado ao menor Mateus, citado no testemunho anterior, procede um relato interessante sobre a história do caseiro de sua casa de campo, antigo empregado e amigo da família. A mãe de Mateus, em novembro de 98, chega ao consultório bastante aflita, suplicando por uma série dos fatores para o seu caseiro que se encontrava internado há três meses, tendo estado os últimos 40 dias no CTI, devido a um quadro de Pancreatite por alcoolismo. Relatou que Alfredo, com 1,9m. de altura, se encontrava agora com 46 kg, entrando num quadro de septicemia que já não respondia a nenhum antibiótico. Disse-me que já havia recebido o comunicado de que seu quadro era terminal e grave.

Como nesta ocasião eu ainda não usava a técnica da cristalização, foram prescritos apenas os fatores na potência de 34MM. No dia seguinte à medicação, Alfredo apresentou forte agravação do quadro, seguida, nas 24 horas seguintes, de uma melhora tão surpreendente que, no terceiro dia após a medicação, foi conduzido do CTI para o quarto. Para a estranheza dos médicos que o atendiam no CTI, os mesmos antibióticos, que antes não estavam fazendo nenhum efeito, passaram misteriosamente a atuar. A medicação alopática foi mantida e, quando a família de Mateus retornou ao sítio na quinzena seguinte, para surpresa e grande emoção de todos, Alfredo veio abrir a porteira para recebê-los. Esse paciente efetivamente era terminal, sem nenhuma resposta imunológica e já apresentando inoperância de vários sinais vitais. Na fase de recuperação, superou completamente o alcoolismo e, no terceiro mês após a crise, já estava com o seu peso normal.

No ano seguinte, minha paciente pediu um reforço de série para Alfredo. Foi feita a 40MM. Depois dessa medicação, ele teve um dia de mal-estar na região do pâncreas. No dia seguinte, reverteu espontaneamente. Desde então, está bem, liberto do alcoolismo e, atualmente, pesando em torno de 90 kg.

Esse testemunho procede de uma escolha entre tantos relatos para trazer à consciência dos profissionais de saúde a real possibilidade de atuação nos casos de dependência química, tabagismo e estados compulsivos, que refletem, em última instância, bloqueios importantes no nível dos centros consensuais de consciência.

No caso de Alfredo, por exemplo, encontramos o alcoolismo, que reflete um profundo desequilíbrio no terceiro centro consensual de consciência ou plexo solar. Por sua vez, esse centro governa os órgãos digestivos, incluindo o próprio pâncreas. Então o desequilíbrio não passa a ser visto como o alcoolismo que gerou a pancreatite, e sim o desequilíbrio no plexo solar, que gerou o alcoolismo e por fim a pancreatite.

De fato, abre-se uma nova perspectiva consciente sobre a responsabilidade da Medicina no destino da humanidade, em vista da clara observação de que não basta atacar a problemática das drogas apenas no controle do tráfico, e sim se criar a visão sistêmica de que a resolução estaria verdadeiramente na cura dos adictos. O dia em que não houver mais um adicto no mundo, não haverá mais drogas no mundo, conscientização que se faz urgente nos dias de hoje, já que a fonte geradora de toda a questão segue sendo a angústia existencial dos homens.



*O caso de Ruth, de 56 anos, procedia de um golpe que sofrera do destino, com a morte de sua mãe. Seu quadro clínico era descrito com sintomas de herpes na coxa e nádegas recidivantes, urticária no abdome, muitos calores, labirintite, eczema alérgico que agrava com chocolate. Chorava muito pelo falecimento da mãe, ocorrido recentemente. Reclamava estar tudo ruim na sua vida. Estava sem via e direção e dizia ficar tentando acalmar toda a família, também desestruturada em meio a este processo de perda. Acordava à noite por conta dos calores. Comia por ansiedade e mantinha uma diurese aumentada. Tinha a sensação de perder o chão por falta da mãe, pois ela é quem lhe dava apoio e lhe levantava das difíceis situações. Foram indicadas umas séries de 35MM em 28/6/99 e 36MM para 28/10/99.

Retornou para acompanhamento em 28/1/2000 com o seguinte relato: “De setembro para cá sinto que estou renascendo em tudo; intelectual, física e emocionalmente. Meus medos, choros, prantos e minha ansiedade estão diminuindo. Depois de meu aniversário (26/10), me sinto rejuvenescida, e antes eu me sentia uma mulher que estava sucumbindo. À noite durmo tranqüila, apenas uma velha dor no ombro ainda me incomoda um pouco, mas não estou sentindo mais nada. Eu achava que nunca mais ia sorrir, mas recuperei a minha alegria interior”.



*Com muitas queixas, Sandra procurou-me para primeira entrevista em novembro de 97. Com 28 anos na época, relatava um quadro de Síndrome de Gilbert, com uma icterícia crônica (++) , com taxas de bilirrubinas altas. Queixava-se de ovário policístico, amenorréia, acne, enjôo, mal-estar constante e hipertricose. Referia já ter tido episódios de depressão, uma das vezes muito grave, e ter cursado por um período de oito meses. Muito ansiosa e angustiada, descrevia uma tendência a guardar mágoa silenciosa em relação a muitos episódios de seu passado. Mostrava-se muito inconformada com as coisas, emotiva e com extrema irritabilidade em lidar com as pessoas e situações de vida. Referia estar cansada dos problemas. Ficava com aquele “ranço” do passado e mostrava-se muito autoritária com as pessoas.

Foi prescrita inicialmente uma série de 13MM.

Retornou em 12/12/97, dizendo que nos primeiros dias alternara muito, entre ficar muito bem e muito mal, o que depois foi se estabilizando. Agora estava bem

melhor no geral. Sentia-se mais disposta e não ficava tão irritada. Resolveu mudar de área de trabalho e estava desenvolvendo novos projetos. Já estava conseguindo se organizar. Preocupava-se com o futuro, porém sentia que estava aprendendo e enxergando coisas novas que antes não via. Dava-se conta de que era muito séria dentro de casa e queria mudar essa condição. Como a medicação era muito recente não fiz outra série e deixei o quadro continuar seu processo.

Retornou em 26/6/98, afirmando que sua vida vinha caminhando bem, mas que se encontrava estressada por excesso de trabalho e que desejava ficar mais tranqüila. Foi indicada para esta fase uma série de 24MM em 26/6/98 e uma série de 25MM para 25/10/98.

Retornou em fevereiro de 99 relatando que esteve um período muito sobrecarregada de trabalho e que depois de outubro melhorou. Achou que estava tudo bem. Apenas a menstruação atrasando um pouco, e por um período de poucos dias. Acne também retornara um pouco. Muito melhor do quadro icterico com normalização das taxas hepáticas. Referiu ter dado uma guinada grande na vida e que os problemas deram uma melhorada, não tendo tido mais depressão. Foram prescritas umas séries de 31MM em 11/2/99, e uma outra de 32MM para 11/7/99.

Retornou em 27/1/2000, com o seguinte testemunho: “Atrasei as séries, e apesar dessa bagunça com as datas da medicação, consegui melhorar tanto, imagine se tivesse tomado certo. Acho que estava dura demais com a minha vida, ficava atrás de tudo e me sentia sobrecarregada. Agora o que dá eu faço, o que não dá eu relaxo. Entrei na minha. Equacionei tudo para conseguir viver bem com o que dá, e ficou tudo relax. Ficava querendo muita coisa e pressionando meu companheiro. Agora compreendi que a pessoa pode dar o que ela pode, e o que não pode, não pode. Entendi que cada um tem o seu tempo, que eu gosto do meu marido, e que ele é um cara legal. Enxerguei o lado bom dele. Então consegui criar um novo relacionamento com a casa, vendo o marido de outra forma. Aquele dia a dia de querer cobrar do outro, não existe mais. Acho que pude encontrar o meu espaço interno a partir desta distância, e consegui ver o outro de outra forma”.

□□□

*Cristian foi o caso que mais me comovera em todos os meus anos de clínica homeopática. Frequentemente, quando o atendia, pensava, silenciosamente em meu coração, que se um dia pudesse verdadeiramente ajudá-lo na libertação de seu sofrimento, ele sozinho teria me trazido a compensação interna por estes anos de jornada. Nosso primeiro encontro, em set/98, mobilizou-me muito, pois ele, na época com 21 anos, relatava com extrema dificuldade seu quadro de gagueira acentuada e de todo o sofrimento que esta situação lhe acarretava na vida. Era visível o seu esgotamento emocional diante deste sofrimento que enfrentava desde a infância e, principalmente nos últimos 5 anos, situação que vinha fazendo da sua vida um verdadeiro inferno (sic). Havia interrompido seus estudos há dois anos, devido aos constrangimentos que vinha experimentando no convívio social. Ficava totalmente paralisado quando perguntavam seu nome, e isso ia acentuando cada vez mais o trauma ocasionado pela gagueira. A timidez o havia aprisionado em padrões emocionais, mentais e sociais que exprimiam uma significativa limitação que, em última instância, trazia um conteúdo interno de pânico em relação ao futuro, isolamento social, perda da motivação para os estudos e depressão.

Ao longo destes dois últimos anos foram realizadas sucessivas prescrições e um constante acompanhamento de sua evolução clínica. Observou-se claramente uma melhora progressiva de todo o seu perfil físico e emocional. As séries de fatores

administrados neste período foram: 31MM (15/9/98) 34MM (27/3/99) 35MM(10/5/99) 38MM(10/8/99) 42MM (31/1/2000).

Na última avaliação clínica, em fev/2000, já referia uma melhora de 70% na gagueira. Relata já ter cursado a escola normalmente no último ano, e ter começado um relacionamento afetivo. Chegou ao consultório acompanhado por um amigo. Menos isolado e muito mais integrado no social. Ele mesmo muito impressionado com a sua melhora, dizendo que havia se livrado do desespero em que vivia. Mesmo não estando ainda totalmente curado, verbalizou que, com o que conseguiu, já daria para viver muito bem e feliz.

□□□

*Eulália iniciou o tratamento em junho de 98, com 41 anos, e sua queixa principal era um cisto de ovário de 4cm, e um mioma de 1,5 cm. Reclamava de muita TPM, que agravava toda a sua sintomatologia física e emocional. História de crises intensas de enxaqueca crônica de muitos anos. Plenitude pós prandial, enjôo e constipação intestinal importante. Referia dor em hipocôndrio direito de longa data, com peso nas pernas. Faringite crônica e intensa claustrofobia. Descrevia seu quadro emocional dentro de um conteúdo de muita tensão e angústia, com profunda insegurança frente a situações desconhecidas. Medo de criar coisas novas, expressando um conteúdo de temor frente à sensação constante de incapacidade. Referia ficar calada quando contrariada, engolindo sapos freqüentemente (sic). Foi indicada uma série de 20MM em 17/6/98 e uma série de 28MM em 7/8/98.

Retornou em 15/9/98, com melhora de todos os sintomas com exceção da constipação, da TPM e do mioma. O cisto de ovário já havia regredido parcialmente. Todos os sintomas emocionais haviam desaparecido. Paciente em geral muito bem. Foi prescrita para 7/12/98 uma série de 30MM, uma série de 32MM em 9/2/99 e uma série de 33MM pra 9/7/99.

Retornou ao consultório em 16/11/99, trazendo os exames que confirmavam o desaparecimento do cisto de ovário e do mioma. Muito bem emocionalmente, segura na sua parte profissional, nunca mais apresentou nenhuma enxaqueca, ou algum sintoma digestivo. Relatou apenas uma certa constipação, e uma TPM mais leve, e que retornava a esta consulta a fim de zerar estes sintomas.

□□□

* Muito interessante a vivência de Márcia, de 38 anos, que iniciou tratamento com história de crises de pânico, e sensações estranhas. Encontrava-se num processo interno difícil que a impedia de processar essas questões internas de forma coerente. Iniciou tratamento com queixa de muita tonteira no pré-menstrual. Trabalhava grupos de Yoga e vivências corporais e não vinha conseguindo desenvolver seu trabalho como gostaria. Muitas crises de ansiedade que a levaram a chupar balas de menta de forma compulsiva. Sempre se achou uma estranha no ninho. Foi prescrita uma série de 40 MM (22/12/99).

Em seu retorno em 22/2/2000 descreveu: “Quando tomei a série, senti que estava sendo operada em vários pontos, e depois disso as coisas começaram a ficar mais claras para mim. Não se consegue mais vedar os olhos diante do processo. No nível do pânico estou bem melhor, mais inteira e com mais confiança. Reconheço a ansiedade. Antes eu não sabia o que era pânico e o que era ansiedade. Hoje eu converso com ela, e sei a natureza de cada emoção que se apresenta. Estou mais consciente e sei que tenho uma coisa muito grande a realizar. Sensorialmente estou com uma percepção maior, e tenho me colocado mais em relação às pessoas, coisa que antes não fazia. Fiquei muito

impressionada com a sincronicidade que rolou para que eu montasse a minha sala de trabalho para as minhas terapias e classes de bioenergética. A coisa da sala pintou misteriosamente, e foi aparecendo tudo; a sala, o fiador, as pessoas que iriam me ajudar, como se fosse estabelecendo um movimento grandioso de tudo que ia se fazendo necessário. Uma coisa de estar com a pessoa precisa e de repente surgir uma coisa do nada, em direção a você, para compor a sua história. Essa sincronicidade é um movimento grandioso para mim, parece mesmo que recebi um tapete mágico”.



*A menor Juliana, depois de uma longa jornada pela cura de seus sintomas, iniciou seu tratamento homeopático, em maio de 97. Na época com 7 anos, relatava uma história de hidronefrose bilateral e uretra bífida. Foi descrito um quadro de infecções urinárias freqüentes por *Proteus* e *Enterobacter*. Perda espontânea da urina todo o tempo, que a obrigava a usar fraldas descartáveis em tempo contínuo. Essa condição gerava muitos problemas emocionais e no convívio social com os amigos, criando situações de constrangimento para a criança. Queixava-se ainda de amigdalite e otite que ocorriam freqüentemente e eram tratadas com antibioticoterapia. Foi prescrita uma série de 10MM em 21/5/97.

Retornou em 29/9/97, referindo ainda infecções recorrentes agora por *Escherichia Coli*, que uma vez fora controlada com os sete fatores em 6 LM e outra vez com uma série de fatores de 11MM. Uma última crise ocorreu quando estava viajando e foi usada antibioticoterapia. Depois da tomada de antibiótico, a criança teve uma regressão no emocional, passando a ficar muito sensível e emotiva, dizendo que tudo a incomodava. Continuava a incontidência urinária. Nas culturas de urina, obtinha-se nessa fase a *Escherichia Coli* em torno de 750.000 colônias por campo. Relatou, neste período, aparecimento de um eczema nas dobras dos cotovelos. Foi indicada uma série de 15MM em 29/9/97.

Retornou em 27/4/98, contando que, em janeiro de 98, fora a data em que se constatou pela última vez a *Escherichia Coli* na urina. O odor forte constante na urina desde a tenra idade, havia desaparecido. Estava bem no colégio e o emocional indicava que a criança estava em bom estado de equilíbrio. No entanto, ainda não queria sair sem a fralda descartável, apesar de já apresentar uma melhora significativa na perda involuntária de urina. Foram programadas duas séries para esta fase; uma de 22MM para 27/4/98 e uma segunda de 23MM para 27/7/98.

Retornou em 8/10/98, relatando uma fase bem melhor. A criança já passava um bom tempo sem perda espontânea de urina, esboçando um bom controle de esfíncter urinário. Relatou alguns episódios de resfriados e dores de garganta que cederam com medicação corriqueira à base de ervas e tinturas naturais. Para a nova fase de tratamento foram indicadas as séries: 32MM para 8/10/98, 33MM para 23/11/98.

Retornou em 19/5/99, referindo não ter tido mais nenhum quadro infeccioso, porém ainda com incontidência urinaria durante o dia, o que vinha chateando muito a menina. Emocional bom. Relatava apenas não querer dormir na casa de ninguém, devido ao seu problema. Foram prescritas duas séries; uma 34MM em 19/5/99 e 35MM para 19/9/99.

Voltou para nova avaliação em 12/4/2000, descrevendo ter passado todo o ano inteiramente assintomática. Não apresentou um resfriado sequer. As culturas de urina mostraram-se negativadas por todo o período. A fralda descartável foi inteiramente abolida e, durante o dia, quando saía de casa, usava apenas um absorvente mini que, em geral, retornava seco. Apresentava controle muito bom do esfíncter urinário. Usava

normalmente o banheiro da escola, o que antes era difícil para ela. Escolaridade excelente, sentia-se feliz e mais integrada socialmente.

□□□

* Carmem, de 32 anos, iniciou tratamento com história de miomas, sem outros sintomas correlatos. Queixava-se de trabalhar num local extremamente estressante, e queria passar para a área de produção de artes, buscando muito esta transferência. Relatava que não sabia ser gentil com sua mãe, e se sentia culpada por isso. Queria participar mais da vida com a sua mãe e não conseguia, ficando irritada com o carinho dela. Agravava com consolo. Tinha andado muito friorenta. A indicação, no caso, foi uma série de 34MM em 2/6/99 e uma 35MM em 2/9/99.

Retornou em nov/99, relatando que havia conseguido a transferência no trabalho e que começava uma nova fase na sua vida. O relacionamento com a mãe ainda não havia melhorado e continuava sem paciência. Seu trabalho agora era mais desafiador, mas por outro lado mais tranquilo. Foi indicada uma série de 40MM em 7/11/99.

Retornou ao consultório em 22/2/2000, referindo estar melhor da sudorese e muito melhor em relação à mãe. Este fim de semana havia saído com ela para passear na praia e haviam conversado muito. Estava saindo com a mãe, mas o seu carinho ainda a irritava, porém estava conseguindo se trabalhar interiormente. Pintavam agora planos para viver e trabalhar na Europa e as coisas estavam criando um movimento interessante. Relatava a sua surpresa por seus pais terem achado legal o fato de ela começar a vida noutro país. Além disso, descobriu um grande amigo que também estava indo e que, certamente, iria lhe dar cobertura por lá. Terminou sua consulta de despedida com o seguinte relato:

“Tenho olhado a minha vida com o coração agradecido o tempo todo, às alegrias, e aos amigos. Tenho a impressão de que estou planejando, este ano, dar um salto no ano que vem. Estou tão direcionada para este encontro comigo mesma. Acho que a parte afetiva não vai rolar por aqui. Por isso não tenho vontade de ir à boate, pois acho que não é por aí. Não estou mais me preocupando com isto, pois tenho de descobrir o meu mundo, estou construindo o meu mundo, para que depois eu possa viver as coisas desse mundo novo. Isso é tão forte, que a construção está num momento em que eu não posso me dividir, não quero ficar me perdendo em arestas. E quando acontecer o que está para acontecer, sei que vai ser forte e grande. Sempre fui uma pessoa ansiosa e sempre projetava o que estava na frente, nunca valorizando o meu momento presente. Estou sentindo que estou mais no presente e sinto o coração enorme, inchado de energia, estando no presente e reconhecendo a minha criação. Reconheço que aquilo que um dia eu quis é aquilo que eu estou vivendo hoje, e é legal poder reconhecer isto com o coração e os sentimentos. No passado, eu tinha uma amiga que certa vez me falou que eu cansava as pessoas porque nunca chegava ao que queria. Agora eu reconheço a felicidade que tenho hoje e eu valorizo isso. Às vezes sinto amor por todo mundo e acho que todo mundo é para ser amado. Fico achando todo mundo fofo e penso hoje que a função do meu mioma na minha vida foi chegar a este tratamento e a este encontro comigo mesma”.

Pertinente é dizer que diante desta proposta de acesso aos padrões de auto-organização, temos a chance de contemplar diariamente no nosso compromisso de vida como médicos o testemunho de cura daqueles que nos foram enviados pelo Grande Mistério, a fim de serem assistidos nos caminhos da individuação. E, dessa forma, a análise de atitudes e fatos ocorridos no processo existencial de cada indivíduo em tratamento deixa

evidente a constatação de que o salto quântico de consciência é uma experiência possível de ser orientada pela arte da Medicina, conduzindo os seres rumo a novos padrões de abertura que apontam para as infinitas dimensões da existência.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o processo, quantas vezes eu pude pensar nesse momento mágico de ter a chance de agradecer de forma especial ao Grande Mistério, por toda a sincronicidade que me permitiu experimentar nesta Ciranda de vida. Às vezes me pergunto qual teria sido a causa prima desta história e percebo que se traduz numa hierarquia entrelaçada de todos os amores que, desde sempre, foram traçados nesta teia da vida, compondo a criação mútua entre todos os seres.

Escorregando pelas teias do Universo, numa escolha feliz, aterrissei num país incrível, uma dimensão de amor que me abraçou, trazendo todos os amores que encontrei na vida, necessários para compor este traçado. Ao Brasil, este país Alquímico que conseguiu reunir em seu solo toda a alquimia necessária para concluir este trabalho, meu eterno amor e reverência.

A sincronicidade seguiu seu curso. Vi-me no colo de dois amores muito especiais, Felix Amorim e Antonieta Panfili. Gosto de chamar a meu pai de velho Felix, porque traduz o personagem de Hemingway, em *O Velho e o Mar*, alguém que lutou bravamente com o Grande Peixe nos mares da vida e soube trazê-lo para as praias das nossas existências. Hoje é um sábio que conta lindas histórias e cuja missão é apontar para os ideais significativos na vida de todos aqueles que o cercam. À Tonuccia, como é conhecida minha mãe, tenho a dizer que verdadeiramente é a pessoa mais incrível que conheci, pois, com sua faceirice, sua arte, seu canto e sua alegria sem fim, ensinou-me que esta vida é para ser celebrada. A este casal fecundo minha eterna gratidão. Eu os amo.

As dádivas seguiram seu curso e a rede de todos os amores me trouxe na juventude alguém muito especial, que se tornou cúmplice de todas as minhas viagens internas, meus sonhos e realizações. Hoje entendo que, quando se tem um sonho no fundo da alma e não se encontra parceria, os obstáculos tornam-se intransponíveis. E essa mão eu encontrei junto à minha, sempre. Queria agradecer a este homem, grande companheiro José Antonio Luderitz, pela confiança no processo, pela paciência na escuta de todos estes anos, pela coragem e disponibilidade em ser um experimentador voluntário, por seu amor e sua luz, sem os quais, certamente, teria caído nas armadilhas da desistência. A você, José, meu amor e gratidão eterna.

Agradeço aos nossos quatro filhos Sergio, Eline, Branca e Mainni, por toda a força que deram ao processo, compondo uma torcida jovem fundamental para manter acesa a chama do próximo passo. Costumo dizer que cada um dos filhos conseguiu trazer do céu um determinado elemento necessário para este trabalho; trouxeram a inspiração da água, o propósito do fogo, a aspiração do ar e a concretização da terra. A comprovação desta sincronicidade repousa no fato de que, quando estava na maternidade para ter a última filha, estava na iminência de acessar o último elemento. Sentia-me grávida de uma filha e de um processo que corria em paralelo. Nas primeiras horas, após ganhar a criança no hospital, recebi no quarto um rapaz desconhecido que veio falar sobre os cuidados com a criança e sobre fraldas descartáveis. Estava atormentada pelas dores que sentia do parto recente, mas conseguia ouvir aquele homem executando um verdadeiro show de sincronicidade. Falou por meia hora sobre a amônia, só me faltando dizer que o último medicamento que eu buscava era realmente Ammonium muriaticum, tal como eu suspeitava. Em meio a toda aquela dor, ouvia aquelas palavras que me traziam, como num flash de luz, a certeza absoluta no âmago do meu ser de que havia encontrado o último elemento. Saí da maternidade com minha filha nos braços e essa certeza no coração. Havia ocorrido dois nascimentos síncronos.

Gratidão também coloco aqui por toda a família, e em especial à minha irmã Josane de Amorim, por toda a força e carinho. À minha querida tia Lucia, minha madrinha e de todos, que me secretariou por estes vinte anos com uma dedicação sem fim; à Aceli Camuri pelo carinho que me assiste sempre no dia a dia do consultório, e a minha tia Pina pela certeza do apoio amoroso nas horas difíceis.

Gratidão profunda à minha sogra Myriam Conceição (in memoriam), cuja coragem e dignidade diante da doença e da morte criaram tal impacto em meu ser que, muitas vezes, me perguntava se esse não teria sido o sentido de toda essa história. A dor

de não ter podido ajudá-la na época creio ter sido a essência que me impulsionou para frente, nos momentos em que o mais fácil era desistir. De onde possa estar, receba meu amor e reverência.

Ao grande mentor de todo o processo, o primeiro alquimista homeopata, Samuel Hahnemann que, com sua genialidade ímpar, possibilitou essa nova presença sutil em nossas vidas. A todos os homeopatas de todas as épocas e gerações que sustentaram corajosamente esta bandeira, na certeza de um dia poder testemunhar o reconhecimento científico desta ciência. Gostaria de agradecer em especial à geração de médicos homeopatas brasileiros que, apoiados num profundo idealismo, regularizaram a Homeopatia neste país e, com extrema dedicação, formaram um número expressivo de especialistas nesta área médica. Gratidão especial ao médico Cláudio Araújo que, quando eu ainda cursava o segundo ano de Medicina, apresentou uma palestra no Sul do país para estudantes de Medicina, fazendo com que, naquele dia, através de seu idealismo e profundo amor pela Homeopatia, meu coração fosse flechado para sempre por essa ciência.

Profunda e especialíssima gratidão à Dra. Elizabeth Lira, por ter sido a primeira colaboradora, irmã, numa parceria de alma, através das experimentações que tivemos de elaborar em nós mesmas, por um longo tempo. A confiança que depositou nesse trabalho desde o início foi tão incrível, que é impossível calcular o tamanho dessa gratidão.

Gratidão e mais gratidão aos demais colaboradores que foram chegando através da grande teia; a Dra. Bertine Bezerra, médica holística a quem agradeço pelo lindo prefácio deste livro, além do vibrante entusiasmo e cumplicidade nestas pesquisas; um profundo agradecimento ao médico Mario Gonzalez que, de quando em vez me liga de São Paulo e nos divertimos com os milagres do mês. Pelo profundo apoio e carinho dos médicos Eduardo Curi, Andréa Paiva e Tereza Mitchel que integram este grupo de sete médicos, tornando as nossas reuniões uma perfeita demonstração da Holística entre os seres. Agradeço também a presença e a colaboração da psicóloga Elizabeth Salgado em todos os nossos encontros, assim como a física Ideny Iamez por suas contribuições profundamente estimulantes à caminhada.

Agradeço aos astrólogos Leda Maria e Clayton Fábio Oliveira pela correta orientação nas encruzilhadas do caminho. Posso dizer que acertaram sempre.

Agradecimento sincero à Vilma Panfili, a Ana Paula Jardim, a Carla M. Fontes, assim como a toda equipe de auxiliares, pela elaboração cuidadosa dos medicamentos homeopáticos ao longo destes anos, o que nos permitiu os resultados que obtivemos. Agradeço também ao meu primo Henrique Panfili pelo cuidado primoroso com os nossos dinamizadores, mantendo aquelas complicadas regulagens numa precisão divina.

Gratidão irrestrita aos físicos Amit Goswami, Ervin Laszlo, Fritjof Capra e Danah Zohar que me propiciaram a possibilidade de comprovar, cientificamente, o conteúdo destas pesquisas. Gratidão que estendo ao biólogo Rupert Sheldrake por sua genialidade e percepção, e também à médica Mona Lisa Schulz por sua abordagem transpessoal acerca dos centros consensuais de consciência. Reverencio muito especialmente ao médico alquimista Alexander Von Bernus, cujo livro me chegou às mãos numa tocante sincronicidade, que me abriu todas as pistas necessárias para o encontro dos fatores de auto-organização.

Gratidão a todos os seres que dedicam suas vidas ensinando os caminhos da transcendência e aos que, por sincronicidade, me tocaram profundamente naquilo que eu precisava aprender. Em especial, ao Psicólogo Transpessoal Roberto Crema, vice presidente da Unipaz do Brasil, que, através de seu livro e suas palestras, me inspirou, entre outras coisas, a tomar coragem e a lançar este trabalho. Sou-lhe eternamente grata.

Infinita gratidão ao casal alquímico, os artistas Miriam Leite e Dio, que das montanhas de Itatiaia no Rio de Janeiro inspiram os seres com suas iluminadas criações. Pela oportunidade e o presente recebido, que coloco como expressão, poesia e capa deste livro, meu eterno obrigado.

E, como não podia deixar de ser, uma gratidão profunda a todos aqueles para os quais, pelos quais e através dos quais tudo foi possível: nossos pacientes que, como diz Roberto Crema, são nossos amigos evolutivos que, muitas vezes, deixaram expresso a cada um de nós, médicos, a consciência e o imenso prazer de partilhar do processo. Agradeço especialmente a uma paciente muito querida, Lolla

Azevedo, que me acompanha desde os meus primeiros dias nesta arte, testemunhando cada passo do caminho. Certa vez numa consulta me disse: “Toda vez que venho aqui, você está sempre acrescentando uma coisa nova na medicação. Ao longo destes quinze anos, ela nunca foi igual. Sei que você está pesquisando alguma coisa e sei também que você vai conseguir chegar aos seus objetivos. Pode contar comigo para o que precisar. Saiba que me sinto muito feliz por ter a chance de colaborar de alguma forma”. Quando penso nessas palavras, sinto uma forte emoção no peito. E posso garantir que ela nunca poderá avaliar o que isso representou para mim naquele momento. À Lollinha, meu eterno obrigado.

Por essas razões, e por tantas outras que os mistérios do coração preferiram ocultar, seguem os caminhos na grande teia de amores e das infinitas conexões. Neste abençoado domingo, dia certo para uma ação de graças, estou aqui para agradecer, junto ao Grande Mistério, tal como sempre quis fazer um dia. Por tudo, por todos e por todas as coisas, realizo neste momento junto a esta Grande Vida minha profunda gratidão.

□□□

EPÍLOGO

CIRANDA ORIGINAL

O entusiasmo
como alegre energia
espraia-se pelas trevas
Exaltado turbilhão
jorrar potenciais

Vórtice de estrelas
em esplendor de alvorada
Explosão primordial
espiralando cintilações.

Ó, Luz além da luz
possa eu contemplar
reverente e encantado
Tua ciranda ritual
de cósmicas atividades

Ó, Lótus imperecível
faz incendiar em mim
Resplandescente
A aurora da intuição.
Desfrutar
Expandir a consciência
Fertilizar talentos natos
Cultivar a iniciativa criadora
Assimilar a unicidade e a
Transitoriedade de
Cada experiência da vida.

MIRIAM LEITE

Contatos com a autora:

HOMEOPATIAFAO@TERRA.COM.BR VISITE O SITE:

**WWW. HOMEOPATIAFAO.COM.BR OU
WWW.FATORESDEAUTOORGANIZACAO.COM.BR**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Berne, Eric. "Que dice usted despues de decir hola. Grijalbo. Barcelona.1974.
- Bhattacharyya, Benoytosh. "Tridosha and Homeopathy". KLM Private. Calcutta, 1985.
- Bhattacharyya, Benoytosh. "Septenate in Homeopathy". KLM Private. Calcutta, 1985.
- Bohm, David. "Quantum Theory" Englewood Cliffs N.J. Prentice Hall, 1951.
- Bohm, David e Peat, F.D. " Science, Order, and Criativity". Nova York. Bantam, 1987.
- Bergier, Jacques & Pauwels, Louis. "O Despertar dos Mágicos". Ed. Bertrand Brasil S.A., 1991.
- Bateson, Gregory. "Mind and Nature: A Necessary Unity" Dutton. Nova York, 1979
- Berman Morris. "The Reenchantment of the World". Nova York. Banta., 1984
- Bleger, J.; Giovancchini, P.; Grinberg, L.; Grinberg, R.; Horas, E.; Horas, P et alii. "La identidad em el adolescente". Buenos Aires, Paidos, 1973.
- Capra, Fritjof. "O Tao da Física". Editora Cultrix, 1980.
- Capra, Fritjof. "Bootstrap Physics: A Conversation with Geoffrey Chew", in Carleton de Tar, Jerry Finkstein. A Passion for Physics. World Scientific. Singapura, 1985; pp 247-86.
- Capra, Fritjof. "Pertencendo ao Universo". David Steindl-Rast com Thomas Matus. Editora Cultrix. 1999.
- Capra, Fritjof. "A Teia da Vida". Editora Cultrix. 1996.
- Capra, Fritjof. "Sabedoria Incomum". Editora Cultrix. 1980.
- Crema, Roberto. "Introdução à Visão Holística". Editora Summus, 1988.
- Crema, Roberto. "Saúde e Plenitude". Editora Summus, 1995.
- Edinger, E.F. "Ego and Archetype". New York, Putnam's Sons, 1972.
- Eliade, M, "O sagrado e o profano". Lisboa, Edições Livros do Brasil, 1956.
- Fröhlich, H. "Long-Range Coherent an Energy Storage in Biological Systems", in International Journal of Quantum Chemistry, Vol.2 pp.641-649.
- Fröhlich, H. "Coherent Excitations in Biological Systems", in F. Gutman e H.Keyzer (editores). Modern Bioelectrochemistry. 1987.
- Fröhlich, H. "Biological Coherence and Response to External Stimuli". Springer Verlag, Heidelberg 1988.
- Goleman, D. "Vital Lies, Simple Truths". Nova York: Touchstone. 1986.
- Goodwin, Brian. "Development and evolution". Journal of Theoretical Biology, 97 (1982).
- Ghatak, N. "Enfermidades Crônicas su Causa y Curacion". Editorial Albatros, 1989.
- Goswami, Amit,. "O Universo Autoconsciente". Editora Rosa dos Tempos, 1993.
- Graf Dürckeim, K. "El maestro interior- el maestro, el discípulo, el camiño". Mensagero. Bilbao. España. 1989.
- Hahnemann, Samuel. " Doenças Crônicas". Jain Publishing Co., 1984.
- Hahnemann, Samuel. "Organon de La Medicina". Ediciones Marite, 1967.
- Happe, Robert. "Caminhos para o Autoconhecimento". Seminário da Formação Holística de base. Unipaz. Brasília. 1989.

- Heisenberg, Werner. "Physics and Beyond". Harper & Row, Nova York, 1971.
- Hutin, Serge. "A Tradição Alquímica". Editora Pensamento. 1979.
- Ingalese, R. e D.L. Volpierre. "Alquimia". Editorial Sirio, España, 1986.
- Johari, Harish. "Chakras: Centros Energéticos de Transformação". Ed. Bertrand Brasil S.A..1991.
- Jung, Carl. G. "A dinâmica do inconsciente". Vozes, Obras completas, VI.VIII, Petrópolis, 1981.
- Jung, Carl.G., "O homem à descoberta de sua alma". Porto, Tavares Martins, 1962.
- Jung, Carl. G., "Sincronicidade".Vozes.1985.
- Jung, Carl.G., "A energia Psíquica". Vozes.1997.
- Kent, James T. "Matéria Médica Homeopática". Editorial Albatros, Buenos Aires. 1980.
- Kent, James T. "Filosofia Homeopática". Bailly-Bailliere, Madri, 1926.
- Kent, James T. "Homeopatia: Escritos menores, aforismos e preceptos". Ed. Albatros, 1981.
- Kant, Immanuel. "Critique of Judgment",1790, trad.Werer S.Puhar. Hackett, Indianápolis, Ind., 1987.
- Karagula, Shafica e Dora Van Gelder Kunz. "Os Chakras e os Campos de Energia Humanos". Ed. Pensamento.1989.
- Lad, Vasant. "Ayurveda, The Science of *Self-Healing*", by Lotus Press,1984.
- Laszlo, Ervin. "Conexão Cósmica". Editora Vozes,1999.
- Lao-Tsé. "Tao Te King. Alvorada .Sao Paulo, 1979.
- Lao-Tsé. "O livro do caminho perfeito". Pensamento, São Paulo, s/d
- Leloup,Jean-Yves; Hennezel, Marie. "A arte de morrer". Editora Vozes . 1999
- Leloup, Jean-Yves. "Caminhos da Realização". Editora Vozes.1998
- Marshall, I.N. "Some Phenomenological Implications of a Quantum Model of Consciousness". Minds and Machines,5,pp.609-620:1995
- Marshall, I.N. "Consciousness and Bose-Einstein Condensates". New Ideas in Psychology, vol.7, n 1, pp.73-83, 1989.
- Maturana, Humberto. "Biology of Cognition". Originalmente publicado em 1970, reimpresso em Maturana e Varela (1980).
- Maturana, Humberto & Varela, Francisco. "Autopoiesis". The organization of living, originalmente publicado sob o título "De Máquinas Y Seres Vivos". Editorial Universitária, Santiago, Chile, 1972; reimpresso em Maturana e Varela, (1980).
- Maturana, Humberto & Varela, Francisco. "Autopoiesis and Cognition" D. Reidel. Dordrecht, Holanda, 1980.
- Maturana, Humberto & Varela, Francisco."The Tree of Knowledge". Shambhala, Boston, 1987.
- Muszkat, Malvina. "Consciencia e identidade".Editora Ática S.A. 1986.
- Nash, E.B. "Fundamentos de Terapêutica Homeopática". Ediciones Lidium, Buenos Aires,1979.
- Paracelso, Teofrasto. "A Chave da Alquimia". Editora Três, SP.,Brasil.1973.
- Paschero, Tomás Paschero. "Homeopatia". Ed. "El Ateneo",1983.
- Paul, Patric. "Os Sete Degraus do Ser". Ed. Ágape, 1995.
- Popp, Fritz-Albert. "Physical Aspects of Biophotons", in Experientia, Vol.44, pp 576 a 585.(1988).
- Prigogine, Ilya. "From Being to Becoming". Feeman, São Francisco, 1980.

- Prigogine, Ilya. "The Philosophy of Instability". *Futures*,21,4,pp 396-400-(1980).
- Prigogine, Ilya & Stengers, Isabelle. *Order out of Chaos: Man's new dialogue with nature*. Bantam Books, Nova Iorque. 1984.
- Puggrós, Ernesto. "Homeopatia Avanzada y Biología". Miraguano Ediciones,1990.
- Rattemeyer, M e F.A. Popp. "Evidence of Photon Emission from DNA in Living Systems ", in *Naturwissenschaften*, vol 68, n. 5, p.577.
- Rosenbaum, Paulo. "Miasmas". Editora Rocca, 1998.
- Roger, Bernard. "Descobrimos a Alquimia". Editora Pensamento, 1988.
- Rohr Richard; Ebert, Andréas. "O eneagrama". Editora Vozes 1999
- Schulz, Mona Lisa. "Despertando a Intuição ". Editora Objetiva, 1998.
- Sheldrake, Rupert. "O Renascimento da Natureza". Editora Cultrix,1991.
- Sheldrake, Rupert. "A New Science of Life", J.P.Tarcher,1981.
- Skolimowski, Henrik. "Universo Participativo e sua metodologia". *Meta*(Revista Holística Transdisciplinar). Unipaz.Editora Uma.1999.
- Stapp, Henry P. "Matter, Mind and Quantum Mechanics. Springer Verlag, Nova york. 1993.
- TRÊS INICIADOS. "O Caibalion". Editora Pensamento.1998.
- Ullmann, Dana. "Homeopatia, Medicina para o Século XXI". Cultrix, 1998.
- Vithoulkas, George; "The science of Homeopathy". Grove Press, Inc., Nova York, 1981.
- Von Bernus, Alexander. "Alquimia Y Medicina". Luis Carcamo Editor, 1981.
- Weil, Pierre. "Holística: Uma nova visão e abordagem do real". Editora Palas Athena, 1990.
- Weil, Pierre; D'ambrosio;Crema, Roberto. "Rumo à nova transdisciplina-lidade - sistemas abertos de conhecimento". Summus, São Paulo, 1994.
- Weil, Pierre. "A neurose do paraíso perdido- proposta para uma nova visão da existência. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/ CEPA, 1987.
- Wilber, Ken (org). "O paradigma holográfico e outros paradoxos. Cultrix, São Paulo,1991.
- Zohar, Danah. "Q.S: Inteligência Espiritual". Editora Record, 2000.
- Zohar, Danah. "O Ser Quântico". Editora Best Seller, 1990.
- Zohar, Danah. "Sociedade Quântica". Editora Nova Cultural, 2000.

